

Rauzi de Carvalho Pereira

Anjo não identificado



ANJO NÃO IDENTIFICADO

Setembro de 1968, em um lugar qualquer da Tijuca, Rafael que se encontrava em um bar, junto a alguns desconhecidos, é preso com algumas outras pessoas, colocado no interior de um camburão (viatura policial) e levado para algum lugar, no qual, com certeza, nunca estivera antes. Não tinha a menor idéia do porquê da sua prisão, mesmo após inúmeras tentativas de se explicar junto aos policiais que o prenderam e o algemaram com as mãos para trás, depois de o revistarem a procura de armas, e de lhe aplicarem alguns golpes vigorosos na cabeça e na altura dos rins, para que se calasse e fizesse o que eles lhe mandassem.

Era impossível, de dentro da caçapa, ver o trajeto que estavam seguindo, tentou indagar dos outros “passageiros”, o que estava acontecendo, mas em vão, eles apenas lhe diziam para ficar calmo que tudo ia dar certo, que não ficariam presos por muito tempo, que era apenas uma rotina da polícia, enquanto conversavam quase em sussurro entre si. Após percorrerem vários e vários quilômetros, pararam junto a um matagal, numa estrada secundária, em um local que não reconhecia, foram retirados do camburão, com muita violência, encapuzados e colocados em outro veículo, do mesmo tipo, já com homens diferentes a bordo, sem nenhum tipo de comentário sobre o fato, apenas com xingamentos e violência.

Pelos fatos que se sucediam na época, era fácil imaginar e deduzir o porquê da prisão de algumas pessoas, sem a mais simples explicação cabível, o porquê do desaparecimento de algumas outras, que militavam em partidos políticos adversos ao governo, muitas das vezes de pessoas com condutas ilibadas perante a sociedade, que jamais se poderia supor que tomavam estes tipos de atitudes, antagônicas aos interesses do governo ditatorial da época, anônimas, armadas, sempre com medo de alguém ou de alguma coisa que era divulgado, em jornais ou em qualquer outro veículo de comunicação, mas com Rafael era impossível que isto pudesse a vir acontecer, pois nunca em sua vida, tivera nenhuma atividade política, pacato cidadão, nenhuma prisão, processo ou suspeita, vida simples, salário baixo, morador de Niterói, no Rio de Janeiro, vida regrada, desenhista de arquitetura por profissão, curso pago às custas de muito sacrifício do pai ferroviário, trabalhava em uma pequena construtora, mãe já falecida, segundo filho de três irmãos, apenas com o segundo grau completo, chamado na época de científico, repetente em vestibulares por três tentativas e desistente na última, três filhos pequenos, jovem esposa proveniente de um rápido namoro, breve noivado e repentino casamento, devido a sua imaturidade, ignorância cultural, audácia e rompante sexual, não tendo, portanto, nenhuma atividade política, para que se justificasse tal prisão.

Durante a longa viagem que se sucedia, a sua cabeça quase explodia de tanto pensar no porquê da sua prisão, será que por estar tão próximo destas pessoas, que jamais vira em sua vida? Será que por ter algum amigo ou parente que militava algum destes partidos sem que ele soubesse? Será que os policiais não o estavam confundindo com outra pessoa? Será que ele seria parecido fisicamente com algum revolucionário? Será que pelo simples fato de estar em um bar tomando um mero

chope, em uma hora vaga, ele não fora preso por vadiagem, comum na época, mesmo totalmente documentado, embora, os policiais, em momento algum, quiseram, pediram ou esboçaram nenhum ato de olhar os seus documentos, era difícil imaginar a razão, não tinha coragem também de perguntar a ninguém, porque se os outros não perguntavam algum motivo haveria, ele notava que sua apreensão e ansiedade contrastavam com a aparente calma dos demais, será que não seria o caso dele também tentar se manter calmo? Será que eles estavam aparentemente calmos, por já estarem acostumados com isto? Se já haviam sido presos antes seria ótimo, porque se nada demais havia acontecido com eles, portanto com ele também nada aconteceria, mas para quem não está acostumado com este tipo de coisa era quase impossível manter-se calmo neste momento, a ansiedade aumentava à medida que a viagem nunca chegava ao final, aumentava à medida que o carro, em decorrência da alta velocidade imprimida e da péssima estrada, com certeza, dava solavancos e saltos, que amontoava todos os presos, nos cantos do veículo, alternadamente, cabeçadas no teto e nas laterais se sucediam, eles se emaranhavam de tal forma que, em determinados momentos, era difícil desvencilhar-se um dos outros, o silêncio aumentava a tensão, o tempo parecia não passar nunca, não se sabia se era dia ou se já era noite, parecia ser um curso intensivo de adaptação para ingressar-se no inferno, havia se tornado um refém do azar, a falta de ventilação, chegando em alguns momentos a lhe faltar o ar, o calor insuportável, no interior do carro, fazia com que o suor escorresse abundantemente do seu rosto, as suas vestes já estavam ensopadas, porém aquele frio de pavor costumeiro na barriga não havia meio de passar, vivia com certeza os seus piores momentos na vida, era um pesadelo infundável, rezava, mas com certeza, o medo era tanto, que as suas preces sequer passavam do teto do carro, que dirá chegar aos ouvidos de Deus, o medo havia atingido toda a sua fé, que a bem da verdade nunca fôra tão intensa, embora tivesse alguns princípios religiosos, costumava ir à missa, com os pais, na infância.

Lembrava-se que quando saíram do primeiro veículo, e foram vendidos, eles eram seis pessoas no total, contando com ele, será que quando entraram no outro veículo continuava em seis, será que alguém havia ficado no outro carro, tentou iniciar uma conversa e ouviu um sonoro:

- Fique calado.

Em voz bem baixa, quase um sussurro, insistiu e recebeu um alto:

- Cala a boca, porra!

Seu medo aumentou numa intensidade tão grande, que chegaram a lhe escorrer algumas lágrimas, lhe dar tremedeiras e vontade extrema de urinar, silenciou-se por completo, embora o seu choro, agora de forma tão incontrolável, fosse o único som que se ouvia no interior do veículo, além, é lógico, do barulho ensurdecedor do motor, ninguém sequer teve curiosidade de saber quem estava chorando, parecia que cada um estava preocupado apenas consigo mesmo, quem seriam estes caras?

Depois de muito tempo, muitas horas, e de percorrerem vários e vários quilômetros, finalmente o carro parou, durante algum tempo ninguém foi falar com eles, eles permaneciam no seu interior, com o carro agora já parado, a sua ansiedade

aumentava: - o que será que vai acontecer agora? Perguntava-se, voltou-se a se iniciar entre os outros presos alguns sussurros, inaudíveis para Rafael, nomes nunca foram pronunciados, tentou se envolver na conversa e ouviu:

- Cala a boca, não fale nada, negue tudo, que tudo vai dar certo.
- Negar tudo o que?

Retrucou já irritado, sem saber quem era o seu interlocutor.

- Fique calado, depois a gente se fala.

Ouviu de volta, sempre em sussurros, isto já estava se tornando desesperador para Rafael:

- Ficar calado porra nenhuma, eu não fiz nada.

Bradou.

- Não grita que você só vai piorar as coisas prá você mesmo, faça tudo o que eles mandarem, mas não diga nada, agora fique calado, que “eles” já devem estar vindo, “seu pessoal” já deve saber que você foi preso, fique calmo.

Ouviu de uma voz bem firme e grave, pensou, que “pessoal”, quem eles estão pensando que eu sou, irritou-se, mas o medo dos homens voltarem era mais forte, calou-se.

Depois de algum tempo, passos e vozes foram ouvidas, na direção do carro, as portas foram abertas abruptamente e repentinamente:

- Prá fora todo mundo!

Alguém berrou, agora se ouvia apenas os homens xingando, berrando e aqueles barulhos característicos de tumulto, como gente sendo arrastada, pancadas e sapateado no fundo do carro, aguardando sua vez, Rafael neste momento era só pavor, logo sentiu mãos fortes lhe agarrarem e lhe arrastarem para fora do carro com bastante violência e ignorância, alternando-se alguns pescoções e socos nas costas, jogaram-no no chão e levantaram-no em seguida:

- Encosta aí no carro!

Ouviu, enquanto notava que alguém estava revirando todos os seus bolsos, e lhe retirava o relógio, de pulseira com fivela, do pulso, única jóia que possuía, sentiu um fio de esperança desta vez, pois achava que agora todos saberiam quem ele realmente era, através dos seus documentos, mas o medo fazia com que nada pronunciasse, olhando para o chão, na direção dos pés, pode notar que já era noite, - Quanto tempo nós rodamos, - que horas seriam? - O que vai acontecer? Perguntava-se, notou dois fortes braços, um de cada lado, arrastando-o rapidamente na direção de algum outro lugar, notou neste momento que apenas ele era levado, pois não sentia mais a

presença dos outros presos, portas se abriam ante ele, ninguém falava nada, de repente ouviu um rangido de uma porta e foi atirado para o fundo de uma pequena sala, pois logo bateu na parede frontal à porta, ouviu a porta desta vez ser trancada, passos se afastando e mais nada, sentado, tentou olhar mais uma vez na direção do chão, mas não enxergava mais nada, era tudo uma escuridão só, ainda estava encapuzado e algemado.

- Tem mais alguém aqui?

Perguntou ao léu.

- Tem mais alguém aqui?

Repetiu, mas ninguém respondia, sentiu então que estava só, tentou se acomodar junto a alguma parede, de forma mais confortável, pois as algemas machucavam sobremaneira os seus pulsos e o corpo doía pela viagem desconfortável que fizera, sentia fome, sede e uma vontade intensa de urinar, mas as mãos algemadas para trás o impediam e o escrúpulo, o pudor e a esperança ainda o tolhiam de mijar na própria calça, sentiu por um momento uma certa tranqüilidade e pôs-se a pensar, porém o medo, o cansaço, a fome, a sede e a ansiedade tomaram de assalto o seu corpo e ele cochilou recostado ao vértice das paredes da sala.

Após um curto espaço de tempo, acordou com o estrondo da porta se abrindo, sentiu ser chutado de forma bastante violenta:

- Levanta.

Alguém gritou, levantou-se com dificuldade.

- Vira.

Alguém o rodou e o empurrou violentamente na direção da parede, sentiu uma dor desgraçada no nariz, sentiu o sangue escorrer, havia batido com o rosto na parede, sentiu as algemas sendo retiradas.

- Bota as mãos prá cima, na parede.

Ouviu de novo, enquanto lhe retiravam o capuz da cabeça, notou uma tênue luz acesa, ao ter dificuldade de enxergar, tentou secar o nariz com o antebraço e só aí se convenceu que realmente era sangue, embora em pequena quantidade.

- Senta aí de novo.

Tornou a ouvir, enquanto era empurrado para baixo, ao sentar-se notou no chão uma vasilha com comida e uma caneca de água, sentou-se, a porta foi trancafiada, a luz apagada, limpou com o antebraço e massageou o nariz durante algum tempo, puxou no tato a vasilha de comida e a caneca d'água para o vértice da parede, arrastou-se para o vértice frontal e mijou copiosamente, arrastou-se de volta e começou a comer, com as mãos, pois não havia talher, e a beber, notando a péssima qualidade da comida nem terminou, lavou o nariz com o resto da água, agora livre das algemas podia

esticar-se melhor e tentar dormir, mesmo naquele chão duro, sujo, fétido e sem nenhuma forração, mas tornou a pensar no acontecido, ainda não acreditava que isto estava acontecendo com ele, justo com ele, porque não perguntara o porque desta situação, prometeu a si mesmo, que na primeira oportunidade, acontecesse o que acontecesse, ele perguntaria, tentaria um diálogo com estes homens, mesmo correndo o risco de ser espancado, pois já se dera conta de que era o que aconteceria, em função dos atos violentos e rudes praticados por eles neste curto espaço de tempo, percebeu que sequer havia prestado atenção nas feições dos homens, não sabia sequer como estavam vestidos, mesmo porque estava encapuzado, e quando sem capuz, a luz o cegara momentaneamente e estava de costas para eles, seriam mesmos policiais? Indagava-se, se deu conta do perigo que estava correndo, embora ainda tivesse esperança de que “amanhã” eles lhe chamariam, se desculpariam e lhe mandariam de volta para casa, para sua sagrada casa, junto a seu pai, sua mulher e seus filhos, que a propósito havia se esquecido, “- Eles devem estar bastante preocupados comigo”, imaginava, “- como será que está meu pai, Marli, ciumenta como é, no mínimo está pensando que eu estou em alguma farra por aí, e as crianças? Será que estão bem, tomara que sim, e o meu trabalho, tenho que arranjar um meio de mandar algum recado para eles, me justificar será que vai dar? E os outros caras que também foram presos, onde será que eles estão?” A sua cabeça estava a mil, a sua adrenalina lá em cima, sentia muito medo, muita ansiedade, muita agonia, muita apreensão, sentiu-se cansado, dormiu.

II

Neste ínterim toda a sua família estava em polvorosa, Rafael não costumava sumir assim, caseiro, era lógico que alguma coisa de grave havia acontecido com ele, nunca fora de levar tanto tempo fora de casa, nem na sua juventude, sem mandar um aviso qualquer, fora procurado em todos os lugares possíveis, imagináveis e inimagináveis, amigos, parentes, vizinhos, colegas de trabalhos todos foram contatados para se saber o seu paradeiro, procurou-se por todos os lugares comumente por ele freqüentado, Marli mantinha uma calma aparente, para não apavorar “Seu Zé”, seu sogro, já com certa idade, hipertenso, cardíaco, alegre e sempre bem humorado naturalmente, perdera toda a sua alegria e o seu bom humor em decorrência destes fatos, e também os seus filhos, que já perguntavam insistentemente pelo pai, as respostas já estavam escasseando, tinha a esperança de que a qualquer momento, Rafael adentraria a porta, calmamente, como se nada houvesse acontecido, porém com o decorrer dos dias, a sua calma transformou-se em desespero, pensamentos ruins começaram a passar pela sua cabeça, não queria dramatizar a situação, mas já fazia tempo demais do sumiço de Rafael, atitudes doídas e drásticas, haveriam de ser tomadas, denuncia à polícia, visitas às rádios, procura em hospitais e prontos socorros, necrotérios, Marli não queria chegar e estes extremos, mas era hora de cair na realidade, de se por os pés no chão, faria todas estas coisas apenas com a ajuda dos cunhados, que a bem da verdade foram incansáveis a procura do irmão, porém sem o conhecimento e a interferência do “Seu Zé”, para não desgasta-lo, nem preocupa-lo, para não agravar a sua já debilitada saúde, recorreu a tudo e nada de notícias sobre Rafael, visitou vários necrotérios para identificar entre vários indigentes se algum deles poderia ser o seu marido, era um martírio constante, torcia intimamente para que nenhum deles fosse o seu amado

Rafael, ela não suportaria este fato, passou a ler diariamente todos os jornais na esperança de que neles contivessem alguma notícia que pudesse lhe dar algum alento, mas nada, muito tempo se passou, “Seu Zé” sofria demais com o desaparecimento do filho, era comum vê-lo pelos cantos a chorar, seus filhos não lhe davam sossego com tantas indagações, sofria sozinha, tanto com a ausência dele como de saudade, de ansiedade, de falta de informações a seu respeito, chegando a ponto de desejar alguma, mesmo que fosse a pior de todas, a de sua morte, era uma mulher muito forte, mas tudo tem um limite, na solidão do seu quarto, à noite, extravasava todo o seu desespero, toda sua saudade, com lágrimas em cachoeiras, não conseguia dormir e não entendia como não acordava deste terrível pesadelo, orava muito, precisava, pois o fardo a ela destinado estava de fato muito pesado, para que ela, sozinha, tivesse que carrega-lo, o sogro doente, três filhos menores, tendo o do meio, o Rodrigo, uma doença, infecção urinária que requeria cuidados e atenções especiais, mas aceitava-o resignadamente, dando sempre a “Deus”, o direito de fazer com ela o que “Ele” quisesse, blasfemar nunca, pedia somente que lhe desse forças para não sucumbir, ante os problemas, as adversidades e os obstáculos, que a vida teimava em colocar em seus caminhos, era sem dúvidas uma grande mulher, forte, e ao mesmo tempo meiga, terna e o seu amor ilimitado, tinha, por obrigação e determinação, que manter sempre acesa as chamas da esperança, pois só assim conseguiria forças para manter-se de pé, ereta e viva, não podia deixar nunca transparecer o seu desespero, a sua dor, trabalhava como uma leoa para cuidar da casa, dos filhos e do sogro doente, vivia do salário da aposentadoria do sogro, pois nem sequer sair para trabalhar podia, era na verdade uma árdua missão que recebera, mas que se esforçava muito e tinha muita disposição e determinação para cumpri-la.

José Lima da Silva o “Seu Zé”, pai de Rafael, sempre fora uma pessoa divertida, simpática, bem humorada, alegre, perspicaz e picante nas suas insinuações e tiradas, admirador e atuante de rodas de piadas, funcionário da rede ferroviária, já aposentado, flamenguista roxo, freqüentador assíduo das serestas das adjacências, onde costumava tomar as suas cervejinhas e até se arriscar a cantarolar algumas músicas, com 59 anos de idade, viúvo já há muitos anos, criou os três filhos, meninos, praticamente sozinho, pois quando enviuvara, seu filho mais velho tinha apenas nove para dez anos de idade, o Celso, Rafael tinha apenas oito e Oto seis, lutou muito e bravamente, para cria-los, educa-los, para torna-los homens de bem, dignos, honestos, decentes, para que estudassem, o que só conseguiu em parte, salário curto, porém com uma humilde casa própria despesas em demasia, empregada doméstica, que era quem mantinha a casa asseada, a roupa lavada e passada e a comida pronta, porém somente até a hora do jantar, quando ia para a sua casa, e o deixava com os seus três filhos pequenos, nunca casou de novo, pois mantinha muitas saudades da ex-esposa, com quem vivera um grande amor, a quem homenageava com as suas músicas nas serestas, mesmo sendo homenagem póstuma, o que fazia com que constantes lágrimas de saudades rolassem daqueles olhos cansados e sofridos, e com que a sua pequena, porém afinada, voz embargasse com freqüência, vivera a partir daí somente e tão somente em função dos filhos, a quem dedicou todo o amor possível acumulado com a perda da ex-esposa, notava-se, por vezes, quando só em sua residência, claramente a sua solidão e a sua angústia, católico fervoroso, temente a Deus, porém não freqüentador na atualidade, quando a sua mulher ainda era viva, costumava freqüentar a missa aos domingos junto aos filhos pequenos com o claro

intuito de iniciar-lhes na religião e acompanhar a mulher, o que fazia com grande satisfação e orgulho, disfarçava a sua solidão demonstrando grande alegria, mas intimamente notava-se a sua angústia, tinha alguns problemas de saúde, como hipertensão arterial, o que fez com que se tornasse cardíaco, tanto sofrimento e dor pela vida a fora com tanta resignação, e agora este perda irreparável de um pedaço dele, de um filho, a quem tanto amava, a quem tanto se dedicara, de quem tanto se orgulhava, não só dele como de todos os outros, que também já eram casados e com filhos, todos bem empregados, porém o único a morar com ele era Rafael, com a sua família, logicamente.

III

Quando o dia começou a clarear, Rafael acordou, viu um tímido raio de sol entrar por um pequeno buraco bem no alto da parede, com barras de ferro a lhe trancar, pela sua intensidade, percebeu que ainda deveria ser bem cedo, olhou ao redor e notou a sala em que estava, era bem pequena, fria, com as paredes todas desenhadas, e escritas, pichadas mesmo, notou que a porta era toda gradeada verticalmente e de ferro, com um imenso cadeado, trancando um grande ferrolho, parecia uma cela, não parecia, era uma cela, totalmente vazia, apavorou-se, pela porta via-se apenas um estreito corredor, tentou olhar de lado para ver mais alguma coisa, não se via mais nada, apenas o corredor, sujo, meio escuro percebeu o chão imundo, e sentiu nojo, náuseas de ter dormido ali, pelos desenhos e palavras escritas na parede se deu conta de aquele lugar já encarcerara muita gente, sentou-se e passou a ler e olhar os desenhos com muita atenção, de repente ouviu portas se abrirem, ficou imóvel, estático no canto da sala, encolhido, cotovelos por sobre os joelhos, das pernas semi-retraídas, dedos entrelaçados, sem sequer ter a coragem de olhar na direção da porta, olhando apenas para o chão da parede oposta, a sua porta então se abriu, arriscou um olhar, dois homens abriam o seu cadeado.

- Vamos embora, rapaz.

Levantou-se rapidamente na esperança de estar em liberdade, descontraíu-se, relaxou, andou na direção da porta e dos homens, quando um violento soco atingiu-o na “boca do estômago”, bem no diafragma, perdeu todo ar, arriou, a voz não saía nem para gritar de dor, os homens o levantaram e o arrastaram para fora da cela e pelo corredor em direção a uma outra porta no final dele, sentia uma dor intensa, mais uma porta se abriu e ele fora lançado sobre uma cadeira, numa sala escura, com um forte clarão de luz bem no seu rosto, mal conseguia abrir os olhos, tamanha a intensidade da luz, atrás do foco de luz via apenas sombras, a dor ainda era intensa, curvou-se para frente enroscando-se por sobre o estômago, para aliviar a dor, mãos fortes o esticaram de novo.

- Senta direito.

Alguém gritou.

- Como é o seu nome?

Alguém perguntou asperamente.

- Rafael Vieira da Silva.

Respondeu com dificuldade, quase gaguejando, com a voz muito baixa e presa em virtude da falta de ar.

- Não ouvi nada, fala alto.

Alguém falou.

- Rafael Vieira da Silva.

Tornou a tentar falar, porém aumentou mais o tom da voz.

- Seu nome verdadeiro, rapaz.

- Rafael Vieira da Silva.

Repetiu quase com arrogância, sentiu um vácuo intenso no interior dos ouvidos e uma dor intensa, alguém bateu com as duas mãos em formato de concha, u'a mão de cada lado por sobre as suas orelhas, quase lhe arrebatando os tímpanos, ensurdeceu, arriscou olhar para trás e viu um vulto imenso sentado atrás dele.

- Isto é para desentupir os seus ouvidos, para você ouvir direito e dar as respostas certas, não brinque com a gente rapaz, você não é capaz de adivinhar o que nós podemos fazer, se você se atrever a tentar nos enganar, pense bem antes de responder, qual é o seu nome?
- Meu nome é este mesmo, porra, vocês estão com os meus documentos basta verificar.
- Então repete seu nome, rapaz.
- Rafael Vieira da Silva.
- Tá bom então "Rafael", o que vocês estavam fazendo naquele lugar.

Tornou-se a perguntar.

- Eu estava só tomando um chope, saí do trabalho, tinha acabado de chegar...
- Quem são os seus amigos?
- Que amigos? Aqueles caras? Eles não são meus amigos, eu nunca vi aqueles caras, em toda a minha vida minha vida...

Levou um soco violentíssimo na altura dos rins, que o derrubou da cadeira, tornaram a pô-lo sentado.

- Fala a verdade que vai ser melhor prá você, rapaz, seus amigos já contaram a parte deles, e disseram que você é que chefiava toda a operação, mas nós estamos querendo ouvir da sua própria boca, como é que é?
- Eu não chefiava nada, nunca vi aqueles babacas em toda a minha vida, eles estão é malucos...
- Não é o que eles dizem, e olha que eles são em maioria e todos dizem a mesma coisa, acho bom você falar a verdade.
- A verdade é esta, eu não sei de nada, estava só tomando um chope, não conheço aqueles caras, e não sei de operação nenhuma, eles estão malucos...

Gritou agora já enraivecido Rafael, quando dois dos homens o puseram de pé e o seguraram enquanto um outro lhe aplicava murros e mais murros na barriga, e na cara, lhe arrebatando todo o nariz já ferido, os olhos e a boca, Rafael gritava, berrava enquanto dizia ao homem que fazia as perguntas, quase implorando:

- Eu não fiz nada, meu amigo, por favor, pára com isso, eu não sei de nada, eu estava só tomando um chope, tinha saído do meu trabalho e já ia embora prá casa...

Os homens pararam por um momento de lhe bater, Rafael sentia dores horríveis, levantaram-no e o arrastaram novamente para o interior da mesma cela onde estivera anteriormente, ante de lhe soltarem, aplicaram-lhe mais dois socos violentos no rosto e lhe jogaram no canto da cela:

- Ele vai falar.

Os homens comentaram entre si, Rafael sentiu-se quase feliz quando ouviu o ferrolho sendo fechado, sangrava muito, sentia ira, medo, raiva, ódio, pavor, dor, aflição, agonia e todos os demais sentimentos que pudessem externar estes momentos pelo qual passara, tirou a camisa e tentou limpar todo o sangue que escorria, junto às lágrimas, pelo seu rosto, que parecia em chamas de tanta ardência e dor, durante o resto do dia não foi mais importunado pelos homens que o agrediram, porém em compensação não recebera nem água nem comida, fizera as necessidades fisiológicas em um dos cantos da cela, tinha sede, muita sede, deduzia facilmente o que eles queriam saber, mas como lhes explicar coisas das quais não tinha o menor conhecimento, que operação seria esta? Porque os outros presos disseram que era ele quem chefiava? Com certeza estavam livrando as suas próprias caras e lhe botando no fogo, sabia que eles voltariam, mais cedo ou mais tarde.

No dia seguinte todo este drama se repetiu, seu rosto parecia que estava esfacelado, não tinha mais com o que limpa-lo, a camisa agora estava até endurecida pelo sangue petrificado nela, a fome e a sede tiraram todas suas forças, chorava, sentia-se terrivelmente só, rezava, agora com bastante fé, pois era a única esperança que restava, pensava: “- Onde será que estão aqueles caras que me acusaram,

aqueles desgraçados, covardes, safados, pilantras, filhos das putas, pena eu não dar de cara com um deles pelo menos, como é que pode uma pessoa acusar outra desta forma;” estava irado, possesso e tomado pelo ódio.

Mais sessões destas se sucederiam, dia após dia, agora pelo menos nos intervalos da pancadaria lhe davam água e durante a noite comida da pior espécie, porém que o desespero da fome o fazia degustar como se fosse um manjar enviado pelos deuses, o castigo aplicado dia a dia tornou a sua imaginação fertilíssima, agora para se livrar dele já começava a inventar estórias também sobre os outros presos a partir das afirmações dos seus interlocutores, bastava uma afirmação deles para ele logo expandi-la e confirma-la, com isto ficou sabendo os pré-nomes de todos eles: Roberto, Vladimir, César, Carlos e José Luiz, sobrenomes nunca, durante pouco tempo deu certo, eles logo perceberam a trama, e dobraram o castigo, e ainda diversificaram, com beliscões de alicates, enforcamentos, eletrochoques com o corpo molhado, agulhas rombudas por sob as unhas, queimaduras de cigarro, telefones, pancadas com tábua estreita por sobre os rins, pancadas nos joelhos, período maior sem água e comida, que eles chamavam de ração, na realidade era mesmo, porque ele era tratado como um animal da pior espécie, seu corpo já suportava melhor a dor, seu rosto, sujo, endurecido pelo sangue coagulado, colado a sua já grande barba, olhos inchados, supercílios abertos, com a única peça de roupa que era a calça já em frangalhos, até mesmo a cueca havia servido para lhe limpar o rosto, dedos todos doloridos, mal podia caminhar no interior da cela, que fedia por si só e em decorrência do grande acúmulo de fezes e urina amontoadas no canto anteriormente escolhido para ser o seu sanitário, era a degradação total de um homem de bem, já não tinha mais a capacidade de pensar nos seus familiares, nem no trabalho, nem nos amigos, nem no Flamengo, em nada, a não ser o medo e o pavor de chegar o dia seguinte, não tinha mais a menor noção de quanto tempo estava ali, porém se deu conta que estava ali já há muito tempo, pois a sombra das barras de ferro, que o sol exibia no chão mudara de lugar, o frio já era uma constante, aproveitando-se disto, aqueles homens, acordavam-no durante a noite com jatos intermitentes de água, e algazarras ensurdecedoras, como se sentissem prazer com esta maldade, tosses, gripes e até pneumonia se apossou do pobre rapaz, momentos havia em que teve vontade de morrer, neste momentos blasfêmias eram comuns, renegava Deus, no momento seguinte pedia para que ele lhe ajudasse, no outro para que ele o levasse e o livrasse desta tortura infernal e diabólica.

Algum tempo depois, por coação e pressão soube que dois daqueles outros presos haviam morrido, supôs que fosse em decorrência dos maus tratos, da tortura, não era suposição, tivera certeza quando lhe disseram que o mesmo aconteceria com ele caso não colaborasse, só então soube há quanto tempo estava ali, pois um dos homens deixou escapar com esta frase:

- Cara, será que vamos precisar de mais dois anos para fazer você contar tudo, ou será que vai ser preciso morrer outro companheiro seu?

Não era possível, pensava ele, deve ser mais um dos truques deles para me fazerem falar, não acredito que já se tenha passado tanto tempo assim? Voltou a pensar na sua família: “- Já devem pensar que eu estou morto, meu Deus!”

IV

Era um fato, “Seu Zé”, seu pai, tivera um derrame, um aneurisma, em decorrência da sua saúde já debilitada associada a perda do filho, já haviam se passado 2 anos do seu desaparecimento, caminhava arrastando a perna e falava com bastante dificuldade, em função disto mais saudades tinha, pois achava que esta sua situação era em decorrência da morte, do desaparecimento, do filho e por isso mais as lembranças lhe afloravam, chorava muito e constantemente, por vezes falava até em morrer também, fazendo com que todos os seus outros filhos, sofressem paralelamente, tanto pela dor e angústia do pai, como pela perda do irmão, Marli cuidava dele como se seu pai fosse, com toda a paciência possível, com muito amor, com muito diálogo, confortando-o, nas horas da dor, sempre carinhosamente, demonstrando resignação, embora, intimamente, também sofrendo muito, seus filhos já estavam mais conformados pela ausência do pai, crianças que eram, já não perguntavam tanto por ele, haviam se acostumado com a sua ausência, Marli ainda que remotamente, mantinha a esperança de que Rafael voltaria, não admitia de maneira alguma a sua morte, ele não a deixaria sozinha com todos estes problemas, não se ausentaria nas horas em que ela tanto precisava dele, não fugiria das adversidades, preferia pensar sempre no seu desaparecimento, pequenos detalhes do seu dia a dia, traziam imediatamente a Marli lembranças e saudades de Rafael, roupas para lavar, passar, prato na mesa, hora de acordar, hora de dormir, músicas, filmes tudo afunilava para o seu convívio diário, embora curto com Rafael, lembrava-se, à noite na solidão do seu quarto, do seu início de namoro, quando Rafael a abordou pela primeira vez, numa seresta, muito tímido, quase gaguejando, embora anteriormente já houvesse trocas de olhares, vários flertes, em outras serestas, em clubes das adjacências, e comentários com algumas amigas sobre ele, era um “pão”, adjetivo que qualificava, à época, um homem atraente, bonito:

- Posso sentar aqui com você.

Disse já sentado à mesa em que ela se encontrava, com uma colega.

- Você está sozinha? Está esperando alguém? Vem sempre aqui? Gosta de seresta?

Perguntava sem sequer dar tempo a Marli de responder, em razão do nervosismo e sem sequer perceber a presença da sua amiga, quanta saudade! Lembrava-se ainda da sua primeira saída com Rafael, na semana seguinte, para ir ao cinema, para assistir ao filme “Dio como te amo”, sucesso da época, que fazia, no final, com que todas as moças chorassem torrencialmente, face à grande estória de amor, enredo do filme, em que ela teve que engolir todo o seu pranto, e voltar para assistir o filme mais uma vez, sozinha, para não ter que chorar na frente de Rafael, que aproveitando deste enredo fez juras de amor eterno, aproveitando disto para beijá-la pela primeira vez, dizendo que eles viveriam a partir dali uma história de amor tão grande e tão intensa como a da trama do filme, ou até mesmo maior. Marli lembrava-se destes fatos, chorando copiosamente, por sobre o travesseiro, que era no momento o único a retribuir o seu abraço, de saudade, de paixão, de carência afetiva, de carência amorosa, lembrava-se dos inúmeros beijos, e dos mais variados tipos de abraços

jamais recebidos, com certeza, por nenhuma outra mulher no mundo, achava que o seu amor era único, só comparado ao de Gigliolla Cinquetti, a atriz italiana, protagonista do filme, lembrava-se também do curto noivado e do repentino casamento, em função de uma gravidez prematura, que causou um terrível escândalo junto à sua família, das broncas e dos xingamentos e das proibições que recebera dos seus pais, suportando e sobrepujando tudo com a certeza do enorme amor que os unia, doera, mas valera a pena, pois demonstrara a todos que a sua gravidez não fora um erro, um rompante e sim uma demonstração grandiosa e impetuosa de amor, que se entregara não a um homem qualquer e sim ao único homem que verdadeiramente amou em sua vida, ao homem dos seus sonhos, o seu príncipe, sentia-se orgulhosa pelo fato e não envergonhada, abatida, sentia-se mais mulher que todas as outras, uma mulher especial.

A sua vida ao lado de Rafael passava pela sua mente como se fosse um filme, lembrava com clareza cada detalhe da sua vida, lembrava-se do período glorioso do crescimento da sua barriga, exibia-a a todos como se um troféu fosse, cada centímetro crescido, era uma comemoração particular entre os dois, cada visita médica, cada receita, cada peça do enxoval, adquirida, cada chute do neném era um prazer, a gestação do seu primeiro filho uniu-os ainda mais, a chegada de Rafael em casa após um dia estafante de trabalho, era sempre ansiada, aguardava-o bonita, banhada, cheirosa, terna, carinhosa, meiga, afetuosa, atenciosa, era como se um grande general romano houvesse regressado de uma guerra muito longa, duradoura, fazia questão de vê-lo feliz, de fazê-lo feliz, de preparar o seu jantar com um carinho todo especial, de lhe arrumar uma bonita mesa, de lhe contar cada detalhe e cada fato ocorrido durante o seu dia, e de saber cada detalhe do seu, vivia uma vida que por muitas e muitas vezes rogou a Deus que tivesse, pois sempre sonhara com ela.

O nascimento do primeiro filho, quanta alegria sentiu, sentiu-se de fato agora uma verdadeira mulher, pois agora era mãe, um menino, grande, saudável, corado, “a cara do pai”, “- Vai se chamar Rafael Vieira da Silva Júnior, como o pai, e será um grande homem, como o pai, e será um homem digno e honesto, como o pai, será como o pai em todos os aspectos”. Rafael era para Marli um exemplo, um herói, um homem único, ímpar, soberano, absoluto, um homem maravilhoso por si só, “- E agora onde andará este homem que eu amo tanto? Porque Deus resolveu afasta-lo de mim”? Divagava entre tantas lembranças maravilhosas. Rafael era uma felicidade só, agora era pai, comemora muito com o seu pai, seus irmãos e seus amigos, deitava na cama ao lado do filho e ficava admirando-o em cada célula do seu corpo miúdo, sorriso estampado no rosto bonito, coração descompassado de tanta alegria, notava-se claramente e transparentemente a sua felicidade, demonstrava ternura, amor, e fazia declarações constantes, de amor, para Marli, como se ela fosse a sua rainha, a sua deusa. Mais duas gestações se sucederam em curtos espaços entre elas, sempre com as mesmas demonstrações de amor e carinho, vieram Rodrigo e Rafaela, respectivamente, para enchê-los ainda mais de amor, complementar-lhes a felicidade, lembrava-se de cada gestação, de cada nascimento em particular, vinha-lhe a mente o rosto sorridente de Rafael, como se ele estivesse muito próximo dela, como se ele estivesse ali, ao seu lado, vezes havia em que ousava toca-lo, mas só acertava o vazio, muito tempo já se passara, dois longos anos, na realidade, e mesmo assim ainda mantinha viva e acesa na sua memória todas as particularidades das feições de

Rafael, seus olhos, sua boca, sua linda cova no queixo, não se apercebeu de que não dormira, nem sequer pregara os olhos, e que o dia já começava a raiar, reiniciando-se toda a sua rotina diária, repetindo desta forma, tantas outras noites iguais em pensamentos, lamentos e divagações, mais uma noite sem dormir, mais um noite de angústias, incertezas e desilusões terminava sempre lendo uma trova feita por Rafael para ela:

*“Nosso amor foi tão sublime,
tanto o seu quanto o meu
mataria até de inveja Julieta e Romeu.*

*Me dopava com teus beijos,
me embriagava de abraços,
viajava nas carícias,
perdia até o compasso.*

*Quando na cama eu te tinha
era como se nada existisse,
a gente se entrelaçava
mesmo que o mundo caísse.*

*Parecia que até
nossas almas nos deixavam
e voltavam envergonhadas
quando tudo terminava*

*Era tanta entregação
era tanto amor fiel
acredito até que os anjos,
aplaudiam lá do céu.*

*Nosso amor era na sala,
na cozinha e até na mesa,
quando você apagava
eu te mantinha acesa.*

*Às vezes me derrotava,
às vezes eu enfraquecia*

*mas o que você inventava
era até covardia.*

*Nosso amor era de dia
de noite ou madrugada
você sempre motivava
se mostrando apaixonada.*

*Te amei e fui tão amado
que isto me assustou
tive medo de morrer
de overdose de amor.”*

V

Os castigos para Rafael se repetiram por anos e anos, embora ele não tivesse sequer a noção do tempo, porém depois de certo tempo parou, durante muito tempo não fizeram nada com ele, até estranhou, será que se esqueceram de mim? Pensava; - Será que já se convenceram que eu não sei de nada? Que não sou quem eles estão pensando? Não interessa desde que me deixem em paz. As suas feridas até tiveram tempo de cicatrizar, as dores já estavam até curando, já estava até mais calmo, lhe deram algumas peças de roupas, a ração e a água já eram freqüentes, não via mais ninguém, além do homem que vinha lhe trazer a comida e a água, sempre à noite, mal notava as feições dele, devido à escuridão, vinha sempre com uma lanterna, e a tênue luz da cela não dava para identificar nada, a tosse sempre freqüente havia melhorado, o raciocínio e as lembranças constantemente lhe falhavam, mas não sumiram, vivia como um animal enjaulado, porém sem castigo, sem humilhações, sem degradação, já era alguma coisa.

O tempo foi passando e depois de muito tempo, aquele homem que lhe trazia a comida fora substituído, notou apenas pela silhueta do corpo agora mais larga, deduzira que ele era mais gordo, que o anterior, a comida melhorara de qualidade, já comia duas vezes por dia, lhe deram novas roupas, velhas, mas novas para ele, um colchonete para dormir, uma coberta, mudaram-no de cela, agora mais espaçosa, com um pequeno e rudimentar sanitário, com água até para banhar-se, toalhas, sabonete, barbeador, espelho, tesoura e até luz, visita médica e medicamentos, ventilação mais abundante, conseqüentemente mais luz solar, estava tudo muito estranho, já calejado pelo sofrimento achava que alguma coisa ruim estava por vir, ou então eles estavam mudando de tática, para fazê-lo falar o que com certeza ele não sabia, mas pelo menos a situação estava muito melhor do que antes, porém até então ninguém lhe dirigia mais a palavra, nem para xinga-lo, ou humilha-lo limitava-se a fazer o que os “hóspedes” anteriores faziam, riscar e desenhar nas paredes, com um pequeno pedaço de casca de ferro, conseguido através da oxidação das barras da grade da janela, escrevia sempre as mesmas coisas: Rafael, Rodrigo, Rafaela e Marli, dentro de corações, e “*God is love*” (Deus é amor) entre aspas e sublinhado, isto era bom

pois embora houvesse por vezes blasfemado, não se esquecera totalmente de Deus, ousava cantar, bem baixinho, por vezes, músicas de serestas que conhecia, devido a sua frequência em eventos deste tipo, pois tal qual seu pai, adorava uma seresta, algumas ocasiões até arriscava cantar algumas canções, em público, músicas cantadas por Nelson Gonçalves, Anísio Silva e Altemar Dutra entre outros, por vezes cantarolava: “Sentimental eu sou, eu sou demais, eu sei que sou assim, porque assim ela me faz...” música que uniu ele a Marli numa destas serestas, quando ele se arriscou a cantá-la, e desta forma eles consideravam a “nossa música”, mantinha de alguma forma, mesmo inconsciente, a sua memória e o seu raciocínio em constante atividade, mesmo através das lembranças, da saudade, da ausência, tinha uma enorme esperança de que toda a sua vida voltaria ao normal, chegava ao ponto de ensaiar o que diria à sua família quando do seu regresso, o que diria a seu pai?, Sonhava com o abraço que daria em seus filhos, e os beijos em Marli, “- E Marli será que ainda está tão bonita e meiga como antes? E meu pai será que já se aposentou? Faltava tão pouco tempo, será que ele está bem de saúde? E meus irmãos, e as crianças será que vão bem na escola? Será que sentem a minha falta? Claro que sim, e o Flamengo será que é o campeão atual?” Seu mundo se resumia apenas a estes tipos de lembranças ou aos sofrimentos passados neste labirinto onde sempre se deparava com a porta do inferno, vida sem memória, sem história, presente sem um passado digno, e o futuro, que futuro poderia ter alguém que tem um presente deste tipo, com estas amarguras, com estes sofrimentos, por vezes entrava numa depressão tão grande, que os seus prantos poderiam ser ouvidos a quilômetros de distância, mas ninguém ouvia, via-se abandonado, sentia-se só, muito só.

VI

O que melhorara para Rafael piorara para todo o resto de sua família, pois ela, após quase quatro anos do seu desaparecimento, fôra comunicada de que ele estava morto já há algum tempo, que seu corpo fora encontrado, carbonizado e dilacerado, junto a alguns outros amigos, em um carro, acidentado, caíra em um abismo e explodira, em uma estrada secundária no interior de São Paulo, após uma tentativa frustrada de assalto a uma agência bancária, há aproximadamente dois anos e meio atrás e que só agora a polícia conseguira localizar os familiares; segundo o relato da polícia, Rafael e mais três amigos, se envolveram em atividades terroristas, há alguns anos e em função disto tiveram que se afastar da família para não compromete-los nem envolve-los e manterem-se no anonimato, foram designados, aleatoriamente para atuar em São Paulo, comandando pequenos grupos terroristas, quando foram presos, e ficaram por um longo tempo cumprindo pena, com nomes fictícios, em documentos falsificados, não descobertos pela polícia paulista, após libertos, eram incansavelmente vigiados, razão pela qual, ficaram impossibilitados de agir, e proibidos de deixar o estado, resolveram então assaltar uma agência bancária, para conseguirem fundos para a instituição clandestina, segundo se apurou, mas como eram constantemente vigiados, foi fácil interceptá-los, no momento de iniciarem tal operação foram pegos em flagrante total, porém resolveram reagir e atiraram contra a polícia, conseguindo desta forma, chegar ao veículo e fugir, foram perseguidos pela polícia, numa caçada longa e cinematográfica, com tiroteio de ambos os lados, até que, em uma curva, junto a um abismo o motorista do veículo fora atingido, perdendo o

controle sobre o carro e indo cair no despenhadeiro, tendo o carro explodido ao chocar-se com algumas pedras imensas, no fundo do abismo.

Em virtude dos nomes fictícios, utilizados por eles, tornou-se muito difícil para a polícia, identifica-los imediatamente, e também por serem oriundos de outros estados, só agora é que conseguiram, e localizaram as famílias para comunicar-lhes este fato lamentável.

Marli se negou a acreditar em tal relato, relutou muito, era impossível, não o Rafael, isto não podia ser verdade, eles estavam confundindo Rafael com outra pessoa, ou outra pessoa com Rafael, isto só poderia ser mentira, eles estavam enganados, redondamente enganados, não era possível, mas fotos de sucatas do veículo, do local do acidente, de corpos dilacerados e carbonizados, fotos com pedaços das fotos da carteira de identificação, com nomes falsos, certidão de óbito já com o nome certo, exibidos a Celso e Oto, seus cunhados, no intuito de poupa-la, tornaram toda a exposição da polícia bastante verdadeira, e irrefutável, não havia mais dúvidas, Rafael agora estava verdadeiramente morto. “Seu Zé” não poderia ficar sabendo de nada disto em hipótese nenhuma, resolveram entre si, pois se para ele Rafael já estava morto, era melhor que ficasse assim, que ele acreditasse nisso, ao invés de ter que matar Rafael mais uma vez, para ele, e ainda ter que denegrir toda uma imagem bonita, decente e honesta que ele guardava, na memória, do filho, Marli custou muito a acreditar em tal história, não conseguia crer nisto, não o Rafael, o seu Rafael, porém quando os seus cunhados se propuseram a lhe convencer, convencidos que estavam, e que conseguiram, sentiu um misto de dor, pela perda agora real, angústia pelo amor a ele dedicado e ódio por Rafael tê-la enganado desta forma, seus irmãos ficaram estupefatos com tal revelação, porém não tinham mais nenhuma dúvida da morte de Rafael, principalmente pelos fatos expostos, e a avalanche de provas trazidas, pela polícia, como não acreditar, como duvidar, pois se não tinham condições de nem sequer checar ou apurar estas informações, devido a distância do ocorrido, e o tempo em que tais fatos se sucederam.

Marli mais uma vez, só, no reduto do seu quarto, pôs-se a pensar, “- Não dá para acreditar nisto, como é que Rafael pôde fazer uma coisa desta comigo? Colocar a mim e a seus filhos em segundo plano na sua vida para pôr em prática ideais imbecis? Como ele conseguiu me enganar tanto? Como eu nunca percebi nada? Não é possível”. Marli achava que estava coberta de razão, sentia-se traída, achava que vivera com um homem que verdadeiramente não conhecia, pôs a sua morte em segundo plano, limitou-se apenas a destilar o veneno, fabricado pelo seu ódio, que Rafael não a amava suficientemente para compartilhar com ela os seus ideais, os seus planos, era um impostor, um farsante, dedicou toda a sua vida a um homem que não a merecia, todas as suas boas lembranças foram apagadas por estes novos fatos que agora afloravam, e que não podiam ser contestados, todo o seu amor, dera lugar a lampejos de ódio e decepção, não conseguia raciocinar de outra forma, porém agora se apercebera que estava livre do falso fantasma de Rafael, ele agora era um fantasma real, e ela uma viúva, ela o odiava, “- Mas como ele pode me deixar com o seu pai doente, com nossos filhos, com Rodrigo precisando de cuidados especiais, de atenção especial; em virtude da sua doença, agora renal, grave, com algumas internações de urgência, remédios caríssimos, transporte para clínica; da ausência da figura paterna, com problemas

financeiros, como?”, não se conformava com tal situação, estas revelações caíram como uma bomba em sua vida, e explodiu todo o seu belo passado, amaldiçoou a sua convivência com Rafael, durante alguns lampejos de clarividência se indagou como recomeçar a partir de agora, era para Marli um novo marco na sua vida todas estas revelações, o que dizer a seus filhos? Será que deveria deixar tudo como está e deixar o tempo se incumbir de mostrar-lhes a real estória? E quando encontrasse “Seu Zé” chorando pelos cantos por seu filho, deveria continuar a acalenta-lo, acalma-lo e sentir pena dele, ou traze-lo para a realidade dos fatos, mostrar-lhe o quanto canalha, traidor e bandido seu filho era na verdade, “Seu Zé” não compreenderia e nem acreditaria numa palavra sequer, Marli tinha certeza disto, e resolveu deixa-lo venerar seu filho como um grande herói que sempre acreditou ser, embora ela própria sempre acreditasse como ele, sentia-se muito magoada, estava com o coração totalmente dilacerado, estraçalhado, pelas pretensas atitudes de Rafael, como ele pode destruir todo o seu amor desta forma tão estúpida, tão mesquinha, como ele demoliu com um fraco sopro de traição um castelo de sonhos construído com uma base tão sólida como o seu amor, como ele pode deixa-la com tantos problemas pendentes, como ele pode trocar toda a sua família, seus filhos, seu pai, seus irmãos, e principalmente ela por um bando de malucos, pretensos idealistas, que só serviram para destruir a sua vida, para mata-lo desta forma tão violenta, repugnante, era agora este o retrato e o dossiê que Marli gravara no seu subconsciente, da pessoa a quem ela mais amou na vida, chorava muito, e não conseguia compreender se de dor, de ódio ou de decepção.

VII

Mais ou menos 10 meses após estas revelações, “Seu Zé” veio a falecer, morreu dormindo, não morrerá, simplesmente não mais acordara, dormiu um sono eterno, dava a impressão de que estava apenas aguardando a confirmação da morte do filho, para descansar em paz, embora jamais houvesse tomado conhecimento da verdadeira história, suas feições, de dentro da urna funerária, dava a impressão de alívio, de paz, notava-se certo sorriso no canto da boca, coisa que há muito tempo não se via, parecia que ele estava partindo para encontrar o seu filho, Celso e Oto, seus outros, filhos sofreram muito com a perda, agora também do pai, fôra para eles um duro golpe, eles eram muito apegados, os netos, filhos de Marli, também sentiram muito a ausência do avô, assim como a própria Marli que já o considerava como um pai, após tantos anos de convivência diária, fôra de fato uma perda irreparável para todos, mas, porém tomaram consciência de que para ele era melhor, pois descansaria de vez de todos os sofrimentos que lhe apertavam o seu já cansado, sofrido e doente coração, e para Marli também seria um fardo a menos para carregar.

VIII

Depois de algum tempo da substituição do carcereiro, que lhe trazia a ração, Rafael percebeu que a porta da cela já não era mais trancafiada como antes, era fechada apenas com o ferrolho, não se usava mais o cadeado, por vezes havia pensado em fugir daquele lugar, mas o medo e a sensação de segurança, que a cela transmitia, tolhiam estes pensamentos, mas arriscou tentar abrir a porta desta vez, ouviu-se aquele barulho característico de porta de ferro emperrada se abrindo, temeu de

alguém ouvir, mas abriu, percebeu um curto corredor com outra porta idêntica, porém esta sim com cadeado, desistiu e voltou ao seu reduto, tenso, decepcionado.

Certa vez, quando o carcereiro foi lhe levar a comida, Rafael estava cochilando, e ao abrir a porta para colocar a comida lá dentro ele gritou:

- Rafael, olha a comida.

Imediatamente percebeu o fato, durante aquele longo período em que estava ali, ninguém nunca havia lhe chamado pelo nome, era sempre “rapaz”, nunca acreditaram que seu nome era este, a voz do carcereiro tinha alguma coisa de sensível no modo de pronunciar o seu nome, não disse nada, tão estupefato que estava, neste momento, chegou a esboçar, tímido, um sorriso, sentiu uma alegria muito grande, reacendeu-se nele um pavio de esperança de voltar para casa, nunca havia dirigido a palavra a nenhum dos carcereiros, pois nas vezes que fizera fôra agredido, porém agora já planejava no dia seguinte tentar falar com ele, tornar-se seu amigo, e descobrir através dele algumas coisas, planejou que no período em que o carcereiro trouxesse a comida fingiria estar dormindo tal qual como hoje, quando ele dissesse: “- Rafael olha a comida”, ele agradeceria alto e em bom som, tentando iniciar desta forma um diálogo, passou todo o dia seguinte numa ansiedade imensa, esperando a hora da vinda do carcereiro, parecia que aguardava a visita do Papa, tamanho ritual, chegou a hora, deitou-se com o rosto virado para a porta, com os olhos abertos, ouviu quando a primeira porta se abriu, seu coração disparou, a adrenalina foi lá em cima, viu-o abrir a porta da cela, e semicerrou os olhos, o carcereiro colocou a comida no lugar de sempre, no chão junto a porta e disse:

- Rafael olha a comida.

Imediatamente sentou-se no colchonete e respondeu:

- Obrigado tá servido?

- Muito obrigado, rapaz, faça bom proveito, até amanhã.

- Até amanhã, meu... Amigo.

Arriscou, sentiu-se de certa forma, muito feliz, já estavam lhe tratando melhor. Nos dias que se sucederam, conseguiu mais alguns avanços na sua amizade, alguns diálogos, já soubera que o nome do carcereiro era Mário, que ele era casado e que tinha apenas um filho já com dezesseis anos, pelo seu sotaque pode perceber que era paulista, torcedor do Palmeiras, descendente de italianos que era, policial civil, com 22 anos de polícia, conversou ainda sobre alguns outros assuntos banais, mas não se aprofundou no seu problema, para não assustar o seu pretendente a futuro confidente, e perder de vez a chance de saber tudo sobre si próprio, tinha que adquirir a confiança de Mário, de forma a entrar gradativamente e paulatinamente no seu problema, mesmo porque os seus diálogos eram sempre curtos, em função do pouco período em que Mário permanecia na sua cela, o que ele conseguira até agora havia levado meses, contara também toda a sua vida para o carcereiro que o olhava quase que penalizado, com os olhos fixos nos seus, Rafael não percebia, mas algumas

lágrimas escorriam dos olhos de Mário enquanto Rafael falava, parecia que ele entendia todo o drama vivido por Rafael, não parecia, Mário sabia de toda a história.

IX

Marli, algum tempo após a morte de “Seu Zé”, casara de novo, com uma pessoa muito boa, com 46 anos de idade, viúvo como ela, sem filhos e que resolvera assumir todos os seus, chamava-se Jaime, bem apessoado, elegante, bonito, culto, bem empregado, era contador de uma empresa de médio porte, bem remunerado, bastante considerado na empresa, pela sua competência e dedicação profissional, religioso, sem vícios, caseiro, honesto, decente, e que a ajudava muito na luta constante e desigual que era a doença de Rodrigo; através do seu grande conhecimento conseguiu que ele fosse examinado por especialistas de grande renome, com exames caros, em clínicas até particulares, no transporte dele para as constantes e agora mais assíduas seções de hemodiálise, Marli precisava disto, precisava de um homem em casa, tanto para ela, como para os seus filhos, uma figura paterna, faria bem a eles, serviria como exemplo, principalmente uma pessoa tão digna como Jaime, precisava também financeiramente, uma pessoa que a ajudasse nas contas, pois, após a morte de “Seu Zé” ela perdera todo o seu meio de vida, o seu sustento, pois não tinha direito à pensão destinada a ele, embora continuasse a morar na casa dele, com a devida aquiescência dos cunhados, legítimos herdeiros, passou por grandes dificuldades, até lavou por um longo período, roupa “prá fora”, vendeu salgadinhos para bares e lanchonetes, para sustentar-se e sustentar os seus filhos, com alguma ajuda dos cunhados, embora minúscula, pois eles também tinham as suas famílias para cuidar; seu filho mais velho o Júnior, então com 16 anos, já estava também trabalhando como auxiliar de escritório, datilógrafo, estudava à noite, na mesma empresa onde Jaime trabalhava, ele próprio conseguira, o que de alguma forma sempre vinha a aumentar o orçamento da família, ajudando muito nas despesas da casa. Seus filhos gostavam muito de Jaime, pela atenção que ele lhes dedicava, principalmente a Rodrigo, pelo carinho que demonstrava por todos, por seu modo calmo, equilibrado, inteligente e paciente de ralar com eles, ou de lhes chamar a atenção por alguns deslizes por eles cometidos, Jaime nunca teve filhos, mas seria um excelente pai se os tivesse, tinha uma maneira muito especial de lidar com as crianças e demonstrava gostar muito de Marli, e de estar feliz com a convivência a seu lado, assumiu com responsabilidade e honradez a paternidade dos seus filhos, se apossou do amor de Marli, tornando-se o chefe da casa, Marli nunca mais pensara em Rafael como antes, ao contrário quando as conversas e os assuntos encaminhavam-se para o nome dele, ela demonstrava um certo rancor, muito desprezo, ou até mesmo desdém, não o perdoaria nunca, a sua vida recomeçara a partir da convivência com Jaime, Rafael ficara para trás, porém sabia, intimamente, que não amava Jaime como amou Rafael, embora gostasse muito dele, mas não era o mesmo tipo de amor, talvez épocas diferentes, quando conviveu com Rafael era mais jovem, mais romântica, não acumulava tantos problemas como agora, quando com Jaime já havia sofrido demais, estava mais prática, mais madura, muito sofrida e talvez em razão disto tenha acabado todo o seu romantismo, Jaime satisfazia todas as suas necessidades, até mesmo as mais íntimas necessidades de uma mulher, se considerava feliz, seus filhos estavam felizes era isto o que importava para ela, se acomodou com esta situação, nunca mais tendo saudades ou divagações a respeito de sua vida com Rafael.

X

Com o decorrer do tempo, a amizade entre Rafael e Mário aumentou ao ponto de Mário, conseguir que Rafael, andasse pelo pátio externo, embora por pouco tempo, para um banho de sol, viu muros altíssimos, de pedra, com arame farpado na parte superior, porém já enferrujado, notou que parecia um lugar desabitado, muito mato, algumas árvores, com pouca segurança, não se via ninguém além de Mário, começou a indagar de Mário, onde estava, que lugar era aquele, se havia mais alguém lá, coisas do gênero, porém ele lhe disse que ainda não estava autorizado a lhe revelar nada, este “ainda” lhe deu um aviso para ir devagar com as perguntas, com o tempo Mário, com certeza, se abriria. Com o passar do tempo Mário foi lhe revelando pouco a pouco, tudo o que sabia sobre Rafael, que ele já estava lá a onze longos anos, que já estávamos em 1979, mês de março; que a sua prisão fora um terrível engano cometido pela polícia, mas que em decorrência de alguns outros fatos políticos, eles tiveram que sustentar o erro, mantendo-o preso; que todos os outros presos junto com Rafael, haviam morrido, em virtude das torturas sofridas, e que foram dados sumiços nos seus cadáveres; eles sim culpados, verdadeiros terroristas, que ele, Rafael, dependia apenas de uma ordem superior, para se libertado, mas que esta ordem já estava sendo aguardada há muito tempo, pois era o único que restava naquele lugar; em virtude de várias mudanças no comando ninguém queria correr riscos, que ele, Mário, era o seu guardião, protetor e encarregado da sua segurança, e que vinha apenas na hora do almoço e a tarde para alimentá-lo, durante todo o resto do dia e a noite, ele ficava rigorosamente sozinho, raramente vigiado por alguém; vindo esporadicamente algum superior seu para “fiscalizar” o seu serviço; que o carcereiro anterior a ele fora transferido em virtude da revolta que sentia com a sua inocente situação, ele era o único a ter plena certeza da sua inocência, discutindo com os seus superiores e insubordinando-se com a sua situação, chegando a ser ameaçado pelos seus superiores de exoneração, prisão e até de morte; que ele fora preso em virtude de estar próximo, embora involuntariamente, de alguns terroristas, e que um deles falara alguma coisa com Rafael momentos antes da polícia efetuar a prisão deles, eles já estavam sendo vigiados há muito tempo, Rafael não conseguia se lembrar deste fato, deveriam ter conversado sobre banalidades, mas que falou, falou, e que então a polícia o associou aos terroristas, porém em virtude das torturas sofridas por Rafael, sem nunca revelar rigorosamente nada, eles foram pouco a pouco se convencendo da sua inocência e também através de averiguações, secretas, junto aos seus amigos e conhecidos, por isso o arrependimento e a retratação através de uma cela melhor, melhor alimentação, visita médica etc., embora tenha levado tantos anos, mas que a liberdade era um caso muito complexo, havia todo um sistema, a revolta do carcereiro e a sua liberdade simultaneamente poderia gerar conflitos, ante a cúpula policial, e até com o exército, que nunca fora comunicado destas prisões, mas que com a divulgação delas, eles saberiam e cabeças rolariam, havia também a imprensa, dominar um, no caso o carcereiro, era fácil, bastaria uma simples palavra dele para a imprensa, que Rafael sumiria para sempre do mapa, não deixando nenhum vestígio, nenhuma pista, e eles negariam tudo, e não restaria nenhum tipo de prova; o local onde se encontrava, a sua prisão, era no interior de São Paulo, num local ermo, no interior de uma antiga fazenda de café, as celas, que ficavam no subsolo da casa sede, e os muros altos ao redor dela, foram construídos pelos escravos que serviam aos antigos donos, para sua segurança, e posteriormente prisão e local de tortura

dos escravos desordeiros e fujões, fora adaptada para que a polícia a usasse para os mesmos fins, de tortura; a sua família fora comunicada que ele sofrera, um terrível acidente com outros amigos e que o veículo havia caído num despenhadeiro, explodido e incendiado, não restando nenhuma maneira de reconhecê-los, assim como as famílias dos outros presos, um deles possuía um carro, a polícia o utilizou e simulou todo o acidente, e forjou todas as provas, arranjando inclusive corpos indigentes para a simulação e que todas as famílias já os tinham como mortos há muitos anos.

Agora Rafael sabia de toda a história, agora entendia o porquê da sua prisão, a sua revolta foi tanta que por um momento pensou em matar Mário, para se vingar de todos os outros, viu no chão um pedaço de galho de árvore e não hesitou em pega-lo, e partir para atingi-lo, mas Mário já premeditara, pela sua experiência, toda a sua reação, com um golpe marcial, derrubou-o e imobilizou-o, levou-o de volta para a cela, despertando-o deste impulso, sob a alegação de que ele, Mário era o único a poder ajuda-lo a sair daquele inferno, era só uma questão de tempo, tempo que agora já não interessava para Rafael.

Rafael agora viu todo o resto de sua miserável vida desmoronar-se, chorava copiosamente, viu-se numa situação em que sequer existia para o resto do mundo, todo aquele planejamento que fizera para quando chegasse em casa, foi por água abaixo, teve vontade de morrer de fato, Mário prometeu que o ajudaria a sair dali o mais rápido possível, disse que faria tudo o que estivesse ao seu alcance para ajuda-lo, que não desanimasse, Rafael não pronunciou uma palavra sequer, apenas divagava, como não desanimar, se o seu futuro agora estava soterrado pelos escombros do passado? Como não desanimar se toda sua vida tinha sido embriagada e estava em coma alcoólica por causa de uma simples e maldita tulipa de chope que ousou tomar em um bar da Tijuca, num dia fatídico? Como não desanimar se para todos, ele já era um cadáver há quase dez anos? Como não desanimar com tanta desgraça, com tanto sofrimento ocorrido em sua vida? Como não desanimar se praticamente um terço de sua vida , viveu como um animal, enjaulado? A sua revolta e o seu ódio não tinha limites, socava fortemente a parede da cela, chutou tudo o que pode, quando deu por si, estava só, Mário o havia deixado apenas com os seus demônios.

Daquele dia em diante, não mais falara com Mário, não queria mais nenhum tipo de conversa, com aquele, que para ele, era um dos culpados de tudo, já não se alimentava devidamente, não mais se barbeava, a cela ficou numa imundície só, relaxara totalmente com a vida, se a vida não o queria, ótimo, ele também não a queria, pensou até em suicídio, bastaria apenas a lâmina de barbear, chegou a tocá-la, mas os seus princípios religiosos o proibiam deste ato, tinha uma boa índole, Mário, o carcereiro, tentou iniciar conversa nos dias que se sucederam, mas o seu silêncio e a sua feição de ódio, o fizera desanimar, sentia-se apenas um resto de homem, porém sentiu pena de Mário quando um dia, sorridente, achando que para lhe agradar, ele trouxera-lhe suco de laranja, no jantar ao invés de água, chegou até a esboçar um lampejo de sorriso, mas conseguiu se conter e manter a distância que até então vinha conseguindo.

XI

Acordara como todos os dias, anteriores, abria os olhos, e em seguida tornava a cerra-los para uma boa espreguiçada, esticou-se o quanto pode e notou que a sua cama afundara, abriu os olhos, desta vez com rapidez, e se deu conta de aquela não era a sua cela, nem a sua cama, saltou dela como se incendiasse, estava assustadíssimo, era um local muito estranho, que nunca havia visto, esfregou os olhos, será que estaria sonhando? Olhou para si mesmo e notou que estava de pijamas, era um quarto bem bonito, com tapetes, cortinas, com bastante móveis, ouviu sons estranhos, caminhou em direção à janela, entreaberta, abriu-a totalmente, ousou olhar por ela e se deparou com uma bela imagem de gente andando rapidamente, carros passando, barulhos de buzinas, freadas bruscas, apitos de guardas de trânsito, estava olhando de cima para baixo, portanto deveria estar num andar alto, talvez terceiro, pensou, novamente esfregou os olhos, se beliscou, tornou a olhar para o interior do quarto, voltou a janela e ficou por um longo período olhando por ela, admirando tudo o que via, em transe, como se fosse um filme que estivesse passando numa pequena tela, sem se dar conta do que estaria acontecendo, voltou ao interior do quarto e começou a percorre-lo, calmamente, pausadamente sem a menor pressa, com se tivesse medo de despertar deste belo sonho, deparou-se com a porta do banheiro, abriu-a, olhou para o interior do banheiro e se assustou com a sua própria imagem refletida no espelho, estava barbeado, com os cabelos bem cortados, alisou o próprio rosto, gostou, estudou com rigor todas as instalações do banheiro, abriu todos os armários, viu toalhas, creme dental, pente, perfumes, escova para os dentes, sabonetes, papel higiênico, abriu as torneiras, assustou-se com a água quente, voltou a toca-la e se divertiu com ela, deslumbrou-se com tamanho luxo, nunca vira nada igual, aproveitou para urinar, não deu descarga, embora encontrasse o acionador, voltou ao quarto, viu por sobre a cama, num dos lados, uma mala, pequena, destas de viagem curta, achou que o haviam colocado no quarto de alguém a quem não conhecia, estava no local errado, ficou confuso, e amedrontado, não quis toca-la, suportou como herói a curiosidade, sentou-se num pequeno sofá, e aguardou que chegasse alguém, mais cedo ou mais tarde viria alguém, pensou, olhou para o relógio dependurado na parede, marcava 11.25 h., achava que dormira muito, estava acostumado a acordar cedo, permaneceu por um longo tempo ali, estático, lembrou-se das suas velhas e surradas roupas, onde estariam? Enquanto sentado, correu com os olhos todos os ornatos do quarto, quadros, enfeites, bibelôs, cortinas, cabeceira da cama, linda, entalhada e preta, tapetes, passou então a se posicionar dentro da realidade, o que estaria fazendo ali? Que o levava para ali? Que lugar seria aquele? Quem o barbeara, cortara o seu cabelo, o banhara, mudara a sua roupa? E como? Enjoou-se de ficar sentado, ansioso, preferiu andar pelo interior do quarto, por várias vezes olhou para a mala, ainda não tinha coragem suficiente para abri-la, começou a procurar por suas roupas humildes, por sobre a cama, embaixo dela, em cima dos móveis, dentro deles, ao abrir o guarda-roupas, viu algumas roupas de homem dependuradas nos cabides, mas a sua não estava lá, pensou: “- É um homem que mora aqui”, procurou no banheiro e nada, não havia meio de encontra-las, retornou à janela, debruçou-se e voltou a contemplar com admiração tudo o que via, onde será que estava? Será que era o céu? Será que ele havia morrido, e estava no céu? Lembrava-se apenas que na noite anterior, depois de comer, dormira, um sono profundo, na sua cela, o que então estaria fazendo ali? Como chegara ali? Quem o

levava? Só poderia ter sido Mário, olhava perplexo e encantado para a rua, estudava todos os detalhes minuciosamente, lia letreiros, atentava para os carros, diferentes dos que vira antes de ser preso, mais modernos, levou um longo período ali, só despertando quando o seu estômago roncou de fome, virou-se para olhar outra vez para o relógio, desta vez 12.10 h., e não viera ninguém, ousou abrir a porta de entrada, olhou e viu um imenso corredor, lindo, atapetado, com arandelas nas paredes, com portas todas iguais, e pequenos números nelas, olhou para a sua porta e leu seu número, 408, se deu conta de que ali só poderia ser um hotel, entrou e fechou a porta, foi, rápido e reto em direção a mala, abriu-a, logo em cima viu um enorme papel datilografado que dizia:

“Calma, a partir de agora toda a sua vida vai mudar, acabaram-se todos os seus problemas, vida nova, porém é preciso que você saiba de algumas coisas, a princípio pegue na gaveta da mesinha de cabeceira seus documentos e olhe com atenção...”

Interrompeu repentinamente a leitura, e obedecendo ao que estava escrito abriu a gaveta, logo encontrou uma carteira de identidade com o seu retrato, porém com o nome de Antônio Carlos Campos Campelo, - Que é isso? Perguntou-se, voltou ao bilhete:

“... É isso aí, Antônio Carlos, você agora é um novo homem...”

Quem escrevera o tal bilhete, parecia que saberia toda a sua reação, conhecia a curiosidade humana, notou a expressão “... um novo homem” sublinhada e grifada e se deu conta da intenção de se codificar o tal bilhete, releu o início do texto: “...toda a sua vida vai mudar, acabaram-se todos os seus problemas, vida nova...”, não havia dúvidas, quem o escrevera, preocupou-se em não se incriminar, em não deixar pistas para futuras inquisições, reviu agora com atenção redobrada a carteira de identidade, seu retrato, outro nome, impressão digital, data de nascimento 19/03/1939; filiação; pai: José dos Santos Campelo e mãe: Maria de Lourdes da Silva Campos; nacionalidade: brasileira; naturalidade: Rio de Janeiro; estava tudo errado seus pais não tinham estes nomes, não nascera nesta data, nascera em 13 de outubro, embora o ano e a naturalidade estivessem certos, como conseguiram o seu retrato, quando jovem, e a sua impressão digital? Será que era mesmo a minha? Fácil, da carteira anterior, deduziu, se deu conta neste momento o quanto envelhecera neste curto espaço de tempo, cabelos já grisalhos, rugas na face, olhou os outros documentos, todos iguais e com certeza também falsificados, ficou perplexo com tamanha qualidade de falsificação, pois até envelhecidos, os documentos eram, tinha certificado de reservista, título de eleitor, será que poderia votar mesmo com ele? Carteira profissional, nesta detalhou-se em estudá-la, tinha três assinaturas de empregos anteriores, em construtoras, nunca havia trabalhado em tais empresas, nem sequer as conhecia, será que existiam mesmo? Nem nas funções especificadas em duas destas assinaturas, apenas a terceira o qualificava como desenhista, que realmente era, olhou todas as data, períodos de trabalho, datas de admissão e demissão, inclusive da última empresa, datava de há três anos passados, não se preocupou em conferi-las, tinha absoluta certeza de que “eles” fizeram um trabalho perfeito, não deixariam nenhum vestígio de erro, com certeza fora um “expert” que fizera tal serviço, voltou ao texto:

“... você agora é um novo homem, sua vida começa a partir de agora, esqueça todo passado, coisas ruins devem ser esquecidas, vá em frente, você vai se dar bem como aposentado que é, você “já trabalhou muito”, embora novo, mas a sua doença não progredirá mais, isto é o que interessa, portanto está sob controle...”

Rafael a partir daí já não estava entendendo mais nada, aposentado? Trabalhou muito? Doença? Não progredirá? Que significava isto, estava pasmo, continuou lendo:

“... portanto está sob controle, a pensão que você vai perceber mensalmente no valor de R\$ 79.366,40 (setenta e nove mil, trezentos e sessenta e seis cruzeiros e quarenta centavos), pelo resto da sua vida, dará para você viver muito bem, pode ser sacado em qualquer agência do Banco do Brasil, a partir do dia cinco de cada mês, em qualquer estado, basta a carteira de identidade e a assinatura, portanto preste bastante atenção para assinar certo, pena você ser solteiro e órfão, procure se casar e constituir família...”

Rafael notava facilmente, que eles, com este bilhete, estavam querendo dirigir toda a sua vida, prestou muita atenção na questão “... e a assinatura, portanto preste bastante atenção para assinar certo...”, isto queria dizer que ele deveria treinar bastante a assinatura do nome que agora possuía, para poder assinar rigorosamente igual, estudou com rigor a assinatura na carteira e notou-a bem simples, pré nome, sobrenome central abreviado e sobrenome final, bem legível, facilmente copiável, iluminou-se com a grana prometida, era bastante, jamais ganhara tanto por mês, em toda a sua curta carreira de empregado, mas no fundo ele se achava merecedor dela, “...pena você ser solteiro e órfão...”, isto lhe alertava para o fato de que não tinha mais família, já que para toda a sua família, ele já havia morrido, continuou lendo:

“... procure se casar e constituir família, pois todo homem precisa de uma. Na outra gaveta da cabeceira, você vai encontrar todo o seu pagamento deste mês, utilize-o da melhor maneira possível, espero que esteja gostando de estar hospedado neste hotel, na cidade de Vitória no Espírito Santo...”

Rafael interrompeu a leitura para raciocinar sobre o que havia lido; -Vitória do Espírito Santo? Como eu vim parar aqui? O texto tinha a intenção clara de lhe posicionar, agora liberto, sobre o que estava acontecendo com ele, de onde ele estava, olhou a tal gaveta e encontrou toda aquela dinheirama, ficou estupefato com a quantidade, contou-a, guardou-a de volta na gaveta e continuou a leitura:

“... no Espírito Santo, as suas despesas já estão todas pagas por um período de 15 dias, todas mesmo, estadias e refeições, é um prêmio para você, portanto aproveite o máximo que puder você mereceu isto, procure não se mudar deste hotel, por enquanto, nem tomar nenhuma outra atitude impensadamente, que possa vir a se arrepender, antes de ter plena certeza do que fazer da sua vida daqui para frente pense que as coisas podem não ser mais como eram antes, muita coisa pode ter mudado, inclusive com a sua família, reflita muito bem antes de tomar qualquer atitude, dê uma volta pela cidade, visite os pontos turísticos, vá à praia, procure mulheres, mas não se envolva em nenhum tipo de confusão, pois isto poderá lhe trazer problemas, evite bebidas alcoólicas por enquanto, só beba, quando estiver

seguro de que está em perfeitas condições de equilíbrio, se bêbado, cuidado com o que disser a pessoas estranhas, podem não ser seus amigos, nos armários, assim como na mala tem roupas para você, espero que goste, no banheiro tem tudo o que precisa para uma perfeita higiene, aproveite este tempo disponível para fazer um retrospecto de toda a sua vida, pense bastante no acontecido, pense bastante no que poderá acontecer, fique certo que mesmo a distância estaremos velando por você, seja feliz.”

Este era o final do bilhete, este “... estaremos velando por você.”, tinha um significado bastante especial, significava que ainda seria vigiado por um longo tempo, “...outra atitude impensadamente, que possa vir a se arrepender...” com certeza era uma ameaça para ele não botar a boca no trombone, não sair por aí divulgando toda a sua história, mas como faria isto, quem acreditaria?, Rafael sentou-se na borda da cama, perplexo com o escrito neste bilhete, eles pensaram em tudo, em vez de seguro, se sentiu ainda mais ameaçado, quando preso, sabia quem o ameaçava, agora não, poderia ser qualquer um, passaria a suspeitar de todos que o cercassem, embolou o papel com as mãos, jogou por sobre a cama, olhou e remexeu no interior da mala aberta, viu cuecas, lenços, camisas, meias, calções de banho, levantou-se foi até o armário e estudou minuciosamente as roupas dependuradas lá, roupas finas demais, para o seu padrão, viu sapatos no fundo do armário, andava na direção do banheiro, quando alguém bateu à porta, seu coração disparou, ficou assustadíssimo, quem poderia ser? Indagou-se, as batidas se repetiram, tenso e meio temeroso, entreabriu-a, era um funcionário do hotel, acalmou-se, ele entrou já perguntando:

- Boa tarde doutor dormiu bem? Quer que lhe traga alguma coisa para comer? Café da manhã ou almoço?

Doutor? Quem é Doutor? Pensou, deixa prá lá, o funcionário lhe assustara com esta saraivada de perguntas, olhou novamente para o relógio da parede, 14.15 h., tinha fome, mas aproveitou a vinda do funcionário para interroga-lo, queria saber algumas coisas:

- Boa tarde, você sabe me dizer como eu vim parar aqui?
- Claro, seus dois amigos lhe trouxeram, ontem de madrugada, carregado, desculpe a ousadia Doutor, mas o senhor deve ter bebido bastante.

Surpreendeu-se, mas resolveu entrar no jogo, para descobrir mais.

- É verdade, eu bebi um pouco além da conta, mas você sabe os nomes dos meus amigos?
- Não, eu só sei que foram eles que fizeram a sua ficha na portaria, trouxeram o senhor e a sua bagagem e foram embora.
- Foram embora? Por acaso eles falaram alguma coisa se voltariam?
- Não sei não Doutor, talvez eles tenham deixado algum recado, na portaria, para o senhor.

- Tá bom. Obrigado, pode então me trazer o almoço, já é bem tarde.

Começou a matutar sobre o que soubera: “- Dois amigos? Que amigos? Eu cheguei bêbado, como?” Com grande esforço, lembrara-se então que na noite anterior, Mário, o carcereiro, lhe dera suco de laranja no jantar, ao invés da costumeira água, achara até estranho, este suco só poderia estar com algum sonífero, -“Mas como me barbaram, cortaram meus cabelos e me banharam sem que eu percebesse ou sentisse neste curto espaço de tempo? A não ser que isto não tenha acontecido ontem e sim anteontem”, então as coisas começaram a se encaixar na cabeça de Rafael, eles já haviam planejado tudo com antecedência, fora dopado, cortaram os seus cabelos, banharam-no, barbaram-no, mudaram as suas vestes, colocaram-no em um veículo qualquer, e já de posse dos documentos e a mala pronta, hospedaram-no no hotel, com a alegação de que estava bêbado, mas alguém deve ter assinado algum papel na portaria do hotel? Mais tarde saberia quem, mas como eu viajei tão rápido de São Paulo para o Espírito Santo? Avião com certeza, entrou no banheiro e foi tomar banho enquanto o almoço não chegava, concluiu de que agora liberto estava mais assustado do que quando preso, mais ansioso, com mais agonia, mais confuso, para que saber quem o trouxera, quem o libertara, não interessava, interessava apenas que agora estava livre e que então poderia ir, imediatamente, para sua casa e abraçar, sua mulher, seus filhos e seu pai, ansiava sobremaneira com este momento, porém os dizeres do tal bilhete, voltara à sua cabeça, inoportunamente, mesmo à sua revelia: “...pense que as coisa podem não ser mais como eram antes, muita coisa pode ter mudado, inclusive com a sua família, reflita muito bem antes...”, talvez eles estivessem com a razão, como ele chegaria em casa depois de doze longos anos, quando todos já acreditavam que ele estivesse morto e diria simplesmente: “- Voltei, gente!” Num simples lampejo de contas chegara à conclusão que Júnior, seu filho mais velho já estava com 21 anos, Rodrigo com quase 20 e Rafaela com 18, quando ele foi preso eles eram apenas crianças, mas agora já eram adultos, como seria a aceitação deles ante a sua volta? Seu pai já poderia até ter morrido, em decorrência da idade, ou de amargura, como eles entenderiam e acreditariam na sua história, sem que ele tivesse nenhuma prova cabível da situação que vivera, apenas marcas no coração e cicatrizes na alma, e Marli, lógico que convence-la desta situação não seria nada fácil, diria mesmo impossível, e eles talvez nem morassem mais no mesmo lugar de antes, Marli deve ter voltado a trabalhar, para poder manter seus filhos, e seus filhos será que ainda estudavam? Seriam já formados? Trabalhariam? Via-se numa situação dramática ante a realidade dos fatos expostos, que fazer? Como voltar para casa? Que atitude tomar, para reaver toda a sua sagrada família? O melhor a ser feito seria dar tempo ao tempo para refletir melhor sobre a situação, encontrar a melhor solução, voltara a se lembrar do maldito bilhete: “... as suas despesa já estão todas pagas por um período de 15 dias...” então, pensara, porque a pressa? Já esperei demais, posso esperar mais um pouco, “... procure não tomar atitudes que possa vir a se arrepender...”, lembrou-se mais uma vez do bilhete, embora esta frase tivesse outro significado, cabia como uma luva na situação, estes pensamentos preencheram a sua cabeça durante todo o período em que se banhava, despertando-o apenas as batidas na porta dadas pelo funcionário do hotel com o seu almoço, almoçou nababescamente, degustando todo o almoço, que nunca tivera, principalmente nos últimos doze anos, planejara então aproveitar todos os momentos doravante vividos, como se os últimos fossem, aproveitaria, agora, todas as oportunidades que a vida por longo tempo lhe

tomara, queria, agora, que a vida lhe ressarcisse da dívida social que tinha para com ele, da dívida moral, tornara-se um inimigo mortal do destino, pensava em se vingar dele, vivendo dali para a frente com uma intensidade frenética toda a felicidade disponível, junto aos seus familiares, trocou de roupa, olhou-se detalhadamente no espelho, vaidoso que sempre fôra, sentiu-se muito bem dentro daquelas lindas roupas, em cima daqueles bonitos sapatos, pegou algum dinheiro, escondeu o restante e saiu pela porta do quarto a fora, tímido ainda, nervoso, ansioso, não sabia como se portar, como agir, achava que todos o olhariam como se fosse um ser extra terrestre, diferente de todos os outros, que todos saberiam da sua história, andou pelo corredor, procurando pela escada, não se apercebeu do elevador, desceu-a, alguns degraus abaixo, deparou-se com outras pessoas, arriou a cabeça, como se vergonha sentisse, as pessoas o cumprimentaram educadamente, respondeu quase em sussurro, por entre os dentes, chegou ao saguão, percebeu rapidamente, o quão luxuoso era, um movimento incrível de pessoas, prá lá e prá cá, parou momentaneamente para observar tudo, viu o balcão de atendimento, seguiu em sua direção, ao encostar-se a ele imediatamente alguém veio lhe atender, como se já o conhecesse há muito tempo:

- Boa tarde Dr. Antônio, dormiu bem? O senhor foi bem atendido, precisa de mais alguma coisa? Vai sair? Precisa de um táxi, ou o seu carro está aí? O meu nome é Sérgio, estou aqui para lhe servir.

Ficou como que paralisado ante a avalanche de perguntas que “Sérgio” lhe havia feito, parecia que todos neste hotel tinham este hábito de sufocar os hóspedes com perguntas, refeito do susto, respondeu com outra pergunta:

- Está tudo muito bem, tudo ótimo, eu não preciso de nada, queria saber apenas como eu vim parar aqui?
- O senhor chegou aqui com seus dois amigos.
- A que horas eu cheguei aqui, mais ou menos, e como? Eu não me lembro de nada, por favor, me conte com detalhes.
- O senhor chegou aqui por volta das duas e meia da manhã, trazido por seus dois amigos, eles entraram antes fizeram a sua ficha, trouxeram a sua bagagem, e em seguida foram ao carro lhe buscar, disseram que o senhor havia se excedido na bebida, que estava em férias e que ficaria aqui por quinze dias, pagaram todas as suas despesas, disseram que eram seus amigos e que isto era um presente deles para o senhor, disseram para que não o importunassemos tão cedo porque além de ter bebido muito o senhor estava bastante cansado e que precisava dormir muito, foi o que fizemos, alguma coisa o aborreceu?
- Não, está tudo bem, eles deixaram os nomes, endereço, alguma coisa para contato.
- Não senhor, pagaram todas as despesas em dinheiro e mandaram tirar todas as notas assim como os recibos em seu nome, o senhor vai sair? Precisa de um táxi? De um guia?

- Não, obrigado, eu vou caminhar um pouco pela cidade, nada mais.

XII

Saiu muito confuso com o que o funcionário do hotel lhe relatara, mas por fim não deu muita importância para o fato, o que importava realmente era que agora estava em liberdade e queria muito aproveitá-la, com toda a intensidade possível, andou pela cidade o quanto pode, porém não se afastou muito do hotel, pois tinha medo de se perder nas ruas, que não conhecia, deslumbrou-se com tudo, aquela sensação de liberdade era a coisa mais maravilhosa que lhe poderia ter acontecido, estava feliz, muito feliz embora muito confuso com tudo o que acontecera com ele, sentiu-se solto, entrou em lojas e shopping, olhou vitrine, muitas, leu com detalhes cartazes de cinema, leu todos os jornais que pode, como se procurasse por alguma notícia sua, admirava com minúcias as mulheres, por vezes chegava a indiscrição, amedrontava-se quando deparava com policiais, tomara verdadeira aversão a eles, ojeriza mesmo, embora não fôra os fardados, quem o torturara, se apercebeu que já era muito tarde e voltou ao hotel.

Durante vários dias ficou neste marasmo de sair do hotel pela manhã andar pela cidade e só voltar à tarde, para assistir televisão, todos os telejornais possíveis, gastou pouco do dinheiro que tinha, guardava para qualquer eventualidade, seu retorno ao lar, por exemplo, conheceu toda a cidade, visitou todos os pontos turísticos, mas não se divertia o suficiente, visto que a sua cabeça só funcionava em torno do seu regresso, para casa, em torno da sua família, mas, porém ainda não tivera uma idéia, um lampejo, de que tipo de história contaria a eles, como explicar-lhe todo o seu drama, como “ressuscitar”, como voltar do túmulo, em que achava que eles lhe enterraram, velaram seu corpo, colocaram flores, se deu conta de que talvez eles nem sequer o reconhecessem, pois o tempo se incumbiu de modificar as suas feições, com cabelos grisalhos, rugas de sofrimento no rosto, agora mais envelhecido, alguns dentes perdidos, com o restante bastante cariado em função da má higiene bucal, corpo já disforme, em função da barriga já acentuada, peso acima do anterior, quando fora preso, assim como se dera conta de que nem ele, talvez, reconhecesse seus próprios filhos, em decorrência do tempo, em virtude de só tê-los na memória quando ainda crianças, hoje eram todos adultos, homens feitos, mulher feita, com quem se pareceriam? Torcia para que com ele, já estava há nove dias neste hotel, não fizera amizade com ninguém, não tinha com quem conversar já se sentia entediado, nesta situação, não mais, porque solidão era um hábito que cultivara e se acostumara por doze longos anos, e sabia como suportá-la muito bem, até bem demais, resolvera então ir embora dali, voltar para sua cidade natal, Niterói, no Rio de Janeiro, e tentar fazer uma aproximação com os seus, foi à rodoviária, comprou a passagem para o Rio, para as 9.00 horas do dia seguinte, voltou ao hotel, arrumou tudo o que agora lhe pertencia, e ansiou, pelo momento da partida, mal dormiu, de tanta ansiedade, não pensava mais em nada, resolveu que as coisas, deveriam acontecer naturalmente, acontecesse o que acontecesse, mas não mais se martirizaria, com a dor da dúvida, do remorso, da esperança, da ansiedade, da saudade, da ausência, da curiosidade, da lembrança, deixaria que o destino, maldito destino, se incumbisse de reparar os danos causados à sua existência, que o destino reparasse o curso normal da sua vida, visto que fora ele quem o desviara, resolvera de uma maneira bastante simplificada, a

sua questão, desse no que desse ele iria para casa, tentar de alguma forma refazer sua vida, isto se tornara uma obsessão, um ponto de honra.

XIII

No dia do embarque já estava bem cedo, na rodoviária, sentou-se, timidamente, na sua cadeira com numeração pré-marcada, comprara alguns jornais para se atualizar ler notícias sobre esportes, política, música, cinema, para que o tempo passasse com rapidez, para que a sua cabeça não se fundisse, ante a ameaça de chegar ao Rio, mas de nada adiantava, volta e meia se deparava pensando no assunto, teve a curiosidade de mais uma vez ler o tal bilhete que recebera desta vez tentando decifrar, talvez outros códigos, que porventura tenham lhe passado despercebido quando das leituras anteriores, visto que o nervosismo possa ter lhe privado do sentido da compreensão e do discernimento, talvez o relendo agora com mais calma, encontrasse um meio de resolver todos os problemas que sobrecarregavam os seus neurônios, que lhe afligiam, iniciou calmamente a leitura com paradas esporádicas para reflexão: “Calma, a partir de agora toda a sua vida vai mudar, acabaram-se todos os seus problemas, vida nova, porém é preciso que você saiba de algumas coisas, a princípio pegue na gaveta da mesinha de cabeceira seus documentos e olhe com atenção, é isso aí Antônio Carlos, você agora é um novo homem, sua vida começa a partir de agora, esqueça todo passado, coisas ruins devem ser esquecidas, vá em frente, você vai se dar bem, como aposentado que é, você “já trabalhou”, muito, embora novo, mas a sua doença não progredirá mais, isto é o que interessa, portanto está sob controle, a pensão que você vai perceber mensalmente no valor de Cr\$ 79.366,40 (setenta e nove mil, trezentos e sessenta e seis cruzeiros e quarenta centavos), pelo resto da sua vida, dará para você viver muito bem, pode ser sacado em qualquer agência do Banco do Brasil, a partir do dia cinco de cada mês, em qualquer estado, basta a carteira de identidade e a assinatura, portanto preste bastante atenção para assinar certo, pena você ser solteiro e órfão, procure se casar e constituir uma família, pois todo homem precisa de uma. Na outra gaveta da cabeceira, você vai encontrar todo o seu pagamento deste mês, utilize-o da melhor maneira possível, espero que esteja gostando de estar hospedado neste hotel, na cidade de Vitória no Espírito Santo, as suas despesas já estão pagas por um período de 15 dias, todas mesmo, estadias e refeições, é um prêmio para você, portanto aproveite o máximo que puder, você mereceu isto, procure não se mudar deste hotel, por enquanto, nem tomar nenhuma atitude impensadamente, que possa vir a se arrepender, antes de ter plena certeza do que fazer da sua vida daqui para frente pense, que as coisas podem não ser mais como eram antes, muita coisa pode ter mudado, inclusive com a sua família, reflita muito bem antes de tomar qualquer atitude, dê uma volta pela cidade, visite os pontos turísticos, vá a praia, procure mulheres, mas não se envolva em nenhum tipo de confusão, pois isto poderá lhe trazer problemas, evite bebidas alcoólicas por enquanto, só beba quando estiver seguro de que está em perfeitas condições de equilíbrio, se bêbado, cuidado com o que disser a pessoas estranhas, podem não ser seus amigos, nos armários, assim como na mala tem roupas para você, espero que goste, no banheiro tem tudo o que precisa para uma perfeita higiene, aproveite este tempo disponível para fazer um retrospecto de toda a sua vida, pense bastante no acontecido, pense bastante no que poderá acontecer, fique certo que mesmo a distância estaremos velando por você, seja feliz.”

Notou agora que se mostrasse este bilhete a qualquer pessoa, que não soubesse do acontecido, todos, sem exceção, achariam que este bilhete fora destinado a uma pessoa doente mental, um debilóide, sem nenhuma condição de raciocínio, que simplesmente estivesse em recuperação, pois demonstrava claramente a intenção de orientação mental, também demonstrava claramente a intenção de não servir como prova, de não dar margem a nenhum tipo de problema futuro, e também a intenção de fazer com que Rafael, agora Antônio Carlos, não retornasse ao Rio de Janeiro, porém através apenas de conselhos, insinuações, sem exigências, nem proibições, seria preocupação com o seu bem estar, com a sua vida? Não sabia ao certo, não importava e não saberia nunca, visto que tinha quase certeza de que jamais em sua vida iria tornar a ver Mário, o carcereiro, ou qualquer outra pessoa envolvida no seu problema, embora no bilhete estivesse escrito: “mesmo à distância estaremos velando por você”, mas se “eles” não quisessem o seu retorno ao Rio, porque o largariam tão próximo, porque não em um estado mais longínquo, talvez norte ou nordeste, porque Espírito Santo? Envolto nestes pensamentos não se dera conta de que afinal já estava chegando ao seu destino intermediário, o Rio de Janeiro, rumo ao destino final que era Niterói, saltou do ônibus perplexo com as mudanças encontradas, nada se assemelhava ao que conhecera, tivera até mesmo dificuldade em sair da rodoviária, ao por os pés na rua se sentiu desorientado, meio tonto, como se turista fosse, ele, logo ele que conhecera tão bem aquele lugar, visto que durante muito tempo trabalhara tão próximo dali, sabia que itinerário seguir para a Praça XV, rumo a estação das barcas que fazem a travessia Rio-Niterói, na Baía da Guanabara, não se dera conta da existência da Ponte Presidente Costa e Silva que liga o Rio a Niterói, sabia já da sua existência através dos jornais e da TV que assistira no hotel, mas no momento nem sequer se lembrara dela, mas mesmo que se lembrasse talvez não ousasse a se aventurar por ela, pois era para ele um itinerário totalmente novo, que com certeza lhe atrasaria, pois a ansiedade neste momento novamente lhe atacou de forma mais avassaladora do que nunca, seu coração disparara, a sua tensão emocional fora ao pico suportável, fez um esforço supremo para acalmar-se, conseguira, se esforçou para de dentro da barca, distrair-se admirando toda a paisagem que a bela Baía de Guanabara lhe proporcionava, avistou a ponte, encantou-se inclusive com as proporções, admirou do Rio, Niterói e já em Niterói o Rio, estava perplexo e eufórico rumo ao seu destino final, prometendo a si mesmo, até mesmo jurando, que a partir daquele momento, nunca mais iria pensar ou dar qualquer importância, mínima que fosse a tudo o que havia acontecido com ele, iria esquecer totalmente o ocorrido, dando um ponto final nesta história, recomeçando toda a sua vida a partir desta data, seria como tivesse nascido de novo, ou reencarnado, como se tivesse adentrado um novo destino, tudo, rigorosamente tudo, o que passou haveria de ficar para trás, soterrado junto com todo o seu passado.

XIV

Chegara finalmente a Niterói, sua primeira providencia foi tentar se instalar em um pequeno hotel, pois não tinha ainda nenhuma idéia do que se sucederia dali para frente, ainda era dia, uma quinta feira, sabia que seria muito difícil encontrar alguém da sua família neste horário, imaginava que todos tinham ocupação como trabalho, escola, etc., tinha que ir com calma, fazer um planejamento frio, e calculado da sua volta, tinha que manter uma serenidade que antes nunca tivera, decidira então

no final da tarde, dar uma volta pela a rua onde morara para melhor tomar par da situação, não sabia nem se eles ainda residiam no mesmo lugar, na mesma rua, na mesma casa, e se alguém que não eles o reconhecesse, seria bom ou ruim? Era um caso para se pensar, poderia ser um golpe muito forte para seu pai ou para Marli, tinha que ir devagar, se fosse visto por outras pessoas exageros surgiriam, não tinha intenção de se apresentar para ninguém antes de seus familiares, queria surpreendê-los, não assusta-los parecendo ser um fantasma, tinha agora que descobrir quais eram os hábitos de todos, individualmente, para achar o melhor meio de se chegar, se deveria ser através do seu pai, de algum filho ou da própria mulher.

XV

Uma vez instalado em um hotel, próximo à rodoviária de Niterói, saiu para dar uma volta na rua por onde muito tempo morou com a sua família, era um pouco distante dali, mas daria para ir a pé, caminhando, já estava escurecendo, tinha a intenção de percorrê-la toda a pé, não era muito longa, até que passasse em frente a casa, onde possivelmente moraria a sua família, andava lentamente estudando minuciosamente cada pedaço dela, cada buraco, cada poste, notou muita diferença de quando ainda residia ali, casas novas, em maior quantidade, iluminação da rua mais intensa, novos comércios e em maior quantidade do que antes, pequeno movimento de pessoas na rua, pequeno movimento de veículos, passou finalmente em frente a casa que residira, número 947, e parou momentaneamente, estava totalmente diferente, reformada, mais modernizada, pintada com cor diferente da que conhecia, gradeada, em ferro, frontalmente, algumas plantas no jardim, garagem com carro dentro, notou luzes acesas, seu coração estava disparado, sentiu um misto de ansiedade, felicidade e medo, não sabia o que fazer, deveria bater à porta? Deveria se apresentar às pessoas que ali residiam? E se não fosse a sua família, o que dizer? E se fosse, o que dizer? Relutou, continuou caminhando, lentamente até o final da rua, olhando para trás, na esperança de que alguém saísse ou entrasse na casa, para que ele tivesse a oportunidade de tentar reconhecer, foi até o final da rua, voltou, tornou a passar defronte a casa, diminuiu os passos, parou olhando fixamente para ela, tentando ver algo no seu interior, não viu nada, se apercebeu de que algum vizinho poderia estar lhe vendo e poderia pensar que ele fosse um ladrão ou algo assim, se deu conta da sua indiscrição, continuou caminhando, lentamente sempre olhando para trás, para o portão dela, viu um bar que antes era de “Seu Moacir”, entrou nele, tinha bastante pessoas no seu interior, olhou para todos, um por um, tentando reconhecer alguém, não reconheceu ninguém, nem era “Seu Moacir” no balcão, era uma outra pessoa que não conhecia, um senhor com uma certa idade, pediu um refrigerante, todos também olhavam para ele, talvez por ser um estranho, sentiu medo, até mesmo de ser reconhecido, pegou o refrigerante e foi para a porta do bar enquanto o tomava, deu as costas para todos, quase se escondendo, tornou a olhar para o portão da casa, não havia nenhum movimento, resolveu ir embora, já era tarde, não sabia que atitude tomar, tinha que dar tempo ao tempo, mais cedo ou mais tarde descobriria, agora que já estava tão próximo, retornou ao hotel, confuso, tenso, ansioso, pensamentos mil lhe afloravam, deitou na cama, planejando novas visitas ao local, agora durante o dia, mais calmamente, mais planejado, teria que colher algumas

informações da sua família através de outras pessoas, vizinhos talvez, pensou em procurar os irmãos e contar toda a sua história para que eles o ajudassem a convencer seu pai, Marli e seus filhos, mas resolveu que o melhor seria começar pela sua casa, pela sua mulher, pelos seus filhos, porque talvez eles ficassem enciumados ou magoados, se visitasse alguém que não eles, primeiro, mesmo porque os seus irmãos teriam a mesma dificuldade de acreditar nesta história, e poderiam ao contar para eles, desvirtuar todo o real tema da história, sua história, precisava ver alguém da sua família, simplesmente ver, antes de se apresentar, mas não poderia ser de supetão, teria que fazer visitas periódicas à rua, porém teria que arranjar um álibi para justificar sua presença naquela rua, já que era um estranho, diria, a quem perguntasse, que era um vendedor, vendedor de livros, era um bom álibi, com certeza convenceria a todos, com estes planejamentos em mente dormiu, vez por outra pesadelos se apossavam dele, pesadelos horrorosos provenientes dos fatos ocorridos com ele quando preso, das torturas, mas que com o passar do tempo e com a determinação de esquece-los foram escasseando, porém desta vez voltou, ainda mantinha vivo na lembrança todos os fatos ocorridos, como se ainda os tivesse vivenciando, porém tinha certeza de que uma vez retornado ao seu sagrado lar tudo se apagaria para sempre e que viveria a partir dali uma vida totalmente nova junto aos amados familiares, era o que precisava, retornar ao seu lar.

XVI

No dia seguinte levantou cedo, pulou da cama, ansioso para por em prática todo o seu planejamento, fez a sua higiene pessoal, tomou o seu café da manhã e rapidamente foi para a rua, já com o seguinte planejamento: compraria uma pequena pasta, alguns volumes de livros, para mostruário, algumas folhas de papel, canetas etc. e seguiria imediatamente de volta a “sua” rua, não se dera conta de que em virtude de ser muito cedo, os comércios nem sequer haviam abertos as suas portas, comprou jornais e sentou-se em uma praça para lê-los para passar o tempo, não conseguia, nem se concentrava, tamanha ansiedade, seus pensamentos sempre se voltavam para a sua família, para a sua casa, finalmente os comércios começavam a abrir, comprou tudo o que precisava e partiu em direção a “sua” rua para por em prática o seu plano, a sua intenção era de que por ser bastante cedo, flagraria alguém saindo daquela casa para o trabalho ou para a escola ou para outro afazer qualquer, qualquer pessoa que saísse daquela casa seria imediatamente visto por ele, para que ele tivesse a chance de tentar reconhecer, um de seus filhos, sua filha, a própria Marli ou até mesmo seu pai, tinha muitas esperanças, ficou perambulando pela rua sempre passando em frente a casa, não viu ninguém sair da casa, achava que no dia seguinte deveria chegar mais cedo ainda, tinha a impressão de que chegara tarde demais, andou toda a manhã pela rua e pelas ruas adjacentes, para que não ficasse muito visado pelos vizinhos ou moradores daquela rua, dando a impressão de que estaria fazendo algo errado, entrou no bar que era de “Seu Moacir”, por vezes para lanche, por vezes por causa de um simples café, tentou conversar com o atual dono na esperança de fazer amizade com ele para tentar descobrir alguma coisa a respeito dos moradores daquela casa, mas teve medo de ser descoberto, de ser indiscreto, repetiu várias vezes, durante dias seguidos este ritual, até que resolveu vagarosamente tocar no assunto, precisava apenas de um pretexto para iniciar uma conversa com ele, tinha

certeza de que ele se abriria, devido a vários comentários com outros fregueses, sobre outros vizinhos que eram feitos na sua presença:

- Bom dia, amigo, o senhor serve almoço aqui?

A resposta foi afirmativa, tinha poucas pessoas no bar naquela hora, seria um bom momento e o almoço seria um bom pretexto para iniciar uma amizade.

- Por favor, eu vou almoçar, estou fazendo um trabalho de vendas de enciclopédia nesta rua e nas ruas ao lado, já há alguns dias, o senhor já deve ter me visto aqui várias vezes, não é? Já rodei a manhã toda e não vendi nada, cheguei muito cedo e estou com muita fome, veja por favor um prato para mim, e uma água mineral, obrigado.

O dono do bar limitou-se apenas a arrumar a mesa, com prato, talheres, copo etc. sem lhe dar muita atenção, colocou o seu almoço e voltou para o balcão, parecia a princípio que não era de muita conversa.

Rafael, agora Antônio Carlos, percebeu quando algumas pessoas chamaram o dono do bar pelo nome de Mauro, terminou o seu almoço a arriscou:

- Mauro por favor, você tem café? Traga um, por favor, e a conta.

Tomou o café e levantou-se indo na direção do balcão para saber o total da conta e ao mesmo tempo puxar mais um pouco de conversa com Mauro:

- Eu tinha uns amigos, do meu tempo de escola que moravam nesta rua, o Celso e o Oto, não sei bem em qual casa, pois eu nunca mais vim aqui e está tudo tão mudado, você por acaso não os conhece?

O dono do bar nem sequer se apercebeu da sua curiosidade, parecia comum nestes ambientes este tipo de conversação e acabou dando a devida atenção ao seu freguês, talvez até automaticamente.

- Não conheço não, eu estou aqui a pouco tempo, mas também se é da sua época da escola, já faz muito tempo né? Talvez eles nem morem mais aqui.
- É, na época o dono deste bar era “Seu Moacir”, se não me falha a memória, mas eles tinham um outro irmão chamado Rafael, o pai deles se chamava “Seu Zé”.
- Eu comprei este bar de “Seu Moacir” mesmo, ele ficou doente e não podia mais trabalhar, já estava muito velho também, como não tinha filho homem, vendeu o bar para mim, porque as filhas, nem os maridos delas quiseram assumir.
- E “Seu Zé”? você conhece?

- “Seu Zé” ferroviário? Já morreu há muito tempo, ele era muito doente, ele morava naquela casa ali, aquela cinza, gelo sei lá.

Aquela revelação bateu no seu peito, tal qual um torpedo bate no casco de um navio, abrindo um rombo, sentiu muita dor, e algumas lágrimas ameaçaram rolar dos seus olhos, tentou disfarçar, esforçou-se para manter-se impassível, para que Mauro não percebesse nada, mas era uma dor muito forte, não quis acreditar e tornou a repetir a pergunta, na esperança de que eles não estivessem falando da mesma pessoa, de que Mauro estivesse enganado:

- Você tem certeza de que ele morreu? “Seu Zé”, pai de Celso, Oto e Rafael?
- Claro que tenho certeza, “Seu Zé” ferroviário, grande pessoa, grande flamenguista, ele já morreu há mais de cinco anos, os filhos dele, não sei onde andam, quando eu cheguei aqui eles já não moravam mais ali.

Teve certeza agora de que realmente eles falavam da mesma pessoa, inclusive por causa da casa apontada, era realmente seu pai, já morrera há mais de cinco anos, e ele nem sequer soubera, também não tinha como, tentou continuar o assunto para que Mauro não perdesse o fio da meada, para que ele não interrompesse a euforia de contar tudo, tinha que aproveitar o ímpeto de Mauro, algumas vezes um ou outro freguês interrompia o papo para ser atendido, mas Mauro retornava ao canto do balcão onde estavam para retomar a conversa, parecia que gostava de comentar estes tipos de assuntos, ou simpatizara com Rafael, talvez na esperança de manter e cativar um novo freguês, Rafael então retornou o papo:

- Ele era doente? Doente de que?
- Ele tinha problemas de coração, pressão alta, depois deu um derrame, já não andava direito, não falava direito, coitado, era todo bombardeado, era gente muito boa, com os filhos eu nunca tive muita intimidade, eles só vinham aqui visitar o pai, de vez em quando, paravam muito pouco por aqui, este Rafael, que você falou eu nunca vi por aqui, não sei nem quem é, os outros dois ainda vinham.

Sentiu pena do seu pai, “- Deve ter sofrido muito, coitado, morreu sem saber o que verdadeiramente aconteceu comigo, sem saber de nada sobre mim, pensando que eu estava morto, deve ter sofrido muito, mas muito mesmo”, divagou por uns instantes, mas retomou imediatamente o diálogo que iniciara com Mauro:

- E quem mora naquela casa agora?
- “Seu Jaime”, gente boa também.
- Jaime é? “Seu Zé” vendeu a casa ou foram os filhos que venderam depois que ele morreu?
- Não, parece que ali, agora mora os netos de “Seu Zé”, com “Seu Jaime”, que era genro de “Seu Zé”, casado com uma filha dele, sei lá, eu não sei

dessa história direito, eles são meio calados, não são de se envolver muito com os outros vizinhos, quase não param em casa, quando eu cheguei aqui os enteados de “Seu Jaime ainda eram pequenos, mas quase não brincavam na rua, a mãe parece que não deixava, tinha medo.

Rafael não estava entendendo nada, filha de “Seu Zé”? Como se ele nunca teve nenhuma irmã, voltou a dúvida, quem sabe se Mauro não estava confundindo o seu pai com outro “Seu Zé”, continuou puxando assunto com Mauro para se certificar:

- Filha dele? Eu não lembro de “Seu Zé” ter filha, eu sempre soube que ele só tinha filho homem.
- Isto eu não sei direito, eu só sei que “Seu Jaime” mora ali com os netos de “Seu Zé”, que são enteados dele.
- Enteados, as crianças não são filhos dele?
- Não, quando ele casou, a mulher dele já tinha os três filhos.
- E como é o nome da mãe deles?
- Marli.

Assustou-se, seu coração disparou, tentou não acreditar e repetiu, quase gaguejando, a pergunta:

- Como é o nome dela?
- Marli.

Rafael empalideceu, ficou perplexo, boquiaberto, o que ele tinha descoberto até agora já era mais que suficiente, não queria, no momento, ouvir mais nada, deu uma desculpa para Mauro de que iria voltar ao trabalho e despediu-se, retornando ao hotel para refazer-se do susto e de tantas revelações inesperadas, agora compreendia tudo o que Mauro falara, não era a filha de “Seu Zé” que era casada com este tal de Jaime, era a nora de seu “Seu Zé”, ou seja, a sua mulher, no caminho e já no interior do seu quarto pôs-se a pensar sobre tudo o que tinha descoberto: não era possível, não poderia ser a sua Marli, foi um baque muito grande para Rafael estas revelações, nesses longos anos de sofrimento e de ausência nunca passou em sua cabeça a hipótese de Marli ter se casado de novo, de ter arranjado um novo amor, nunca passou na sua cabeça a hipótese de “Seu Zé”, o seu pai, ter morrido, “- morreu sem saber do meu paradeiro, do que aconteceu comigo”, pensou, jamais teve estes tipos de pensamentos, sabia que eles acreditavam que ele estava morto, mas não poderia acreditar que Marli, a sua Marli, houvesse se esquecido dele, com tanta facilidade; não se dava conta do enorme tempo que ficou ausente; uma vez que ele jamais se esquecera dela, nunca deixou de ama-la, tinha sempre a esperança de que Marli se alegraria e ficaria muito feliz com o seu retorno ao lar e recomeçariam dali em diante toda a história de amor que haviam iniciado, agora com a presença dos filhos, embora já adultos, o que seria ótimo, pois breve, muito breve, poderia vir a se tornar avô, o

que aumentaria ainda mais a sua felicidade, porém sentiu-se traído por Marli, jamais pensou que poderia ser substituído no seu coração, jamais pensou que poderia ser substituído na paternidade dos seus filhos, associou todos estes fatos a desgraça que se abateu sobre ele, amaldiçoou mais uma vez tudo o ocorrido com ele, a sua vida havia sido totalmente destruída como num passe de mágica, agora se dera conta de que realmente perdera a sua Marli e seu pai, Marli para um outro homem, seu pai para a morte, por um momento sentiu medo de também ter perdido os seus filhos, teve vontade agora de invadir aquela casa e gritar para todos: -“escutem aqui, eu sou o Rafael e estou voltando para casa, vamos resolver esta nossa situação de uma vez por todas, quero de volta tudo o que me pertence por direito, minha casa, minha mulher e meus filhos”, mas controlou-se, sabia que, escândalo e este rompante de nada adiantaria, não conhecia a intensidade do amor que Marli sentia por seu atual marido, uma vez que para ela, Rafael já estava morto há muito tempo e ela com certeza havia se esquecido dele, seus filhos também poderiam não acreditar nele, adultos que eram, e distorcer toda a verdade da sua história até acreditando que ele houvesse os abandonados, por motivos fúteis, banais, por todos estes anos, e agora voltasse como se nada houvesse acontecido, ocorria-lhe muitas vezes que ele não tinha nenhum tipo de prova que confirmasse toda a sua história, que a tornasse verídica, o que tornava bastante difícil, ou até impossível o seu retorno, achava, por alguns instantes, que seria melhor que não tivesse voltado, talvez sofresse menos, chorou copiosamente, chegando mesmo a soluçar, sozinho no interior do seu quarto de hotel, achava que agora tinha certeza de que perdera tudo de valor que antes possuía, a sua família, a sua sagrada família, pensou novamente em procurar os seus irmãos, de se abrir com eles, de contar toda a sua história, eles com certeza acreditariam, pois não tinham motivos para recrimina-lo, não tinham motivos para não acreditar, mas achou por bem deixar as coisas caminharem normalmente, pois se futuramente, por desgosto, angústia ou desistência, ele resolvesse partir de uma vez, para outro lugar qualquer, ninguém saberia que ele havia voltado, continuariam a acreditar que ele estava morto e pronto.

XVII

Rafael estava muito decepcionado, magoado, sentia-se traído, sentimentos dos mais variados tipos se apossavam dele, chegando a ponto de sentir pena de si mesmo, o pior dos sentimentos, sentia-se muito só, não conseguia, tomado pela ira e pelo desgosto, de tentar entender a posição dos seus familiares, para todos, ele estava morto a muitos anos, só quem não sabia que ele não havia morrido era ele próprio, mais ninguém, portanto ele estava, involuntariamente, sendo egoísta, só pensando em si mesmo, tomado por estes pensamentos Rafael não conseguia concatenar mais o raciocínio, as idéias, era preciso que o tempo, se incumbisse de lhe orientar, de lhe posicionar dentro da realidade dos fatos, tentou manter a calma e de refazer todo o seu planejamento em relação à sua família, em função de tudo o que lhe fora revelado até então, decidira que teria que ter um contato direto, sem se identificar, com alguém da sua família, mas que não poderia ser Marli, pois devido à grande mágoa que estava sentindo dela, poderia pôr tudo a perder, até trata-la mal, com desdém ou desprezo, talvez em represália a toda a traição que, ele achava, ela tinha cometido com ele, o melhor seria tentar um contato com o seu filho mais velho, o Júnior ou o Rodrigo, seu filho do meio, com a sua filha não, porque uma abordagem

qualquer, e ela poderia ficar com a impressão de que ele a estava paquerando, causando um terrível mal estar, entre ambos, ou até mesmo contar para a sua mãe e ao seu padrasto da sua perseguição, visto que eles tomariam alguma atitude em defesa dela, pondo todo o seu planejamento por terra, precisava ouvir deles próprios a história que eles conheciam a seu respeito, ou seja, mais precisamente, do falecido Rafael, não mais queria ouvir histórias distorcidas, mal informadas, a título de fofoca, relatada por algum estranho, decidiu que faria uma prontidão, discreta e constante defronte à casa, pela manhã e ao cair da noite, no firme intuito de saber quais os passos de algum filho seu, descobrir os seus hábitos, onde trabalhava, onde estudava, se namorava, e onde, que locais freqüentava, tentando encontrar desta forma uma maneira de se chegar a ele sem despertar suspeitas, precisava iniciar uma amizade com algum deles, de alguma forma, com a clara intenção de descobrir tudo o que pudesse.

XVIII

Passou, daquele dia em diante, a chegar mais cedo, o quanto pôde, à rua, até que finalmente viu alguém saindo daquela casa, viu logo cedo uma bela moça sair, com alguns livros por sob os braços, dando a nítida impressão de estar indo para alguma escola, era, à distância, uma moça linda, cabelos longos e negros, estatura mediana, corpo bem delineado, da distância que estava não pôde visualizar seu rosto com nitidez, e também porque ela fôra na direção oposta a que ele se encontrava, resolveu segui-la, apertando os passos, na intenção de passar à sua frente para que pudesse ver o seu rosto, conseguiu, finalmente, viu o seu rosto, deslumbrou-se com tamanha beleza, tinha a nítida impressão de estar revendo neste instante a sua Marli, era parecidíssima com ela, linda como ela, emocionou-se, era a sua filha Rafaela, seguiu-a por um longo trajeto sempre olhando discretamente para ela, às vezes até indiscretamente, com o coração pulando de felicidade, de rever a sua filha, teve muita vontade de se identificar para ela, de lhe abraçar, lhe beijar muito e lhe dizer: “- Filha, eu sou o seu pai, eu sou o Rafael, seu pai, que vocês achavam que estava morto, eu não morri, eu estou aqui, de volta”, mas relutou, ela jamais entenderia nem acreditaria, por um momento entrou em crise profunda de choro, estava muito emocionado, parou de segui-la e teve que se esconder dos demais transeuntes, atrás de uma banca de jornal, para que os outros não percebessem, enganou alguns, porém outros perceberam o seu choro, não compreendiam, mas não deram importância, apenas acharam estranho um homem, daquela idade, estar chorando daquela maneira, sem um motivo aparente, sentiu muita felicidade de estar realizando parte do seu sonho, que era o de rever a sua família, pelo menos a sua filha ele já havia visto.

Nos dias que se sucederam, viu outras vezes Rafaela sair, mas agora não mais a perseguia, apenas se emocionava à distância, tinha em mente outro intuito que era o de ver os seus filhos homens, saírem, era um deles que Rafael queria, era este o seu alvo agora, um de seus filhos, Júnior ou Rodrigo, não importava, qualquer um deles servia, via algumas vezes, e com certa freqüência, um carro sair com três pessoas no seu interior, uma mulher, um homem e um jovem, muito magro, sentado no banco detrás do carro, mas sempre que o carro saía, por ironia do destino, ia em sentido contrário ao que se encontrava, não tendo desta forma, meios de identificar os

ocupantes do carro, deduzira que seria Marli, o seu “marido” Jaime e um de seus filhos, mas qual, Júnior ou Rodrigo?.

Continuou por muito tempo a sua vigília, até que finalmente viu sair, da casa, um rapaz, aparentando em torno de 20 anos, forte, parrudo, bonito, bem barbeado, bem trajado, com uma pequena pasta na mão, vinha em sua direção e então Rafael pode olhar minuciosamente para ele, não conseguira distinguir se era o mesmo rapaz, que saía algumas vezes no carro, achava que não, pois o outro era com certeza mais magro, menos encorpado, era difícil distinguir, pois a diferença de idade entre eles era mínima, isto é, Júnior era apenas um ano e meio mais velho que Rodrigo, não o achava parecido com ninguém, nem com ele, quando jovem, nem com Marli, tentou lembrar-se das feições de Celso e Oto, seus irmãos, ou de seu pai, para compara-las, não conseguiu, estava tenso demais, nervoso demais, seguiu-o discretamente, até um ponto de ônibus, parou quase ao seu lado, entrou no mesmo ônibus que ele, com destino ao centro, estava lotado, tiveram que ficar de pé, o rapaz lá na frente e Rafael a uma certa distância, olhando agora, esporadicamente, para que ele não percebesse a sua insistência, finalmente o ônibus chegou ao seu destino final, saltaram todos e Rafael fez um grande esforço para não perde-lo de vista, entraram por várias ruas, até que finalmente o rapaz entrou em um prédio, era o fim da perseguição para Rafael, dali em diante não mais poderia segui-lo, pois aí despertaria suspeita, viu ainda quando ele seguiu rumo ao hall dos elevadores e entrou em um deles, desaparecendo do seu raio de visão, achava que tinha dado um grande passo, agora ficaria mais fácil tentar uma aproximação, fixaria todo o seu planejamento em cima deste, que com certeza era um de seus filhos, viria sempre aqui até que conseguisse uma maneira de fazer amizade com ele, inclusive nos horários de almoço, onde iria almoçar no mesmo local onde possivelmente ele almoçaria, sabia que se mantivesse uma constante observação sobre ele, mais cedo ou mais tarde, iria conseguir se aproximar, conseguindo desta forma uma amizade com ele.

XIX

Durante muito tempo, ficou espreitando este seu filho, fizera como o planejado, ficava quase que a manhã inteira, defronte ao prédio em que o seu filho trabalhava, aguardando a hora dele sair para almoçar, até que finalmente viu-o sair com alguns amigos, alguns homens e algumas mulheres, todos muito jovens, com certeza colegas de trabalho, seguiram para uma pequena pensão, próxima ao prédio, onde trabalhavam, seguiu a todos, mantendo certa distância, viu quando eles escolheram uma mesa bem no canto do salão, tentou conseguir uma mesa próxima a eles, com o firme propósito de ouvir o que eles conversariam, e de que nome eles chamariam o seu pretense filho, sentou-se pediu o seu almoço e ficou atento, sem, no entanto olhar na direção deles, para não despertar suspeitas, conversavam banalidades, e faziam muitas gozações entre si, até que ouviu uma pessoa chamar uma outra de Rafael, imediatamente, virou-se para eles, para se certificar que a pessoa que responderia seria a mesma que ele viu sair daquela casa, teve certeza absoluta ao vê-lo responder, era realmente seu filho, o mais velho, o Júnior, emocionou-se, sentiu um orgulho muito grande dele, ao ver que já trabalhava, que já tinha responsabilidades, que não era um inoperante, “- Com certeza começara a trabalhar cedo para ajudar no sustento da casa e com isso se acostumou”, pensou,

estava radiante, seu planejamento ia muito bem, continuaria a almoçar ali todos os dias até conseguisse uma maneira de aborda-lo.

Continuou a almoçar junto com eles por um longo período, isto é, no mesmo horário, sempre fiscalizando cada passo deles, até que certo dia, de tanto se verem no dia a dia, ao sentar-se, notou que todos o olhavam, resolveu cumprimenta-los, com um aceno de cabeça, tivera resposta imediata, alguns ousaram responder: “- Bom dia, como vai?” Já sentado percebeu que não mais olhavam para ele, era ótimo, não havia despertado nenhum tipo de suspeita do seu filho, repetiram várias vezes estes gestos, sempre com o mesmo ritual, até que um dia percebeu que o seu filho, o Júnior, fôra almoçar desta vez apenas com um amigo, por coincidência a pensão estava lotada e ele, estava só na mesa que ocupava, resolveu então aproveitar a oportunidade e convidou-os a sentarem com ele, eles aceitaram, e timidamente sentaram, apenas conversando entre si com a voz bastante baixa, quase em sussurro, sentiu um alegria muito grande de sentir o seu filho tão de perto, sentiu-se indiscreto, de tanto que o admirava, mas eles não notaram nada, tentou puxar conversa com eles, o que foi imediatamente correspondido, falaram sobre assuntos diversos, como música, futebol e sobre banalidades, terminaram de almoçar, até rápido demais, pois tinham horário para cumprir, o que não era o seu caso, e levantaram agradecendo e se apresentando:

- Obrigado e muito prazer, meu nome é Fábio.

Disse o amigo de seu filho.

- E o meu é Rafael, prazer e até logo.

Disse o seu filho, seus olhos encheram-se d’água, ao ter esta satisfação de ser apresentado ao seu próprio filho como se nunca o tivesse conhecido, tornou-se o mais agradável e simpático possível, de modo que este momento tornasse a acontecer, momentaneamente temeu, mas se deu conta que seu filho não tinha nenhuma condição de reconhecê-lo, pois era muito pequeno quando ele “desapareceu”, caiu em si e voltou à conversação:

- Muito prazer meu nome é... Antônio Carlos espero que possamos almoçar outras vezes, juntos.

Relutou ao dizer o seu nome fictício, pois jamais se acostumara com ele, mas sabia que doravante era ele que deveria usar sempre, eles foram embora, sempre acompanhados com o olhar, por Rafael, passaram a partir daquele momento a se cumprimentar com mais assiduidade, com mais intimidade, quase que diariamente, Rafael chegava bem mais cedo que todos eles e ficava ansioso aguardando o seu filho, era preciso que um dia, apenas uma vez, o seu filho viesse almoçar sozinho sem a companhia dos amigos para que eles pudessem conversar mais demoradamente.

XX

Não demorou muito a acontecer o que Rafael esperava, certo dia, bem antes do horário, que eles estavam acostumados a chegar, o Júnior chegou sozinho à

pensão, se dirigiu para a mesa de sempre, ao passar por Rafael, que já o havia visto, cumprimentou-o educadamente:

- Bom dia, Antônio, tudo bem?

Rafael, ou seja “Antônio”, respondeu-lhe com grande satisfação:

- Tudo bem, Rafael, está sozinho hoje? Ou o resto do pessoal já está vindo?

- Não, eu hoje estou sozinho mesmo, porque eu vou ter que fazer um serviço de rua daqui a pouco e fui liberado para almoçar mais cedo hoje, eles virão mais tarde, mais tarde não, no horário normal.

Conversavam entre si, porém cada qual sentado em uma mesa diferente, Rafael então resolveu convidá-lo para almoçarem juntos, no firme propósito de iniciarem uma conversa:

- Então porque você não senta aqui para almoçarmos juntos, que tal?

- Tudo bem.

Júnior levantou-se e sentou-se à sua mesa, era um bom momento, iniciou uma conversa, imediatamente após ele sentar-se:

- Afinal que tipo de serviço vocês fazem? Qual é o negócio de vocês?

- Eu trabalho no setor de contabilidade, mais precisamente em contas a receber, de uma empresa de importação e exportação de produtos alimentícios, e é por isso que eu estou almoçando mais cedo hoje, pois vou ter que ir à rua com meu chefe, para executar algumas cobranças e vamos levar a tarde toda.

- Já trabalha nisto há muito tempo?

- Desde os dezesseis anos de idade, que eu estou nesta empresa, nesta função eu estou há uns quatro anos.

- E quantos anos você tem agora?

- Vou fazer 22 anos.

- Começou a trabalhar cedo, hein? Ainda está estudando?.

- Eu já terminei o científico, o segundo grau, agora estou fazendo cursinho, à noite, para fazer o vestibular para ciências contábeis no final do ano, se Deus quiser.

- Muito bem, você é muito novo, e se quiser conseguir alguma coisa na vida, deve realmente estudar, mesmo porque, você já está empregado em uma grande empresa e a tendência é só crescer, dentro dela, de modo a

conseguir novos cargos e automaticamente melhores salários, mas formado já facilita muito, não é?

- Não sei não, os patrões lá não são de dar muitas oportunidades não, a gente prá conseguir uma promoção qualquer custa muito, mesmo porque eles têm funcionários lá, que já trabalham com eles há mais de vinte e cinco anos, e todos em cargos de chefia, além de tudo são muito competentes, e por isso só serão substituídos se forem aposentados.
- Mas não importa, o importante é que você continue estudando, porque você pode abrir outros campos em outra empresas, quem sabe?
- É a idéia é esta, aprender o máximo que puder, na empresa e na faculdade para criar condições de competir no mercado de trabalho.

Rafael ficou estupefato e orgulhoso, com o alto nível cultural e o alto grau de maturidade do seu filho, fôra uma grande demonstração, deixou bastante claro que sabia o que queria da sua vida profissional, tinha ambições, e isto é sempre bom.

- E como você começou a trabalhar, nesta empresa? Isto é, como você conseguiu este cargo?
- Eu entrei lá como auxiliar de escritório, meu pai que arrumou para mim, ele é o chefe do escritório.

Este “meu pai”, dito por Júnior deixou Rafael fulo de raiva, - “Seu pai sou eu e mais ninguém”, pensou, mas não podia pôr tudo a perder, teria que engolir esta afirmação naturalmente, embora tivesse certeza de ter empalidecido momentaneamente e corado a seguir, manteve o tom ameno de voz com o qual houvera iniciado a conversação, tinha que manter a calma e tinha plena consciência disto, continuou a conversa:

- Quer dizer que seu pai é que te arrumou este emprego?
- É, meu pai é bastante considerado lá, trabalha já há muitos anos com eles, isto é desde que eles começaram com a empresa, há quase trinta anos atrás e está até hoje, não pensa em se aposentar, nem os patrões deixariam também, meu pai faria muita falta a eles, e além de tudo, meu pai é muito forte, e não saberia ficar em casa “coçando o saco”, como se diz por aí, ele começou a trabalhar muito cedo, era muito novo, sabe como é, naquela época, dificuldades financeiras....
- Seu pai é formado por alguma faculdade?
- Não, ele é técnico em contabilidade, naquela época, não havia ainda a faculdade de Ciências Contábeis, o técnico podia assinar as escritas, mas meu pai fez alguns cursos de atualização, ele sabe muito de contabilidade, têm muitos anos de prática, ele é muito competente.
- Pelo visto você tem muito orgulho de seu pai, ele é realmente o seu herói.

- Tenho que ter, meu pai é uma pessoa muito importante, prá nós, prá todos da nossa família, ele é muito dedicado, tanto a mim e meus irmãos, quanto a minha mãe, ele é realmente um exemplo, a ser seguido.

Pelo que Rafael ouvira até agora, do seu filho, ele chegou a conclusão de que ele, Rafael, havia realmente morrido para todos da sua família, morrera e fora sepultado para sempre na memória e na lembrança de todos, indistintamente, até da sua amada Marli, com quem vivera momentos tão maravilhosos, tão felizes, seus filhos ele ainda podia desculpar, pois eram muito pequenos, quando aconteceu esta tragédia na sua vida, mas não podia compreender como Marli esquecera-se dele tão facilmente, logo ele que até hoje lhe fôra tão fiel, às vezes por não poder, outras por opção, por ama-la muito.

Rafael já estava sentindo que o melhor a fazer, seria sair da vida deles, definitivamente, viajar para outro lugar e deixa-los viver a vida que o destino, maldito destino, escolhera para eles, e passar a viver a sua vida, maldita vida, independente deles, mas, Rafael ainda queria saber mais algumas coisas a respeito dos seus irmãos, da própria Marli, do seu falecido pai, e fundamentalmente da real história que eles conheciam a seu respeito, mas percebia que Júnior, involuntariamente, não lhe dava nenhuma brecha, para lhe perguntar se a quem ele tecia tantos elogios, era seu pai verdadeiro ou apenas seu padrasto, como iniciar este tipo de conversa? Tinha que ter uma maneira de perguntar por sua mãe? Deixou que Júnior continuasse a sua dissertação, sem interrompê-lo para adquirir de uma vez a sua amizade, tornando-se desta forma, seu amigo fiel, seu confidente, notava que Júnior, se emocionava, com a narração, não conseguia compreender que tipo de sentimento se apossava dele nestes momentos, seria tanto amor assim por seu pretenso pai? Concentrou-se mais uma vez no diálogo travado por eles, com um planejamento, reiniciou a conversa:

- Como é que se chama seu pai?
- Jaime.
- Não, como é o nome todo dele?
- Jaime Luís Santos de Almeida, você o conhece?
- Não, não conheço, é só curiosidade, e o nome da sua mãe?
- Marli Campos de Almeida.
- Almeida é? Então o seu nome completo é Rafael Campos de Almeida também?
- Não, meu nome completo é Rafael Vieira da Silva Júnior, já sei que você não vai entender nada, mas antes que você me pergunte eu vou explicar logo de uma vez: Eu tenho o nome completo do meu verdadeiro pai, que morreu quando eu ainda era muito pequeno, Jaime é o meu padrasto, pois depois que o meu pai morreu, minha mãe casou-se novamente, mas

todos nós consideramos Jaime, como nosso verdadeiro pai, pois na realidade tivemos muito pouco contato com o outro.

- Do primeiro casamento só tem você?
- Não, somos três, eu, um irmão e uma irmã, do segundo casamento, minha mãe não teve filho, bom, Antônio, o papo está muito bom, mas eu tenho que trabalhar preciso ir, depois a gente continua quem sabe em outro almoço, até logo.
- Tudo bem vai com Deus, Rafael, fiquei muito feliz por termos tido este papo, franco, aberto, fico feliz em ser seu amigo.

Júnior, seu filho fôra embora, deixando-o só, neste interim, Rafael começou a matutar sobre o papo que tiveram, o plano dera resultado, Rafael conseguiu com que Júnior admitisse e dissesse com a sua própria boca, que Jaime não era o seu pai verdadeiro, era apenas o seu padrasto, restava agora a Rafael muita habilidade para entrar no assunto da sua mãe e dos seus irmãos, teria que ser com calma, muita calma, para que Júnior não percebesse interesse em demasia, pois isto poria tudo a perder, teria que cativar a amizade dele, pois ele era o caminho da resolução dos seus problemas, no próximo encontro dos dois, não poderia partir dele o reinício deste tipo de assunto, teria que partir do seu próprio filho, intimamente, Rafael sabia que não tinha mais como recuperar a sua família, principalmente a sua Marli, porém por questão moral, ele estava disposto a ir até as últimas conseqüências, para se limpar, e recuperar a sua dignidade perante os seus filhos, queria mostrar a todos, que ele não os abandonou simplesmente, e fugiu, queria mostrar e tentar provar que ele sumiu sim, porém involuntariamente, que não dependeu dele esta decisão, que ele não era este canalha, que todos, aparentemente, acreditavam que ele fosse, estes pensamentos tornaram-se para Rafael, uma verdadeira obsessão, haveria de recuperar a total confiança de sua família, custasse o que custasse, prometeu a si mesmo que partiria para sempre, deixando-os de uma vez, mas antes porém haveria de se limpar ante todos e deixar no ar a hipótese de que Rafael Vieira da Silva, filho de José Lima da Silva, casado com Marli Campos da Silva, com três filhos a saber: Rafael Vieira da Silva Júnior, Rodrigo Campos da Silva e Rafaela Campos da Silva, estava vivo e muito vivo. Rafael levantou-se pagou a sua despesa e foi embora, desta vez um pouco mais esperançoso, e intimamente feliz com os progressos alcançados, frente a sua família.

Durante algum tempo ficou sem encontrar o seu filho, durante os almoços, via apenas os seus colegas de trabalho, chegou a perguntar por ele, a resposta foi de que ele estava viajando pela firma, a serviço, e que deveria ficar uns quinze dias fora, sentiu muitas saudades dele, talvez mais do que quando ainda estava encarcerado, pois a saudade, naquela ocasião, era dividida entre todos, hoje, o contato fôra mais individualizado, por isso uma saudade dirigida, acumulada, em maior intensidade. Passou a partir daquele dia a não mais freqüentar aquela pensão até que Júnior retornasse da sua viagem, em compensação, retornou as suas visitas, embora esporádicas, à rua, onde morou, com o claro intuito de ver os seus outros filhos ou a própria Marli, viu muitas vezes a sua filha Rafaela sair, provavelmente em direção a

sua escola, porém não via o Rodrigo sair sozinho, apenas o via, algumas vezes, sair acompanhado de, certamente, Marli e de “Jaime”, sempre naquele carro, só poderia ser ele, aquilo o intrigava, Marli também, ele nunca a viu sair sozinha, percebeu que não poderia ficar perambulando por muito tempo naquela rua, pois poderia bater de frente com o Júnior e não encontrar uma justificativa cabível que explicasse a sua presença lá. Foi embora, caminhando, se dando conta de que a sua vida estava resumida e direcionada somente e tão somente, para a sua família, não se divertia, não passeava, não esparecia, não desanuviava o seu raciocínio, em nada que não o vinculasse a sua família, estava obcecado, e determinado a cumprir o que se prometera, porém num lampejo, achou que deveria fazer exatamente o contrário, isto é, participar de alguns eventos, para que formasse opinião a respeito deles, de maneira a aumentar a quantidade e a qualidade de assuntos, que o envolvesse mais ao seu filho Júnior, era preciso que ele criasse uma gama variada de opiniões, de assuntos, que mantivesse o seu filho sempre preso a ele, era preciso fazer com que o seu filho passasse a admirá-lo por qualquer motivo, pela sua cultura, pela sua honradez, pela sua dignidade, pela sua honestidade, pela sua paciência em ouvi-lo, por ele ser Flamengo, como ele, em alguns assuntos ele deixou escapar a sua preferência pelo rubro-negro, por gostar de seresta, ou de samba, ou de rock, por ser católico ou ateu, por gostar de cinema, ou de teatro, por gostar de morenas ou de loiras, ou seja, ele tinha que ter gostos que coadunassem com os de seu filho de forma a cativá-lo, de forma que eles se identificassem espiritualmente e desta forma criassem entre ambos, uma amizade sólida, tão rígida como uma rocha. A partir destes pensamentos passou a sair quase que todos os dias, indo às sessões de cinema, indo ver os jogos do Flamengo, lendo jornais no sentido de atualizar-se, o que para Rafael não era nenhum castigo, pois para o Flamengo ele torcia realmente nos seus áureos tempos de jovem feliz, e ainda por cima o Flamengo atravessava uma das maiores fases da sua história, a era Zico, ler jornais sempre fôra um de seus hábitos, no caminho do seu trabalho, gostava também de assistir bons filmes, portanto o que ele estava fazendo era apenas fazendo com que sua vida retomasse o seu curso normal, fazendo coisas das quais ele sempre gostara, e com estas atividades ele teria um excelente alibi para convidar Júnior para sair com ele no sentido de conversarem mais, de forma que Júnior se abrisse com ele o máximo que pudesse, contando toda a sua vida e a dos seus familiares nos mais mínimos detalhes.

XXI

Júnior, seu filho havia realmente viajado, como disseram os seus amigos, a Rafael, porém não fôra a serviço, como eles pensavam, Júnior viajou a São Paulo juntamente com Marli e Jaime, no sentido de acompanhar Rodrigo, seu filho do meio, a alguns médicos especialistas em problemas renais, pois a doença de Rodrigo estava se agravando cada vez mais, as sessões constantes de hemodiálise já não estavam adiantando muito, os remédios receitados, já estavam inoperantes, Rodrigo definhava a olhos vistos, com as feições bastante envelhecidas, muito magro, porém com inchações inexplicáveis, segundo os médicos, tudo em decorrência de uma nefrite aguda, que é uma inflamação do tecido dos rins, proveniente de uma forte infecção de amígdalas, o que lhe causou tumores renais, requerendo, agora, uma cirurgia imediata, no sentido de amenizar a situação de Rodrigo, pois os médicos davam poucas esperanças de cura total. Marli só vivia em função deste seu filho adoentado,

pois a sua doença requeria presença constante e sempre cuidados especiais, tais como: repouso absoluto, medicações em curtos espaços de tempo de um para o outro, fazer com que Rodrigo bebesse água e suco de frutas com bastante abundância, alimentação bastante regrada e balanceada, o que fazia com que Marli ocupasse todo o seu tempo diário e até noturno com Rodrigo, impedindo-a desta forma de se ausentar de casa ou se afastar dele por períodos prolongados, esporadicamente sendo substituída por Rafaela, sua filha, nesta sua árdua tarefa. Marli aceitava tudo com muita dedicação e resignação, pois além de ser muito temente aos desígnios de Deus, também já houvera se acostumado, pois durante um longo período de tempo, cuidou com muita eficiência e afinco do seu sogro, o velho “Seu Zé”, pai de Rafael, já tinha estas missões como parte integrante da sua vida, e a elas tinha total dedicação.

Jaime, o atual marido de Marli, tinha também uma grande dedicação e apreço pelos filhos de Rafael, cuidando deles como se seus fossem, principalmente por Rodrigo, que requeria cuidados muitos especiais, Jaime não media esforços, principalmente financeiros, para amenizar a situação dele, tinha uma despesa mensal exorbitante, com constantes consultas médicas, remédios caríssimos, alimentação especial, despesas com traslados e locomoção de Rodrigo, para hospitais e clínicas, além é claro das despesas mensais da casa, ainda tinha a grande vantagem de ter a liberdade de ausentar-se quando quisesse da empresa, e em que horário precisasse, para que desse total assistência, ao “filho” adoentado, Júnior também ajudava, com seu salário, na manutenção e despesa da casa, só Rafaela é que não trabalhava ainda, só estudava e ajudava a mãe na limpeza, manutenção e conservação da casa, cursava o normal, com idéia de lecionar, quando se formasse, estava no segundo ano, já namorava um rapaz, o Carlos Alberto, “firme”, já uns dois anos, com planos de casamento, para um futuro bem próximo, estavam em fase de preparação de enxoval, de compra de móveis etc. e iriam morar em uma das casas que o pai dele possuía, já destinada a ele.

O período de internação de Rodrigo, para a dita cirurgia, assim como o período de observação pós-operatório, extrapolou o período, calculado pelos colegas de trabalho de Júnior, Jaime assim como Marli permaneceram em São Paulo, aguardando a alta de Rodrigo, Jaime aproveitou um período de férias a que tinha direito, e ficou junto a Marli, Júnior voltou logo após a cirurgia ser executada, com a certeza de que ela fôra um pleno sucesso, tinha que retornar ao trabalho, pois com a ausência de Jaime da empresa, tornava-se imperiosa a sua presença, e ele fôra incumbido de algumas tarefas, pelo seu padrasto, no sentido de suprir a sua ausência, e também de ser o guardião e protetor da irmã caçula, que ficara só.

XXII

Júnior voltou ao trabalho e conseqüentemente, voltou a almoçar no mesmo local anterior, a pensão, onde Rafael já o aguardava ansiosamente, porém no primeiro dia do seu retorno ele foi almoçar com alguns colegas, e ao passar por Rafael, limitou-se simplesmente a cumprimentá-lo à distância:

- Como vai, Antônio, tudo bem?

Rafael cumprimentou-o surpreso e desmoronou com a frieza exibida por seu filho, ele estava esperançoso de que Júnior ao vê-lo, fosse demonstrar uma grande euforia ao

revê-lo, que fosse especialmente à sua mesa e lhe desse miseravelmente um aperto de mão, mas qual nada, ele passou, cumprimentou-o e inadvertidamente e coincidentemente, sentou-se justamente de costas para a mesa que Rafael ocupava, causando ao mesmo uma depressão e um mal estar muito grande, pois achava que já eram grandes amigos, e grandes amigos não se tratam com tanta frieza, grandes amigos se alegram ante a perspectiva de um reencontro, grandes amigos por ocasião de um reencontro, procuram saber quais as novidades que o outro tem para contar, e isto implica numa grande satisfação, por um momento Rafael pensou que todo o avanço dado no seu planejamento havia caído por terra, ido por água abaixo, teria que reiniciar tudo do zero para reconquistar a confiança do seu filho, mas manteve-se impassível, e tentou compreender a atitude de Júnior, de repente ele poderia estar inibido ante a presença de seus amigos, jovens como ele, ou estar demonstrando uma timidez, até então oculta, ou então estar matando as saudades, primeiro, dos seus amigos contando-lhes todas as novidades da “Terra da Garoa”, Rafael reconsiderou e desculpou a atitude do seu filho, esperando que numa próxima oportunidade, ele voltasse a ser tão solícito e agradável, quanto fôra anteriormente.

Nos dias que se sucederam Júnior, ainda demonstrava, muita frieza para com Rafael, chegou até a achar que ele tinha feito alguma coisa ou cometido qualquer ato do qual Júnior não tenha gostado, e que ele, Rafael, não tivesse se apercebido, tentou se mostrar ainda mais simpático, para Júnior, assim como para seus amigos, com brincadeiras sobre o Flamengo, e gozações espirituosas, o que conseguiu, se tornando agora mais íntimo de todos os demais, quebrando desta forma todo o gelo que se formou ao redor desta nova amizade, principalmente entre ele e o seu próprio filho, chegando a ponto de convidar a todos, às suas expensas, para assistirem o jogo entre Flamengo e Botafogo que seria no Domingo próximo, marcando encontro com todos em frente à estação das barcas com destino ao Rio. Queria de todas as maneiras criar um contato mais íntimo com seu filho, e se preciso fosse, ampliar a amizade a todos os seus amigos de forma a cativa-los e conseqüentemente cativa-lo, e desta forma retomar a sua confiança. A idéia dera o resultado esperado, foram todos ao Maracanã, assistiram à vitória do Flamengo, se divertiram a valer, passando um domingo maravilhoso, prometendo-se, uns aos outros, repetirem no próximo clássico do Flamengo.

No primeiro dia da semana, em que se encontraram, na pensão, para o almoço, a amizade entre eles já estava bastante consolidada, já sentavam, sem nenhum tipo de convite, à mesa ocupada por Rafael, sem nenhum constrangimento, brincavam com ele o chamando pelo apelido de “Velho” em virtude da grande diferença de idade, entre eles, o que Rafael gostou muito, pois desta forma aumentou a intimidade entre todos, Rafael limitava-se a conversar com todos e tentar entrar na intimidade deles, de forma que eles, todos eles, o olhassem como um grande amigo, mais velho, mais experiente e quem sabe até um conselheiro, o que se acontecesse serviria de exemplo para o Júnior, seu filho, que era na realidade quem o interessava, embora já tivesse adquirido também uma grande amizade pelos outros rapazes, gostando de todos indistintamente, já que eles eram na atualidade os seus únicos amigos, Rafael inconscientemente tinha um grande poder psicológico, embora inconsciente, para lidar com estes jovens, entendia os seus anseios, as suas aspirações, talvez por não ter tido uma vida completa, tendo a sua vida estagnada emocionalmente, quando ainda era

jovem, e só agora ter engrenado outra vez, vezes havia em que alguns deles se abriam com ele, sobre mulheres, namoradas etc., mas nunca o seu filho, parecia até que o destino criou entre eles uma barreira intransponível, ou que Júnior não tenha adquirido a devida confiança nele, parecia obra do maligno, todos se abriam com ele, justamente quem ele queria, não se abria, dando a impressão de que estas necessidades, tipo conselhos ou orientações, eram saciadas na sua própria casa, parecia que tinha total abertura com o “seu pai”, de modo que se bastava por si só, não precisando de mais ninguém.

Rafael sentia-se muito inquieto, não sabendo o que se passava com o restante da sua família, queria saber algo sobre o Rodrigo, sobre a sua filha Rafaela e até mesmo sobre Marli, além de é lógico, conhecer mais sobre Júnior, teria que arranjar uma maneira de criar ainda mais intimidade, entre todos, de forma a que eles tivessem o maior tempo, possível, juntos, o que faria com que eles, com certeza absoluta, passassem a falar mais de seus familiares, e principalmente de si próprios, pensou em promover saídas para um chopinho às sextas à noite, em participarem juntos de festas, churrascos, etc., o que conseguiu, na primeira sexta-feira, todos saíram para um tomar um chope, e o que Rafael planejava só dera certo em parte, o tiro saiu literalmente pela culatra, depois de alguns chopos, Fábio, um dos amigos de Júnior, veio com um assunto que deixou Rafael muito sem graça:

- E aí “Velho”, todo mundo aqui conta sempre partes da sua vida e você nunca conta nada da sua, só fica ouvindo, a gente não sabe nada de você, vamos lá, fala um pouco da sua vida prá gente.
- Falar o que? Eu não tenho nada prá falar não, a minha vida é muito complicada.

Respondeu Rafael, totalmente constrangido, olhando timidamente para o Júnior, tentando dissimular o seu espanto e a sua surpresa ante este pedido.

- Tem sim, a gente sempre tem uma história prá contar, principalmente um cara tão vivido como você, conta aí anda, deixa de frescura.

Voltou a retrucar Fábio, aparentemente o mais desinibido e sacana de todos eles.

- Se eu contar a minha vida prá vocês com certeza eu vou fazer vocês chorar, a minha vida é muito triste é melhor esquecer, deixa prá lá.

Disse Rafael, mas Fábio agora com o apoio dos demais, tornou a insistir para que ele contasse algo, mesmo resumidamente, ele começou:

- Muito bem, eu não tenho muito que dizer, mas vamos lá, eu nasci aqui em Niterói mesmo, trabalhei durante alguns anos em uma empresa de construção no Rio de Janeiro, hoje sou aposentado, casei, tive três filhos, mas o destino quis que eu me separasse da minha mulher e dos meus filhos, fui involuntariamente parar no interior de São Paulo, levei lá, mais de dez anos, depois vim para Vitória, no Espírito Santo, e finalmente voltei para Niterói, e estou aqui com vocês, pronto contei tudo.

- Tudo o cacete, porque que você se separou da sua mulher? Você mora aonde? Onde estão seus filhos, prá gente conhecer eles? Fala tudo, não esconde nada, este é o jogo da verdade, se mentir leva bolo.

Tornou a interpelar Fábio na base da sacanagem, Rafael notava que Júnior simplesmente olhava para ele, demonstrando também muita curiosidade, assim como todos os demais, estava com o coração descompassado, pois não havia passado na sua cabeça a possibilidade de um dia ter que contar uma falsa história, não havia inventado nada antecipadamente, o seu planejamento era contar sua história verdadeira, para a sua família, e não uma fictícia para outras pessoas, que nada tinham a ver, acabou caindo na sua própria armadilha, mas foi em frente, pausadamente, pensou em ir inventando a medida que ia contando, tomou coragem:

- Na realidade eu mesmo não sei porque nós nos separamos, eu fui para São Paulo, eu fui obrigado a ir por problemas políticos, e como eu disse levei lá mais de dez anos, eu só sei que foi por interferência de outras pessoas, alheias ao nosso casamento, eu gostava muito dela, assim como dos meus filhos, que eram muito pequenos, mas são coisas do destino, já em São Paulo eu não tinha como manter um contato com eles, estava incomunicável, perdi completamente o contato com eles, e desta forma nunca mais os vi, nem ela, nem meus filhos, nem meu pai e nem meus irmãos, voltei há pouco tempo de Vitória, hoje moro em um pequeno hotel aqui em Niterói, não tenho família, nem amigos, meus amigos são vocês, e não encontrei uma maneira ainda de reencontra-los, já fiz de tudo, mas ainda não encontrei um modo, não sei nada deles, como vivem, onde vivem, se ainda se lembram de mim, se me aceitariam de volta, o que eles pensam de mim, e na verdade eu tenho até medo de reencontra-los, pois não saberia qual seria a receptividade, talvez eles até pensem que eu estou morto, a minha ex-mulher já deve até ter se casado novamente, ter reconstituído a sua família, ela era muito bonita e jovem, meus filhos hoje já são adultos, não sei o que fazem, como vivem, se já casaram, se eu já tenho algum neto, eles também não procuraram mais por mim, talvez pensando mesmo que eu houvesse morrido, ficaram muitas marcas e muitas cicatrizes na minha vida e na minha alma, foi um sofrimento muito grande que eu prefiro esquecer, mas com certeza absoluta, eu, um dia, nem que seja na hora da minha morte, vou saber o que eles pensam de mim, não posso morrer sem limpar a minha imagem, sem que eu possa contar a minha versão da história, que é muito complexa, quase inacreditável, é uma questão moral para mim, por enquanto eu vou vivendo a minha vidinha da maneira que Deus quer, é isso aí, isso aí é tudo.

Rafael enquanto falava olhava um por um, não fôra interrompido em nenhum momento, a atenção que eles lhe dispensaram era total, olhava a fisionomia deles, tentando decifrar as reações e as feições que eles faziam durante a sua narrativa, se fixando mais demoradamente em seu filho Júnior, que com certeza, pela sua expressão e espanto não associara a sua história a história do seu verdadeiro pai, talvez nem ele a conhecesse verdadeiramente, todos indistintamente, prestavam uma

atenção muito grande enquanto Rafael dissertava, alguns até se emocionaram, notando-se algumas lágrimas, escondidas nos cantos dos olhos de alguns, Rafael então tomou a iniciativa de desanuviar o ambiente, pedindo mais uma rodada de chope:

- Vamos tomar outro chope, agora chega de contar a minha vida, já contei tudo, embora resumidamente, se eu for contar detalhadamente, nós vamos ficar aqui uns três dias diretos, portanto vamos mudar de assunto e falar de outra coisa, certo?

Não escapou do próprio Júnior uma observação, como que penalizado:

- Porra, você sofreu prá cacete, hein?

Rafael imediatamente pensou: “- Ah! Meu filho, se você soubesse o quanto!”, mas continuou:

- É, sofro ainda, mais deixa isso prá lá, a vida continua não é? É como dizia um velho amigo meu “no final tudo vai dar certo”, mas vamos mudar de assunto.

Este papo se encerrou por ali, tomaram mais algumas rodadas de chope, conversando sobre futilidades e banalidades até que foram embora, aos poucos, sendo Rafael um dos últimos a se retirar, ele mantinha a sua compostura, bebendo muito pouco, socialmente, de modo que não colocasse tudo por terra, falando demais em função da bebida, foi embora pegando uma carona de carro, com Luís, um dos rapazes, que foi o último a se retirar do recinto, juntamente com Rafael.

A partir daquele dia, tendo criado muita intimidade com todos, não conseguiu mais ficar um minuto sequer sozinho com seu filho Júnior, para que tivesse a oportunidade de arrancar dele mais algumas informações, sempre que o encontrava, ele estava invariavelmente cercado por algum dos amigos, agora comuns a ambos, embora ainda continuassem a sair, esporadicamente, todos juntos, até que um dia surpreendentemente, em uma destas chopadas de Sexta-feira, pós-expediente, Júnior anunciou que comemoraria a data do seu aniversário com um churrasco em um Sábado à tarde, na sua residência, e que todos inclusive Rafael já estavam antecipadamente convidados, Rafael gelou, com o convite, suas pernas tremularam, tal qual bandeira no mastro, seu coração disparara num ritmo tão frenético que por um momento temeu enfartar, sempre ansiou por este momento, de rever toda a sua família de uma vez só, mas ante a expectativa do momento, amarelou literalmente, perdeu a voz ante todos, porém ninguém percebeu o seu descontrole, tão envolvido que estavam sacaneando Júnior, não se perdoou por ter esquecido a data do aniversário do seu filho, ele que sempre se lembrava das datas de todos, tentou manter a calma, aproveitando-se do momento que ficara totalmente fora de cena, à parte das brincadeiras, tentou se reintegrar ao grupo, fazendo algumas brincadeiras também, mas estava distante, totalmente tenso, não conseguia mais compartilhar dos assuntos do momento, não sabia se estava feliz ou apavorado, por um momento pensou em arranjar uma desculpa para não ir a esta festa, mas relutou em divulgá-la, achou por bem esperar, deixar as coisas caminharem naturalmente, depois

encontraria uma solução, para este que agora passou a ser um problema, e que antes sempre fôra uma solução, temia reencontrar Marli, ficar cara a cara com ela, e se ela o reconhecesse? O que fazer? Estava totalmente longe do que se sucedia na mesa, entre todos, seus pensamentos estavam voltados exclusivamente para o momento em que adentraria a casa de Júnior, no tal dia da festa, tão próximo, temia também reencontrar os seus irmãos, tios de Júnior, que, com certeza, também estariam presentes, ficou por momento paralisado ante estas expectativas de ser apresentados a todos eles, o que dizer? Percebeu que ficara totalmente sem clima no local, arranjou uma desculpa para ir embora, e se retirou, retornando para o seu quarto de hotel, não conseguia manter a calma, nem sequer conseguia dormir, estava muito tenso, o que ele sempre sonhou acabara de se concretizar, mas nunca em sua sofrida vida pensou que teria tantas dificuldades de ir adiante, por vezes tentou se acovardar indo simplesmente embora de uma vez, e esquecendo-se de tudo o que sempre planejara, não conseguia ver uma luz no fim do túnel, mas por um momento tomou coragem, voltou a ser o Rafael valente de antes e pensou: “- Eu já cheguei até aqui e agora vou até o final, seja lá o que Deus quiser, eu não tenho mais nada a perder, já perdi tudo o que podia perder agora o que acontecer daqui prá frente será lucro, só não quero estragar a aparente felicidade deles, tirando a tranqüilidade dos meus filhos com o retorno de um possível fantasma, vou a esta festa sim, tentarei de todas as formas ficar anônimo, porém se algum deles me reconhecer eu confirmarei tudo, e contarei a minha versão da história, ou seja, a verdadeira história da minha vida, e a partir daí eles que tomem a decisão que acharem melhor, e direi simplesmente a este tal Jaime: “- Não se preocupe eu não voltei para lhe tirar Marli, eu voltei apenas para recuperar o amor dos meus filhos, pois eu sou o verdadeiro pai deles e quero que eles me amem e me respeitem como tal”, eu vou a esta festa e está decidido, pronto.

Rafael com estes pensamentos estava, na realidade, tentando suggestionar o seu subconsciente, tentando, intimamente, se encorajar, porque na realidade mesmo, ele estava em pânico, mas resolvera que encararia toda e qualquer situação que viesse, doesse a quem doesse, acontecesse o que acontecesse. Durante os dias que antecederam a festa, ele até evitou encontrar-se com o Júnior, seu filho, temendo demonstrar-lhe a sua apreensão, passou a chegar para o almoço, na pensão, um pouco mais tarde quando eles já estivessem saindo, pois desta forma achava, que ficaria pouco tempo com ele, Júnior não se apercebeu de nada, pelo contrário, fazia questão de lembrá-lo do dia da festa, dando-lhe inclusive o endereço, explicando-lhe como chegar lá, como se ele não soubesse, e dizendo-lhe que fazia questão da sua presença lá, que ele era imprescindível, ele ficou muito orgulhoso da amizade que o seu filho tinha para com ele, embora sem saber que era seu filho, isto o acalmou um pouco mais.

XXIII

Finalmente chegara o tão esperado e traumatizante dia da festa, Rafael durante a noite mal conseguira pregar os olhos de tanta ansiedade e medo ao mesmo tempo, tentava, psicologicamente, estar preparado para as emoções que, com certeza, viria sentir, marcou com Luís, um dos amigos do seu filho, para irem junto, como se Luís fosse servi-lhe de escudo, para as lanças que o destino, certamente, estava disposto a enviar em sua direção, porém a intenção de ir acompanhado dele era para

que simplesmente, ele tivesse companhia ao entrar na casa de Marli, no mais ele achava que estava preparado para tudo o que pudesse advir.

Ao chegar em frente à casa, o seu coração disparou, sentiu-se mais uma vez muito tenso, nervoso, procurou manter a calma para que não pusesse tudo a perder, o seu planejamento de se abrir totalmente e de contar toda a sua história, fôra por água abaixo, não mais pensava nisso, sua única preocupação agora era, se possível fosse, esconder-se de todos os seus familiares, de modo que não fosse reconhecido por ninguém, não mais fazia questão de ser apresentado a nenhum deles, porém se deu conta de que isto era uma coisa totalmente impossível, tinha que readquirir a sua coragem, a sua valentia, a sua gana, mas não conseguia, nem se deu conta da enorme quantidade de pessoas presentes, entrou pelo portão quase que de cabeça baixa, Júnior viera recebe-los, na maior euforia, dizendo-lhes que o restante do pessoal estava lá no cantinho do quintal, junto a churrasqueira, entregou o presente, que antecipadamente houvera comprado, para Júnior, e seguiu Luís por entre a multidão, sem sequer levantar a cabeça, ao chegar junto ao restante da rapaziada e cumprimenta-los, foi se acalmando pouco a pouco, tomando um chope, já se arriscando a procurar, discretamente, por entre a multidão o seu filho Rodrigo, a sua filha Rafaela ou até mesmo Marli, não participava das conversas entre eles, chegando a despertar em Fábio uma preocupação:

- E aí “Velho”, está tudo bem? Você está parecendo preocupado, tá com algum problema? Fique a vontade, cara, o pessoal aqui é gente finíssima, você vai ver, quer mais um chope? Eu pego prá você.
- Não, Fábio, tá tudo bem, eu estou só olhando o pessoal, não se preocupe comigo, não há problema nenhum, fique tranquilo.

Rafael continuou procurando por entre as pessoas, alguém da sua família, totalmente disperso e distraído quando foi sacudido por um dos rapazes:

- Acorda, porra, deixa eu te apresentar o dono da casa, este aqui é “Seu Jaime” o pai de Rafael, “Seu Jaime” este aqui é um grande amigo nosso, o Antônio, a quem nós chamamos de “Velho”.

Rafael sentiu-se gelado, ficou totalmente sem graça ante a seu rival, mas procurou ser educado e manter o equilíbrio emocional:

- Muito prazer, Antônio Carlos, o pessoal fala muito bem do senhor, principalmente o seu filho, o Rafael, ele tem muito orgulho do senhor e o senhor tem um grande filho, fique certo disto.

Falou o que falou para não ser desagradável, mas teve vontade de morder a própria língua, ao dar a ele o título de pai do seu filho, se odiou por isto, mas procurou manter-se impassível, ante a presença de Jaime, que por sua vez mostrou-se muito simpático:

- Muito prazer é bom saber que esta rapaziada tem um amigo, um pouco mais velho que eles, para que os ensine a ter juízo, e não fazer besteiras,

só quero saber se devo chamar o senhor de “Seu Antônio” ou de “Velho”, já que você não é nem tão velho assim.

Rafael retrucou:

- Pode me chamar de “Velho” mesmo, que eu atendo, já estou até acostumado, esta garotada já me acostumou, mesmo porque eu não gosto de ser chamado de senhor, porque eu acho que me envelhece ainda mais.

Jaime: - Então está ótimo, “Velho”, mas agora me dá licença, fique à vontade, qualquer coisa que precisar peça ao Júnior, quero dizer ao Rafael, que ele te serve, OK? Com licença.

Jaime falou e foi saindo sem esperar uma resposta de Rafael, fato comum nestas situações, porém Rafael percebeu que até o próprio Jaime, chamava o seu filho de Júnior, o que deveria ser comum entre todos na casa, isto significava que, embora remotamente a sua lembrança era mantida viva, entre seus familiares, estes pensamentos, neste momento, o encheram de forças, para acalmar-se. Voltou à procura por seus filhos por entre a multidão, até que viu uma moça linda, vir se aproximando do grupo com uma bandeja nas mãos, reconheceu-a imediatamente, era a sua filha Rafaela, ele já a havia visto algumas vezes sair de casa, em direção à escola, nas suas vigílias, ela passou por ele sem sequer se aperceber da sua presença e foi em direção à rapaziada, fôra beijada, respeitosa e carinhosamente por todos, Rafael não se apercebeu da sua indiscrição ao admira-la, de forma tão avassaladora, porém Fábio percebera e no intuito de sacanea-lo foi logo lhe apresentando:

- “Velho”, deixa eu te apresentar, esta é Rafaela a irmã do Rafael, é a caçula.

Rafael estava trêmulo, tenso, e olhava fixamente para os olhos da moça, quem estivesse observando estas apresentações, e não conhecesse a sua história, teria a nítida impressão de Rafael havia se apaixonado, à primeira vista, ardentemente por Rafaela, mas só ele podia avaliar a emoção, de ver de tão perto e, mesmo suavemente, tocar a sua filha, só ele sabia o que estava sentindo neste momento tão lindo para ele, manteve a sua compostura e continuou:

- Muito prazer, eu me chamo Antônio Carlos, “Velho” é brincadeira deles.

Rafaela: - Então porque você deixa estes caras te chamarem de “Velho”, você também não é tão velho assim, corta a onda deles logo senão eles nunca mais vão te dar sossego, eu conheço esta peças, principalmente um tal de Fábio.

Falou em tom de brincadeira, rindo muito de Fábio.

Fábio - Eu? E de Júnior, seu irmãozinho, você não fala nada? Ele é que gosta de encarnar nos outro.

Rafaela: - É outro também

Rafael: - Pode deixar, qualquer coisa eu dou uns cascudos neles, prá que eles saibam quem é velho.

Rafaela: - O senhor também trabalha com eles lá na empresa?

Rafael: - Não, eu não trabalho mais, sou aposentado, eu os conheço da pensão, onde todos os dias nós almoçamos juntos, o que prá mim é um saco, mas já estou pensando seriamente em trocar de pensão, prá me livrar deles de uma vez por todas.

Disse em tom de brincadeira, tentando demonstrar simpatia e gozando com a cara de Fábio e de seu filho, Júnior, que neste momento estava se juntando ao grupo.

Júnior: - Você não teria coragem de deixar a gente, “Velho”, nós somos os únicos que aturamos você, sem a gente você iria morrer de tédio e de solidão.

Falou ao mesmo tempo em que abraçava Rafael carinhosamente, demonstrando cordialidade e uma grande amizade.

Rafaela: - Pois eu se fosse o senhor, fazia isso urgentemente, pois quanto mais longe deles melhor, prá nossa tranqüilidade, eles aporrinham todo mundo, agora com licença, por favor, fique à vontade, qualquer coisa que precisar, não se envergonhe de pedir.

Rafael: - Muito obrigado e prazer em conhecê-la, pode deixar eu estou bem à vontade.

Imediatamente após a retirada de Rafaela, Fábio não perdeu a oportunidade de gozar o Rafael, virando-se para Júnior disse:

Fábio: - Cara, você precisava ver a olhada que “Velho” deu prá sua irmã, eu pensei até que fosse paixão à primeira vista.

Júnior: - Foi mesmo? Cuidado “Velho”, ela é noiva, e o noivo dela é bravo, tá vendo aquele cara fortão lá? É ele, o bicho tem um ciúme dela, danado.

Rafael ficou meio sem graça, mas não disse nada, limitou-se a rir, pensando imediatamente: “- Se eles soubessem, que ela é minha filha, se eles soubessem o quanto eu estou feliz, por ter tido parte do meu sonho realizado, por estar aqui, junto aos meus filhos, mesmo incógnito”. Rafael com estes devaneios esqueceu-se completamente de todo o nervosismo, com o qual adentrou aquela casa, já estava totalmente controlado e equilibrado emocionalmente, e muito feliz, com estes pensamentos avistou e reconheceu imediatamente os seus irmãos, o Celso o mais velho de todos, e o Oto o caçula, bem próximos dele, conversando entre si, achou-os muito envelhecidos, muito diferentes, tendo a partir da fisionomia deles um parâmetro, para a sua própria mudança fisionômica, aproximou-se o máximo que pôde deles, para ver se eles poderiam reconhecê-lo, seria o teste derradeiro, final, eles não haviam sequer olhado em sua direção e então fingindo não vê-los deu um encontrão em um deles, no Celso, quase derrubando o copo de chope que estava em

sua mão, parando bem a frente deles, no intuito de desculpar-se, para que eles olhassem bem para ele, de forma a testa-los, foi repetitivo nas desculpas, chegando a ser enjoativo, mas eles apenas se limitaram a ser educados e desculpa-lo, dando a impressão de, nunca na vida, tê-lo visto, Rafael, retornou ao lugar, onde anteriormente se encontrava, ficando por um longo período observando-os à distância, teve certeza de que se não fôra reconhecido por seus próprios irmãos, não haveria de ser por mais ninguém, nem pela própria Marli, achou ainda que Celso estava muito parecido com seu pai, quase idêntico a quando da última vez que o viu, era a cópia fiel da última imagem que ele tinha, arquivado na sua memória, do seu pai, estes pensamentos lhe afloraram velhas lembranças da sua vida, da sua infância vivida nesta casa, com seus irmãos, da sua adolescência, da sua juventude, e do curto período em que viveu aqui com Marli, hoje tudo seria diferente, se o maldito destino não se metesse na sua vida, ele hoje seria o anfitrião, de todos os convidados, ele é que seria apresentado a todos os amigos de seus filhos como pai deles, ele é que seria o real dono da casa, o chefe da família, teve lampejos de ódio, de ira, de revolta, sentimentos já vividos, quando estava encarcerado, tentou livrar-se destes pensamentos, envolvendo-se com os assuntos e papos que a rapaziada mantinha entre si, Júnior, raramente parava entre eles, pois tinha que se dividir em atenções, aos outros convidados, porém em uma destas voltas de Júnior, Rafael, lhe disse:

Rafael: - Rafael, você não tem outro irmão? Este eu não conheci ainda, gostaria de conhecê-lo.

Júnior: - Tudo bem, então vem comigo, ele está lá na sala, mas antes eu gostaria de te contar uma coisa, ele tem um problema de saúde, grave, e foi operado recentemente, em São Paulo, está se restabelecendo, e por isso não está podendo se locomover, normalmente, ainda, e ele está participando da festa da maneira dele, ele gosta muito deste tipo de festa, só quero te pedir uma coisa, quando você o vir não demonstre ter pena dele, ele fica puto da vida, ele é muito orgulhoso.

Rafael: - O problema dele é muito grave?

Júnior: - É, ele tem um problema nos rins, que requer cuidados muito especiais e assistência médica constante, minha mãe é que cuida dele, vem comigo.

Enquanto os dois caminhavam em direção à porta dos fundos da casa, a cabeça de Rafael estava a mil, seu coração partido, agora fazia sentido, por isso via constantemente, ele sair naquele carro com Jaime e Marli, era para atendimento médico, com certeza, teve ânsia de chorar, mas se conteve, porém não conseguiu conter o nervosismo e a preocupação, ao adentrar a cozinha, Júnior parou repentinamente frente a uma senhora e disse:

- Mãe, esse aqui é um amigo meu, o Antônio Carlos, “Velho”, esta aqui é a minha mãe, Dona Marli.

Rafael não esperava tal apresentação, absorto que estava em seus pensamentos, surpreendeu-se muito, ficou atônito, tenso, nervoso, mal conseguia balbuciar uma palavra, se limitando a olhar para Marli, ela é que teve que tomar a iniciativa:

- Muito prazer, Marli, como vai o senhor?

Rafael mal ouviu o que ela disse, estava boquiaberto, ante Marli, a sua Marli, pelo olhar que ela lhe lançou teve certeza absoluta ela não o houvera reconhecido, ela estava mais velha, mais madura, mas continuava muito bonita, muito atraente, meiga, terna como sempre, caiu novamente na realidade e se deu conta de que estava sendo muito indiscreto:

- Desculpe, eu estava distraído, meu nome é Antônio, Antônio Carlos, é um prazer muito grande conhecer a senhora.

Marli: - O prazer é meu, o senhor chegou agora? Quer comer alguma coisa? Beber alguma coisa? Quer um chope? Júnior dê um chope para “Seu Antônio”.

Rafael: - Não se preocupe, Dona Marli, eu já cheguei já faz algum tempo, é que eu estava lá fora com os rapazes, já fui servido e muito bem servido, fique tranqüila, estou satisfeito.

Júnior: - Mãe, eu vou leva-lo até a sala prá que ele conheça o Rodrigo.

Rafael: - A senhora me dê licença, foi um prazer.

Marli: - Pois não, pode ficar a vontade a casa é sua.

Seguiu agora rumo à sala, Rafael a esta altura estava ansioso para ver o seu filho Rodrigo, ao chegar à porta da entrada da sala, Rafael tomou um susto com tamanha visão do seu filho, muito magro, com as feições envelhecidas, com inchações localizadas, pálido, uma visão muito feia mesmo, estava cercado de alguns amigos, Júnior ao chegar, foi logo brincando com ele:

- E aí, “Digo”, tudo bem? Você quer alguma coisa?

Rodrigo lhe respondeu, sorrindo prá ele:

- Não, tudo bem, a única coisa que eu queria é que você mudasse aquela música, ô musiquinha chata, cara! Deve ser idéia de meu pai, só pode.

Com estas declarações, Rafael percebeu nele certo bom humor, parecia conformado com a sua situação, parecia que não acumulara depressões, nem traumas, nem revolta, ante ao seu estado de saúde, que pelo que ele pode perceber e entender não era passageiro, era crônico, sentiu muita pena do seu filho, e mais ódio e rancor ainda em relação a sua vida, “- Porque este maldito destino me afastou da minha família na hora eles tanto precisavam de mim, da minha presença constante, da minha ajuda?” Lembrou-se de que Júnior lhe recomendou para não demonstrar sentir pena de Rodrigo e continuou a olha-lo, até que Júnior os apresentou:

- “Digo” este aqui é um grande amigo nosso, um grande rubro-negro como nós.

Júnior o apresentou e saiu de perto deles, pedindo licença e deixando-o junto com Rodrigo e seus amigos.

Rafael: - E aí Rodrigo, tudo bem? Meu nome é Antônio, mas pode me chamar de “Velho” como todos eles me chamam.

Rodrigo: - Porque eles te chamam de “Velho”, porque será?

Disse Rodrigo com certo ar de deboche e ironia, rindo muito juntamente com os seus amigos, porém Rafael levou aquilo na esportiva, e continuou a tentar ser simpático:

- Eu já falei prá Júnior, que velho é o pai dele, que eu sou apenas um pouco usado, mas e aí e o Mengão?

Rodrigo: - Vai muito bem, já estou até enjoado de tantos títulos, só dá Mengão, com Zico, Adílio, Tita, Lico, e Andrade, fica fácil demais, Carioca, Brasileiro, Libertadores...

Rafael: - É mesmo, você tem razão, e agora nós vamos ser campeões do mundo, você vai ver só...

Rodrigo: - Claro que vamos, é só esperar prá ver...

Com estas conversas, Rafael acabou passando todo o resto de tarde junto a Rodrigo, falando do Flamengo, contando piadas e contando histórias, algumas inventadas, da sua infância e da sua adolescência, não saiu mais de perto do seu filho, que ele achava que carecia da sua companhia, e também que eles se davam muito bem, vez por outra aparecia, Rafaela a sua filha, e mais assiduamente Marli, para ver se Rodrigo precisava de algo, dar-lhe as medicações e leva-lo ao banheiro o que era muito constante, Rafael não mais participou da festa, a sua festa agora era ao lado do seu filho, fazer-lhe companhia, além de estar sendo um prazer, para Rafael, era uma obrigação, além de tudo ele se deu conta, de que Rodrigo fôra até agora o filho com ele mais conversou, mesmo assunto banais. Com esta paciência demonstrada com Rodrigo, Rafael caiu nas graças de toda a família, sendo admirado por todos, fato que ele, Rafael, não tomou ciência, desde Jaime até Rafaela, todos foram unânimes em elogia-lo, entre eles, pelo seu modo simpático e agradável, com que tratava Rodrigo, sem em nenhum momento demonstrar sentir pena dele, pelo modo natural com que lidava com ele, como se ele fosse uma pessoa perfeitamente normal. Rafael estava tão entretido com Rodrigo que a festa foi chegando ao seu final, e ele acabou sendo um dos últimos a se retirar. Despediu-se de todos, um a um, demorando-se mais nas despedidas a Rodrigo, prometendo-lhe que a partir de agora, o visitaria com maior freqüência, isto é, se ele quisesse e com a devida aquiescência e consentimento da sua família, o que lhe foi prontamente permitido, todos acharam que seria bom para Rodrigo, ter uma pessoa com tanto alto astral como amigo, que seria importante que Rodrigo tivesse contatos mais freqüentes, com outras pessoas, além de seus familiares.

XXIV

Nos dias em que sucederam a festa, Rafael tinha muitos acontecimentos para organizar nos arquivos da sua memória, tantos fatos novos apareceram que era necessário que ele reorganizasse toda a sua vida, reorganizar todo o seu planejamento frente a sua vida, não mais tinha porque ir embora, e abandonar tudo, lembrava-se que durante a festa, ele se entretive tanto com Rodrigo, que até se esqueceu de todo o restante da sua família, não se preocupava mais em ser reconhecido, diante da doença do seu filho, os fatos agora, foram todos mudados, decidiu que não interferiria na aparente e transparente felicidade deles junto a Jaime, não tinha mais a intenção de identificar-se a ninguém, espontaneamente, mas porém, se alguém, porventura, no futuro, viesse a reconhecê-lo, fosse Marli, ou qualquer um de seus irmãos ele estava disposto a ir até as últimas conseqüências e confirmar toda a história, para se manter perto dos filhos, principalmente de Rodrigo, portanto entregou tudo nas mãos de Deus, “Ele” decidiria o que deveria acontecer a partir daquele momento em que tomou conhecimento da doença do seu filho, estava disposto a tudo, agora, para manter-se presente, para acompanhar mais de perto, a convalescença do seu filho, de modo a chegar a cura total, achava que com o que ganhava e acumulava no decorrer dos tempos, poderia até ajudar financeiramente, mas teria que arranjar uma maneira, de modo que Jaime aceitasse a sua ajuda, sem despertar suspeitas, e sem ferir os seus brios e o seu orgulho, e também para que ele não percebesse os reais motivos, que o levariam a agir desta forma, tinha que ser um aliado forte para tentar recuperar toda a saúde do seu filho, não lhe passou despercebido o modo excepcional com que todos, indistintamente, cuidavam de Rodrigo, era muito carinho, muita paciência e muita esperança, que eles demonstravam, portanto, a pior parte já estava superada, a emocional, restava agora agir a parte prática, isto é, a procura de novos meios, de novas consultas com especialistas, de novos exames, sabia que Jaime se esforçava ao máximo, na intenção de conseguir novas opções, porém agora tendo ele como aliado, de repente as coisas ficariam mais fáceis e mais possíveis, novos horizontes surgiriam, Rafael tinha muito, o que Jaime tinha pouco: tempo. Rafael não tinha o que Jaime tinha muito: preocupações financeiras, portanto as horas dele, durante um dia, eram bem mais disponíveis que as de Jaime, bastava simplesmente que Jaime aceitasse a sua ajuda, que com certeza seria de muito grande valia. A primeira providência a ser tomada, seria uma conversa séria e franca, com Jaime de forma a tomar ciência da real situação de saúde de Rodrigo, e o que deveria ser feito após a sua convalescença desta última cirurgia. Passou a visitar Rodrigo, mais periodicamente, sempre em companhia de Júnior, visitas curtas é verdade, porém freqüentes, não se dispunha muito a conversar com Marli nem com Rafaela, demonstrava em certas ocasiões até certa frieza, para com elas, para que não se traísse, com assuntos muito demorados, era sempre muito bem tratado, por todos, Rodrigo demonstrava gostar muito de Rafael, e se sentir bem com a sua presença, nestas ocasiões, Rafael levava para ele, sempre algumas revistas, principalmente sobre esporte e jornais, agiu assim até que adquirisse uma total confiança de todos, o que conseguiu, até que finalmente, com o pretexto de um convite para almoçar, marcou com Jaime um encontro, em um restaurante próximo, ao local do trabalho dele, para o dia seguinte, Jaime aceitou cordialmente, sem sequer imaginar o real motivo de tanto interesse, porém ficou

intrigado. No horário previamente marcado, Jaime ao chegar, já encontrou Rafael acomodado, discretamente, a uma mesa bem no fundo do salão, dirigiu-se à mesa e sentou-se, já brincando simpaticamente com Rafael:

- Tá se escondendo de alguém, “Velho”? Sentar aqui no fundo, hum, estou muito intrigado com este almoço, hoje é seu aniversário?
- Que nada, Jaime, velho como nós não faz mais aniversário, agora apenas conta tempo, e deixa o tempo passar sem marcar nada senão acaba muito rápido.
- É verdade, quando a gente cai na realidade da vida, a gente já está no final dela, mas e aí, estou curioso em saber o porquê deste almoço.
- É o seguinte Jaime, me deixa primeiro contar parte da minha história, porque eu depois vou querer saber muito da sua, portanto vamos lá: Como você sabe, eu sou uma pessoa muito sozinha, não tenho parentes, nem família, nem pai nem mãe, nem irmãos, portanto sou extremamente só, eu ganho razoavelmente bem, que dá muito bem para o meu sustento e ainda sobra algum, que eu deposito em uma caderneta de poupança, não sou de muitas vaidades, nem muito gastador, você sabe que eu adquiri uma amizade muito grande pela sua família e principalmente por Rodrigo, a quem eu considero como se fosse meu filho, você que me desculpe...

Jaime neste momento o interrompeu:

- Olha, Antônio, eu não quero ser indiscreto, mas o Júnior certa vez contou lá em casa, uma história sobre a sua vida, que você tinha filhos, mas que teve que se afastar deles etc. eu não vou entrar em detalhes, porque não quero ser indiscreto, só quero saber uma coisa, você não conseguiu nenhum contato com eles?
- Não, não consegui e perdi as esperanças, acho que agora eu não tenho mais nenhuma chance de recuperar a minha família, dei um ponto final nesta história, não acredito que possa mais encontra-los, eu já fiz de tudo o que foi possível, e nada, mas deixe-me continuar, como eu estava falando, eu gosto muito do Rodrigo, é lógico que eu gosto de todos os outros também, mas o Rodrigo se tornou muito especial, para mim, talvez em função da sua doença, não que eu sinta nenhuma pena dele, não, é que é muito triste a gente ver um rapaz daquela idade, com toda uma vida pela frente naquela situação, o que eu estou tentando te dizer é que estou te pedindo para que você me permita ajuda-lo nesta árdua missão de tentar recupera-lo, de tentar cura-lo, tanto com a minha ajuda física; eu tenho mais tempo do que você e posso procurar outras opções, outros médicos, novos exames, talvez uma cirurgia mais eficaz, em outro estado, até em outro país se for preciso, enfim tudo o que possa ser feito, eu posso procurar fazer, pois como eu lhe disse antes, eu tenho todo o tempo do mundo e também quero lhe oferecer a minha ajuda financeira, pois

como eu lhe já disse, eu não sou nenhum ricoço, mas disponho de algum dinheiro guardado, e que está no momento sem nenhuma utilidade, e sem nenhuma previsão para nada, o dinheiro está simplesmente lá, amanhã, eu morro e fica tudo aí, para o governo, isto eu não quero que aconteça, portanto é isso aí, eu sei que você tem o seu orgulho, o seu brio, mas, por favor, esqueça de tudo isto e deixa eu te ajudar, quero deixar bem claro uma coisa eu não tenho nenhum interesse nisto, apenas quero ajudar, não tenho para quem deixar mesmo, pelo menos vai fazer a felicidade de alguém que precisa e...

- Antônio, eu estou muito feliz e sensibilizado e muito surpreso com a sua oferta, sinceramente, eu nunca pensei que houvesse no mundo pessoas como você, que se importa com outras, eu te agradeço muito, de coração, mas o caso de Rodrigo não é tão simples assim, não é, sinceramente, nem problema financeiro, o caso dele é muito antigo, vem desde a infância, já menino ele tinha problemas urinários, era constantemente medicado, tomou muitos remédios, fez vários, já perdi a conta, da quantidade de exames, a que ele se submeteu, mas até agora os médicos não conseguiram nada, já foi examinado e até operado em outros estados, a última cirurgia foi em São Paulo, há bem pouco tempo, você sabe, mas os médicos falam muito em termos técnicos, que no final a gente acaba não entendendo nada, a princípio os médicos falavam em nefrite, que segundo eles, é uma inflamação das células das paredes dos rins, diziam que esta doença se dá, através de alguma inflamação que o organismo tenha adquirido, achando que no caso de Rodrigo, foi uma amigdalite, que como você sabe é umas inflamações nas amígdalas, que ele teve na infância, depois já falavam outra coisa, enfim é terrível, depois retiraram alguns tumores, benignos, segundo eles, que foi o caso desta última cirurgia, problemas financeiros, também nunca foi problema, porque eu trabalho em uma empresa há muitos anos, ganho razoavelmente bem, Júnior também ajuda com o seu salário, e meus patrões são meus amigos e toda vez que eu preciso de um dinheiro extra prá esse fim, eles me dão um adiantamento, e acabam não descontando nada, eles mesmos é que me ofereceram, portanto a cura de Rodrigo, só não se dá porque Deus não quer, oportunidades para cura-lo ele dá, mas não deixa curar, nós, eu e Marli, já fizemos tudo o que estava ao nosso alcance, tudo o que a medicina dispunha de recursos nós já tentamos, tudo o que os médicos mandavam a gente fazer, nós fizemos, mas...
- Tudo bem Jaime, eu entendo, mas de qualquer maneira, eu queria que você me emprestasse os exames dele, para que eu procurasse outros médicos, não estou pondo em dúvida a capacidade dos seus médicos, não, pelo amor de Deus, é para que nós tivéssemos novas opções, outras avaliações, outros exames, talvez em clínicas mais modernizadas, com outros aparelhos, mais sofisticados, de forma que nós tivéssemos um diagnóstico mais preciso, a gente aporrinha os médicos para que eles nos expliquem de uma maneira em que nós, leigos, possamos entender, isso você deixa comigo, porque sou bom nisso, isto é, nessa matéria de

aporrinhar os outros, (risos), eu só queria que você me autorizasse, Jaime, eu quero deixar uma coisa bem clara, pelo amor de Deus, você não vai pensar, que eu estou achando que vocês não fizeram o suficiente, não é isso, é que eu estou muito inoperante, muito parado, muito desocupado, e preciso ocupar o meu tempo com alguma coisa útil, e você é capaz de encontrar alguma coisa mais útil do que isto, prá fazer?

- Tudo bem, você pode fazer tudo o que quiser, não tem problema, amanhã mesmo eu te dou os exames, eu só tenho que te agradecer, sinceramente, pela ajuda, e espero sinceramente que você tenha mais sorte do que nós, quem sabe? Deus queira que você consiga novas maneiras de tratar dele, de cura-lo, ou pelo menos, diminuir o seu sofrimento, nós é que sabemos o quanto é doloroso vê-lo naquela cama o dia inteiro, um rapaz tão jovem, tão inteligente, tão cheio de vida...
- Jaime, eu queria te pedir mais uma coisa, a principio eu não queria que você contasse nada disso, prá ninguém, principalmente da sua família, nem prá Dona Marli, e principalmente a Rodrigo, é prá que não se criasse esperanças além da conta, mais expectativas, quando nós tivermos ou se tivermos que leva-lo para novos exames, aí sim eles ficariam sabendo, portanto a principio eu queria que isto ficasse apenas entre nós, se eu não conseguir nenhuma novidade, nenhuma coisa diferente do que você já conseguiu até agora, a gente deixa a coisa como está e pronto não se criou ilusões, nem novas expectativas, tudo bem?
- Claro, eu estou entendendo, isto é até bom, porque alivia Marli de mais sofrimentos, chega, a mulher já sofreu demais.
- Bom Jaime, então ficamos assim, espero que você tenha entendido a minha idéia, amanhã eu pego com você todos os exames que você tiver, deixa tudo separado e você me entrega discretamente à noite, quando eu for visitar Rodrigo. OK?
- Certo, tudo bem, mas agora deixa e ir embora, porque eu tenho muito trabalho prá fazer, um abraço e mais uma vez muito obrigado.
- Um abraço, Jaime.

XXV

Jaime se retirou e deixou Rafael só, com seus pensamentos, e planejamentos. Nos dias que se sucederam àquela conversa, já em poder dos exames de Rodrigo, Rafael passou a fazer contatos constantes com clinicas especializadas, em doenças renais e marcar consultas como se fossem para ele, no intuito de conversar com os especialistas, de forma a conseguir várias opiniões, de vários médicos diferentes, de forma a comparar as opiniões, muitos o atenderam com cortesia e educação, mesmo porque eram consultas pagas, porém quase todos eram unânimes em dizer que isto dependeria de um exame ao paciente, que era necessário ver primeiro o paciente, para emitir uma opinião mais abalizada, coisas deste tipo, mas

Rafael não queria mais expor Rodrigo, ninguém, além dele e Jaime, deveria saber desta sua peregrinação, pelo menos por enquanto, até que Rafael perdeu as estribeiras com um deles que insistia em examinar o paciente:

- Muito bem Doutor eu trago o paciente, aí o que o senhor vai fazer? Vai examina-lo, ausculta-lo, aperta-lo, apalpa-lo, e em seguida vai pedir uma série de exames não é assim? O Sr. não tem visão de raios-X nem é Deus, então se o senhor vai pedir os exames, eu já os estou antecipando inclusive com um histórico de um de seus colegas, e agora o que o Sr. me diz?

O médico ficou furo da vida e por pouco não o expulsou da clínica. Mas Rafael demonstrou que era muito perseverante e continuou a visitar médicos de várias clínicas, até que encontrou um médico que se interessou muitíssimo pelo caso, ao ver os exames imediatamente falou: “- Estes exames não são do senhor, não é verdade?”, ao que Rafael confirmou e mentiu, “- Não, Doutor é de um afilhado meu”, chamava-se Armando, Doutor Armando, um senhor já idoso, que demonstrava muita experiência, ele foi muito paciente, estudou rigorosamente e minuciosamente os exames, porém muito calado, não comentava nada o que descobria, com Rafael, limitava-se apenas a estudar cuidadosamente cada folha dos exames, receitas e o histórico com muita atenção e zelo, consultava alguns livros que possuía em uma estante atrás da sua mesa, e comparava com os exames, até que falou:

- Sr. Antônio, este caso em muito me interessa, gostaria que o senhor deixasse comigo todos estes exames, por uns dias, se possível até o início da próxima semana, porque eu ainda gostaria de dar mais uma estudada neles, e também mostra-los a alguns de meus colegas, para que eles pudessem também externar as suas opiniões, de forma que todos juntos pudéssemos chegar a um diagnóstico real, não é um caso muito simples, pelo contrário me parece bem complexo, em seguida, com certeza, será necessário que o senhor traga o paciente para uma bateria de exames de forma a atualiza-los, para em seguida orienta-lo no que deverá ser feito com o paciente, o senhor concorda? Quero antes de qualquer coisa dizer-lhe que isto não acarretará mais nenhuma despesa para o senhor até que o senhor retorne, já trazendo o paciente para os exames, tudo bem?

Rafael sentiu muita firmeza no médico, e encheu-se de esperança, sentiu que pelo menos agora alguém realmente se interessara profundamente pelo caso, concordou plenamente, com tudo o que médico lhe propusera, prometendo voltar na próxima Segunda-feira. Despediu-se do médico, intimamente feliz por tê-lo conhecido, demonstrava ser uma pessoa de bem, interessado na sua profissão, parecia muito interessado no bem estar e na saúde dos seus pacientes, demonstrara muita humildade, ao admitir que pediria a opinião de outros colegas seus, embora parecesse bastante experiente e capaz. Rafael com estes pensamentos foi embora. Não contou nada do ocorrido a ninguém, nem sequer a Jaime, resolveu que deveria poupa-lo também de alimentar novas ilusões, embora entendesse que Jaime já estava calejado de tantas decepções, e que não se iludia mais com tanta facilidade, mas mesmo assim calou-se, omitiu, só contaria alguma coisa a Jaime se porventura o médico mandasse que ele levasse Rodrigo para ser examinado, resolveu que ele, apenas ele deveria

alimentar esperanças desta vez, talvez, no fundo, por puro egoísmo, não se apercebendo disto.

Rafael passou todos aqueles dias, com muita ansiedade, continuou a visitar Rodrigo, agora quase que diariamente, transmitia-lhe muitas esperanças sem demonstrar piedade, conversava muito com ele para que ele mantivesse a sua fé sempre acesa, ainda não parava muito para conversar com Marli, se limitava a cumprimenta-la e quando conversava com ela eram papos banais, sempre na presença de Rodrigo, nem com sua filha Rafaela conversava, limitava-se a vê-la, sempre em companhia do noivo e agora raramente via Júnior, também fazia questão absoluta de não se demorar muito na casa deles, não tinha mais tempo para ir à pensão para almoçar, seu tempo agora estava totalmente tomado, quando se encontrou com Júnior ele lhe cobrou isto, dizendo também que o restante da rapaziada estava também com saudades, ele desculpou-se dizendo que estava sem tempo, seguindo algumas pistas do paradeiro da sua família, tudo mentira.

Finalmente, passou-se o final de semana, e chegou a Segunda-feira tão ansiada por Rafael, quando iria encontrar-se com o Dr. Armando, para saber o resultado dos estudos que ele fizera, juntamente com os seus colegas, sobre o caso do seu filho Rodrigo, estava muito tenso, curioso e esperançoso de que o Doutor lhe desse boas notícias, foi praticamente o primeiro a chegar ao consultório, no interior da clínica, a recepcionista o tratou com a educação costumeira, porém pediu para que ele esperasse, pois o Doutor ainda não havia chegado, isto aumentou ainda mais a sua tensão, tentou ler algumas revistas, mas não conseguia concentrar-se em nada, a medida que o tempo ia passando, mais nervoso ficava, mil coisas passavam ao mesmo tempo pela sua cabeça, por vezes esperanças, por outras decepções, tão distraído estava, que nem se deu conta de que o Doutor já havia chegado, só se apercebendo quando a recepcionista, praticamente o acordou, do seu transe, dizendo-lhe que o Doutor já iria recebe-lo, entrou pela porta do consultório, mais tenso ainda, cumprimentou o Doutor, que lhe pediu para que sentasse, quando então começou:

- “Seu Antônio, o caso é o seguinte, é como eu lhe disse anteriormente, que nós agora teríamos que refazer toda uma bateria de exames, no paciente, de forma que tivéssemos uma idéia do estado atual dele, pois o paciente por ser muito jovem, o estado dele muda praticamente, diariamente, por isso eu queria que o senhor o trouxesse o quanto mais rápido possível para que eu, junto com os meus colegas o examinássemos, sem mais perda de tempo...”
- Mas a princípio Doutor, o que o senhor achou?
- É verdadeiramente um caso muito complexo, mas o que foi feito até agora estava rigorosamente, dentro do que qualquer um de nós, da nossa clínica faria, os diagnósticos, as medicações, os laudos, está tudo dentro da mais pura realidade, as atitudes tomadas, até agora, estavam corretíssimas, falando-se em relação aos exames que nos foram apresentados, por isso nós gostaríamos de refazer os exames e conhecer o

paciente, no sentido de fazermos uma avaliação nossa mesma e confirmar tudo...

- Doutor, o senhor vai me desculpar a insistência, mas vamos falar francamente, quais são as reais chances de cura?
- De cura total? Nenhuma, o paciente vai ter que aprender a conviver com este problema, para sempre, porém existem maneiras em decorrência do grande avanço da medicina, que amenizarão em muito a vida dele, existem meios para que ele possa viver uma vida mais ou menos normal, lógico que muito controlada, com medicações constantes, dietas, acompanhamentos médicos, nenhum esforço físico etc., mas que o tirarão de cima da cama e o farão locomover-se normalmente...
- O senhor acha, a princípio, que ele vai precisar se submeter a alguma nova cirurgia?
- Talvez sim, mas é como eu lhe disse, deixa-nos fazer os novos exames, que aí sim lhe daremos um diagnóstico mais real.
- Doutor eu gostaria de lhe dizer para que o senhor não poupe os seus esforços, e que também não deixe de fazer ou indicar para que se faça qualquer coisa, qualquer exame, qualquer cirurgia, por problemas financeiros, faça tudo o que for preciso, pois de algum a forma nós lhe pagaremos.
- Não se preocupe com isto, traga o paciente primeiro, ele é seu filho?
- É, é como se fosse doutor, ele é meu afilhado, vou ter que conversar muito com os pais dele, no sentido de convencê-los, pois eles já sofreram muito com esta situação, já têm o seu próprio médico e talvez nem queiram mais expor o rapaz à outra experiência, o senhor sabe como é, a última cirurgia foi feita em São Paulo, por indicação do médico deles, e eles acham que o médico é muito bom, não estou discutindo a competência dele, eu nem o conheço, mas eu acho que tudo o que puder ser feito tem que ser feito, eu falei com o pai dele que iria tentar procurar outros caminhos, outras opções, ele concordou, mas sabe como é de repente..., mais uma coisa doutor, caso o pai dele, queira antes de trazê-lo, conversar pessoalmente com o senhor, tem algum problema?
- De forma nenhuma, pode trazê-lo, mas eu vou lhe dizer a mesma coisa que eu lhe disse até agora, primeiro temos que refazer todos os exames e mais alguns, em aparelhos super modernos que temos em nossa clínica.
- Tudo bem, Doutor, muito obrigado pela sua atenção, eu faço contato com o senhor, assim que tiver uma posição.

Rafael saiu dali com muitas esperanças acumuladas, a sua primeira providência era conversar com Jaime para que ele marcasse uma data para levar Rodrigo para os

exames, porém não lhe passava pela cabeça que, Jaime, em decorrência de já ter passado por tudo isto, uma infinidade de vezes, não fosse assim tão facilmente convencido, ele relutou muito, Rafael tentava de todas as formas, detalhar o que o Doutor lhe dissera, explicar-lhe minuciosamente, tudo o que ouvira, mas Jaime lhe dizia que ele não disse nada mais do que os outros médicos já lhe haviam dito, inclusive este último que o operou, que as chances de Rodrigo voltar a ter uma vida mais ou menos normal, eram grandes, o argumento de Rafael era de que até agora não havia visto nada disto, Rodrigo continuava na mesma, Jaime achava que devido ao pouco tempo da operação não daria para se fazer uma avaliação, mas Rafael era tinoso, não se dera por satisfeito, não poderia perder a calma, mas tinha que fazer com que Jaime concordasse de qualquer maneira, achava que algo lhe dizia que desta vez tudo ia dar tudo certo, insistiu tanto até que Jaime prometeu-lhe que conversaria com Marli, para saber a sua opinião a respeito, e ela decidiria o que fazer, no dia seguinte Jaime lhe deu a notícia de que Marli estava de pleno acordo e que ele Rafael, marcasse com o médico uma data para os exames, o que ele fez imediatamente.

XXVI

No dia marcado, foram a clínica, apenas Rodrigo, obviamente, Jaime e Júnior, Rafael já os aguardava na porta, Marli não fôra, todos entraram e ficaram aguardando que os exames fossem feitos, levaram quase que o dia inteiro na clínica, até que Rodrigo fosse liberado, Jaime ficou admirado com a modernidade, o luxo e a grandiosidade da clínica, Rafael apresentou Jaime, como o pai de Rodrigo, ao Doutor Armando, que lhes disse que no máximo em dois dias teriam os resultados de todos os exames.

Todos ficaram ansiosos, porém no dia marcado para saberem-se os resultados dos exames, Rafael e Jaime ao irem ter com o médico na esperança de já saberem alguma coisa dos exames, ficaram estupefatos e boquiabertos, quando o Doutor Armando, surpreendentemente, pediu para que todos os que fossem da família, pai, mãe, irmãos, tios etc. comparecessem à clínica, numa data que seria previamente marcada, para efetuarem alguns exames, que complementariam os de Rodrigo já executados, para compor-se os resultados finais, do diagnóstico, eles tentaram saber do Doutor, qual o intuito disto, mas o doutor apenas lhe disse que eram exames rotineiros, comuns a este tipo de doença de forma a conhecer-se as possíveis causas da doença, eles ficaram meio surpresos, porém concordaram em fazê-los. Rafael se tocou no fato de que, se era para serem examinadas, apenas as pessoas da família, não teria sentido, Jaime executar o tal exame, pois ele, com certeza não era da família, ele sim, por ser o verdadeiro pai, é que deveria ser submetido ao tal exame, mas como levantar, agora, esta hipótese, não haveria como, Rafael deixou que as coisas caminhassem normalmente, como deveria ser, até que o Doutor concluísse todo o diagnóstico, uma vez com o diagnóstico pronto se ele sentisse que o mesmo ainda estava incompleto, aí sim tomaria uma atitude.

Os exames dos familiares foram acontecendo aos poucos, primeiro Marli, depois Jaime, ele mesmo se propôs a ir, depois Júnior, Rafaela, Celso e Oto, com todos comparecendo à clínica, em dias variados.

Finalmente o Doutor marcou uma data para o resultado dos exames. Na data marcada lá compareceram Jaime, como o pai do paciente, e Rafael apenas como parte interessada, estavam ansiosos para saber o diagnóstico que seria dado pelo Doutor Armando, até que ele se manifestou:

- Bom, gente, o negócio é o seguinte, eu vou tentar explicar em palavras que vocês possam entender claramente, o caso do Rodrigo é, como nós prevíamos, um caso muito complexo, ele praticamente só tem um rim funcionando, o outro está totalmente inoperante, em decorrência de vários problemas, que não adianta eu entrar em detalhes, e este outro rim que ainda funciona, está muito danificado, dentro de pouco tempo, muito pouco mesmo, o organismo de Rodrigo, só funcionará através de aparelhos, pois este rim não terá mais condições de fazer o trabalho a ele destinado, portanto eu vou deixar bem claro uma coisa, a única salvação de Rodrigo é um transplante, quando nós pedimos que, todos da família, fossem também examinados, era com o intuito de saber-se se algum de vocês, tinha compatibilidade com ele, para que possivelmente, alguém pudesse vir a ser um doador, mas infelizmente, nenhum de vocês é compatível, possivelmente haveria rejeição, portanto nenhum de vocês pode ser o doador, sinto muito, o que tem que ser feito é, o senhor que é o pai deverá imediatamente inscrever o seu filho no banco de órgãos, na lista de espera de doadores, para que na primeira oportunidade, apareça um doador compatível com o seu filho de forma a fazer-se imediatamente o transplante. O senhor entendeu bem?

Jaime: - O senhor tem certeza, Doutor? Não há outra solução?

- Plena certeza, estes exames que foram feitos, nos dá cem por cento de certeza, não há nenhuma margem de erro, e quanto à solução, não há outra possível, só o transplante é que salvará o seu filho agora, sinto muito, às vezes pareço duro demais, mas não tenho por hábito iludir os meus pacientes, quando os parentes dos pacientes, caem na realidade tomam atitudes mais rapidamente, portanto eu aconselho o senhor, sem perda de tempo a inscrever seu filho na lista de espera, isto demora muito, portanto não perca tempo, toda a documentação necessária estará a sua disposição, no mais tardar amanhã à tarde, nosso pessoal já está orientado a prepará-la, alguma dúvida?

Jaime: - Acredito que não Doutor, o senhor não poderia ser mais claro, você quer perguntar alguma coisa, Antônio?

Rafael ficou todo o tempo da explanação do Doutor, totalmente calado, nem sequer ouviu o que lhe foi perguntado, estava muito tenso, lágrimas lhe rolavam, abundantemente dos olhos, sentiu que estava perdendo um dos seus amados filhos, a situação agora, era drástica demais, se indagava se valera a pena leva-lo ao médico, de forma a antecipar o seu sofrimento, a sua dor e possivelmente o da sua família? Refez-se dos seus pensamentos quando foi sacudido por Jaime que lhe repetira a pergunta:

- Antônio, você quer perguntar mais alguma coisa ao Doutor?

- Não, tudo bem, acho que já está mais do que entendido. Obrigado por tudo Doutor Armando, o senhor fez um excelente trabalho, parabéns.

Saíram da clínica, Rafael e Jaime, e foram tomar um café em um bar próximo dali, com o intuito de se refazerem de tantas pancadas, Rafael percebia que Jaime também estava muito abatido, iniciaram um diálogo:

Rafael: - E agora Jaime? Como é que vai ser? Como você vai dar esta notícia a eles? Vai ser muito duro prá Marli.

Não percebera que não a chamou de Dona Marli, porém Jaime também não se dera conta disto.

Jaime: - Sei lá, não sei nem se Marli vai suportar, ela é uma mulher muito forte, mas nunca foi testada com uma notícia desta, filho é sempre filho, mas o que, que eu vou fazer? Tenho que contar, não tem jeito, não tenho como esconder dela um fato deste, mesmo porque eu tenho que colocar o nome dele naquela lista e como vou fazer isto sem que ela saiba? Tenho que ir com calma e contar a ela devagar, ela vai perguntar o resultado dos exames assim que eu chegar em casa, tenho certeza, já deve estar ansiosa me esperando...

Rafael: - E a Rodrigo, você também vai contar? Eu acho que a ele, vocês não deveriam contar, deveriam poupa-lo, prá que tirar dele a pequena felicidade, e esperança que ele tem? Quando tivesse que fazer a tal operação, ele iria normalmente como se fosse apenas mais uma das tantas que ele já fez, converse com Dona Marli, converse com todos, e, por favor, pensem nisso, poupem o Rodrigo desta preocupação, vai ser melhor assim, você não acha?

Jaime: - Eu também acho, não adianta nada contar a ele, prá que? A minha preocupação agora é quanto tempo pode demorar a aparecer um doador que seja compatível com ele? Será que vai dar tempo, meu Deus?

Rafael se compadeceu dele, viu agora que Jaime tinha realmente muito amor por seus filhos, talvez tanto quanto ele sentia, como se fosse um de seus filhos verdadeiros, que nunca os teve, sentiu que ele fôra muito bem substituído na paternidade dos seus filhos, Jaime demonstrara que realmente Júnior, tinha razão quando disse: “- Ele é realmente um exemplo a ser seguido”, e realmente é, é uma pessoa muito especial, uma pessoa de bem, que neste momento estava sofrendo tanto quanto ele, o verdadeiro pai. Voltou ao diálogo:

Rafael: - Tenha fé, Jaime, Deus sabe o que faz, precisamos é rezar muito e pedir prá que “Ele”, envie com a máxima urgência um doador para Rodrigo, “Ele” vai nos atender, tenha calma, vai dar tudo certo, se Deus quiser.

Jaime: - Antônio, eu até esqueci de te agradecer, por tudo o que você fez, você foi fundamental na resolução deste problema, acho que se não fosse você, nós ainda estaríamos estacionados, parados, e a coisa estaria bem pior, se não estivesse, ia ficar, obrigado, mesmo, Deus saberá te recompensar, me

permita apenas um comentário: “- Sua mulher perdeu um grande marido e seus filhos um grande pai”, agora você me dá licença, mas eu tenho que ir embora, meus problemas apenas começaram, mais uma vez obrigado por tudo, apareça por lá depois, estamos te esperando, tenho certeza de que Marli também vai querer te agradecer pessoalmente. Um grande abraço.

Jaime retirou-se, deixando Rafael, com os olhos marejados de lágrimas, pensando: “- Este Jaime é realmente um grande homem, mas se ele soubesse...”, ele ainda ficou muito tempo sentado neste bar, tomando café e tentando se refazer, e aceitar o que o Doutor Armando dissera, não conseguia aceitar, nem se conformar com a situação, era drástico demais, pensou em ir visitar Rodrigo, como fazia rotineiramente quando não tinha o que fazer, mas se deu conta que o clima naquela casa deveria estar pesado demais, com as notícias, que certamente Jaime já estaria passando para o restante da sua família, resolveu que era melhor deixa-los pelo menos hoje a sós com os seus problemas, amanhã iria visitar o seu filho Rodrigo, e automaticamente ficar sabendo como fôra a receptividade do demais, às notícias, e também se certificar de que eles, não contaram nada a Rodrigo, que o mantiveram distante destes problemas, poupando-o de mais preocupações e aporrinhações. Rafael resolveu voltar ao seu hotel, para tentar dormir de modo que se refizesse emocionalmente, mas não conseguia, estava muito tenso, precisou tomar um calmante para dormir o que só conseguiu às altas horas da madrugada.

XXVII

Ao acordar no dia seguinte Rafael, teve um lampejo, como se uma luz divina, clareasse toda a sua vida, mostrando-lhe de uma forma muito simples, mais uma opção para tentar resolver o problema do seu filho, levantou-se, fez a sua higiene e imediatamente, seguiu em direção à clínica do Doutor Armando, ao chegar pediu insistentemente à recepcionista para que ele o atendesse, o Doutor, foi de uma solicitude muito grande para com Rafael:

- Pois não “Seu Antônio”, o senhor queria falar comigo? Alguma novidade sobre o seu afilhado?
- Não Doutor, nenhuma, eu só queria saber do senhor, qual é a possibilidade de eu fazer um exame, o mesmo que todos os familiares fizeram, no sentido de saber-se da possibilidade de eu poder vir a ser o doador?
- É muito difícil, que o senhor tenha alguma compatibilidade com o paciente, pois o senhor não tem nenhum vínculo familiar com ele, porém se o senhor insiste, eu posso fazer, mas...
- Eu gostaria muito de fazer, Doutor, mas antes de qualquer coisa, eu gostaria que o senhor mantivesse, tanto o exame como o resultado dele no maior sigilo possível.
- E porque tanto sigilo?

- É para que não se crie novas esperanças, na família.
- Muito bem, nós podemos fazer os exames amanhã mesmo se o senhor quiser, o senhor já conhece os procedimentos, portanto eu lhe aguardo aqui amanhã, à primeiras horas da manhã, porém antes que o senhor faça os exames, eu gostaria que o senhor pensasse bastante a respeito, porque em última hipótese, caso o senhor seja compatível, com o paciente, o senhor tem certeza de que estaria preparado para ceder uma parte do seu corpo para alguém? O senhor teria certeza de que futuramente não se arrependeria? Porque é comum criar-se traumas após as doações, as pessoas sentem como se tivessem faltando-lhes pedaços do corpo. Portanto gostaria que o senhor pensasse muito bem a respeito e caso desista, simplesmente não compareça ao exame, que eu entenderei perfeitamente, reflita muito a respeito, porque às vezes fazemos coisas por impulsos e depois no arrependemos, aí já é tarde demais.
- Tudo bem Doutor, eu entendi muito bem, mas eu já estou mais do que convencido, amanhã, estarei aqui sem falta.

Rafael compareceu, logo cedo como combinado, e fez todos os exames, os mesmos que foram feitos aos outros, aguardou ansiosamente os resultados e para sua alegria, todos os resultados foram positivos, ele era o doador que seu filho precisava, o médico ficou muito surpreso, com tamanha coincidência, quase não acreditou, estava até disposto a refazer todos os exames, mas Rafael passou e lhe explicar:

- Doutor o senhor pode marcar com a família a operação para o transplante, porém antes eu gostaria de contar uma grande história para o senhor, porém eu quero que o senhor me prometa de que tudo o que o senhor vai ouvir agora, levará consigo, para o seu túmulo, isto é não poderá ser contado pra mais ninguém, vou apelar inclusive para sua ética profissional, sei também que é contra indicado pelos psicólogos que doadores e receptores se conheçam e que tenham contatos, portanto mais uma vez eu lhe imploro para que nunca em sua vida o senhor comente qualquer coisa com alguém, pois isto poderia vir a destruir toda a felicidade de uma família inteira, o senhor promete?
- Claro que sim.
- Então vamos lá: Meu nome na realidade é Rafael Vieira da Silva, e não Antônio Carlos, como o senhor tem na sua ficha, eu sou o pai legítimo de Rodrigo, mas não pense que a mãe dele traiu o seu pai comigo, não, a história é outra, eu fui casado com ela e nós tivemos três filhos, Júnior o mais velho, Rodrigo, este do meio, que é seu paciente e uma filha caçula chamada Rafaela, em 1968 eu fui preso, quando saía do meu trabalho, junto com alguns terroristas, em uma praça da Tijuca, eu nunca fui terrorista, mas quando a polícia chegou, eu estava muito próximo a eles, e eles prenderam todos nós, não me deixaram nem falar, já foram me batendo, me espancando, fui parar no interior de São Paulo e lá fiquei preso por mais de dez anos, sofrendo tudo, sendo humilhado, degradado,

sendo torturado, para que confessasse coisas que eu não tinha nem idéia do que seria, depois de todos estes anos eles me contaram tudo, que eles erraram na minha prisão e me disseram que a minha família já pensava que eu estava morto há muito tempo, que eles forjaram um acidente com um carro, que depois explodiu e que meus documentos foram encontrados, junto aos corpos carbonizados de indigentes, que eles colocaram no local, como se fossemos nós, depois de mais alguns anos, um dia eu acordei em um hotel no centro de Vitória, no Espírito Santo, havia sido dopado na noite anterior, com algumas roupas, dinheiro, uns documentos com este nome de Antônio Carlos, e um bilhete anônimo, me orientando como eu deveria agir na minha vida, e sendo ainda ameaçado de vigília constante, bilhete este que eu tenho guardado até hoje, que é a única prova do que eu estou falando, embora não sirva para nada, a minha primeira providência foi voltar para a minha família, mas como? Voltar feito um fantasma volta do túmulo? Invadir a casa e dizer: - Eu voltei gente! Eles pensavam que eu estava morto, o que eu podia fazer? Fui pouco a pouco tentando me aproximar, de forma, a saber, alguma coisa da vida deles, e descobri, anonimamente, através dos vizinhos, que a minha mulher já havia se casado outra vez, há muitos anos e que vivia muito bem com o seu atual marido, tentei contato, e fiz amizade com o meu filho mais velho sem me identificar, ele também não me conhecia, e descobri através de conversas, com ele, que eles amavam o seu padrasto como se fosse seu verdadeiro pai, que o respeitavam muito, haviam se esquecido totalmente de mim, nem sequer falavam no meu nome, então eu me omiti, e resolvi não mais aparecer, tinha decidido a ir embora de uma vez por todas, deixa-los viver a sua própria vida, não estragar a sua felicidade, até que descobri esta doença do meu filho, fiz amizade com eles de forma a ficar perto do meu filho, passei a freqüentar a casa deles para visitar o meu filho doente, e de uma maneira ou de outra ficar perto dos outros dois, mesmo que fosse incógnito, eu me sentia feliz desta forma, ela, a minha mulher nunca me reconheceu, nem ela nem ninguém, nem mesmo meus irmãos, eu tenho dois, não podia passar na cabeça deles a possibilidade de eu estar vivo, não quis também me identificar a eles, senão eles acabariam deixando escapar, e eu poderia ser proibido de visitar o meu filho, e isto eu não queria que acontecesse, preferi ficar no anonimato, porém perto deles, dos meus filhos, acabei fazendo uma grande amizade com Jaime, que é o padrasto dele, é uma pessoa realmente muito boa, e me propus a ajuda-lo na tentativa de cura de Rodrigo, na procura de outras opções, até que vim ter com o senhor, e a história resumida é esta Doutor, eu sou realmente o pai dele, por isso a compatibilidade, e agora eu quero doar um de meus rins para o meu filho, o senhor pode providenciar tudo?

- “Seu Antônio”, isso é mesmo verdade? Eu posso ser sincero? Eu nunca em minha vida vi uma história tão maluca, tão complicada e tão triste assim.

- Maluca, Doutor, mas pode acreditar que é verdadeira, o senhor vai fazer a cirurgia?
- Claro que sim.
- Mas tem outra coisa Doutor, eles jamais poderão ficar sabendo que fui eu quem doou o órgão, e o senhor também não é obrigado a dizer o nome do doador, não é? Eu vou ter que inventar uma viagem durante o período em que estiver internado aqui, eles pensam que eu ainda estou procurando a minha família, e eu direi que vou ter que viajar para seguir uma pista da minha família, que me deram, e que vou procura-los, depois que o senhor me der alta, e eu estiver apto eu volto a visita-los dizendo que não encontrei ninguém, durante este período eu mantenho contato telefônico com eles para saber notícias de Rodrigo, como se eu estivesse bem longe, para não despertar a menor suspeita. Tudo bem Doutor?
- Está me dando a impressão de que o senhor já estava com tudo planejado, não é mesmo? Mas eu não gosto de mentiras não.
- O senhor não vai mentir Doutor, vai omitir, é diferente, além de tudo o senhor vai agir como se não soubesse de nada, e vai simplesmente dizer, caso alguém pergunte, que nem mesmo o senhor sabe o nome do doador, que isso é uma questão de ética profissional, coisas deste tipo, o senhor sabe.
- Muito bem, mas isto implica em alguns problemas burocráticos, autorizações, documentos prá assinar etc.
- Tudo bem Doutor, pode providenciar tudo que eu assino a parte que me couber assinar. Mas eu gostaria que o senhor agilizasse isso, para que este transplante ocorresse imediatamente, mande o mais rápido possível comunicar à família que já arranhou um doador.
- Tudo bem vou fazer isso e quando estiver tudo pronto, eu mando lhe chamar imediatamente.
- Ótimo, estarei aguardando.

No dia seguinte Jaime recebera um chamado a clinica, quando lhe fôra comunicado da existência de um órgão para o seu filho, ele ficou tão feliz e eufórico, que fez questão absoluta de ir ao hotel de Rafael, comunicar-lhe pessoalmente, Rafael fingiu surpresa e alegria e indagou de Jaime se ele sabia quem seria o doador, ao que ele simplesmente respondeu: “Não, não sei, eles nunca dizem e eu também não perguntei, deixa prá lá”, e teve que acompanhar Jaime até a sua residência, para juntos comunicassem ao restante da família, fazendo um grande alarde e uma grande comemoração, Rodrigo até então não sabia de nada ainda, só soube que iria se submeter a uma nova cirurgia, agora com amplas possibilidades de melhorias, eles ficaram realmente muito felizes, Marli chorou muito, com certeza, de felicidade, Rafael aproveitando-se deste momento, avisou a Jaime que infelizmente não poderia estar

presente quando Rodrigo fosse operado, porque deveria seguir umas pistas dadas por antigos vizinhos seus, do possível local onde estariam vivendo seus irmãos, em Minas Gerais, e que ele não poderia perder esta oportunidade, há tanto ansiada, mas que fazia contatos constantes para saber notícias, Jaime sentiu muitíssimo, pois atribuía esta alegria fundamentalmente a Rafael, mas entendeu a sua situação, achando que seria até egoísmo deles, quererem que Rafael não pensasse em si próprio, alguns dias antes da operação Rafael já deixou de ir visitar Rodrigo, com a alegação de que iria viajar. Dias depois ele deu entrada na clínica para iniciar a retirada do seu órgão, porém antes de se iniciar a tal cirurgia, ainda no quarto, o Doutor tornou a enfatizar:

- “Seu Antônio, ainda está em tempo, caso o senhor queira desistir”.
- De maneira nenhuma Doutor, pode prosseguir, mas antes eu gostaria de lhe pedir mais uma coisa, caso aconteça alguma coisa comigo, fatal quero dizer, eu gostaria que o senhor mesmo tomasse todas as providências, no sentido de se aproveitar todos os órgãos úteis no meu corpo, e que eles fossem todos doados, eles deverão, com certeza, fazer a felicidade de alguém, pode mandar preparar o documento que eu assino, e que também o senhor mesmo, providenciasse o meu funeral, eu tenho dinheiro suficiente na minha carteira, e que não comunicasse nada a ninguém da família deles, deixasse que eles, simplesmente pensassem que eu reencontrei a minha família e que havia ficado por lá, em Minas Gerais, onde eles pensam que eu viajei, eu gostaria de morrer como eu sempre vivi, sozinho, o senhor promete?
- Deixa de bobagem “Seu Antônio”, não vai lhe acontecer nada, o senhor tem uma saúde de ferro, e ainda vai ver o seu filho recuperado, com certeza, procure ficar calmo, estes pensamentos não ajudam em nada...
- Mas o senhor promete, que vai fazer o que pedi?
- Prometo, em nome de Deus.

O Doutor Armando ficou muito sensibilizado, com as atitudes de Rafael, achava que ele era realmente um grande homem, uma grande alma, de um coração enorme, e intimamente prometeu a si mesmo que cumpriria tudo o que ele lhe pediu.

No dia seguinte, deu-se quase que simultaneamente as cirurgias, o transplante a Rodrigo se sucedeu com pleno sucesso, com uma receptividade excepcional, o organismo de Rodrigo recebera o órgão como se fosse seu, o Doutor tinha certeza absoluta de que não poderia haver a menor possibilidade de rejeição, Doutor Armando, assim como a sua equipe estavam muito eufóricos e felizes, tinham certeza de que a cirurgia fôra um sucesso absoluto, seria só uma questão de tempo a recuperação do paciente, mas a cirurgia de Rafael não transcorreu tão bem assim, teve alguns problemas, com paradas cardíacas e respiratórias, que pôs em risco a vida do paciente, conseguiram salva-lo, porém o caso dele ainda necessitava de observações constantes, estava muito complexo, fôra transferido para o Centro de Tratamento Intensivo, e ainda não despertara, entrara em coma, o Doutor fazia tudo o que estava ao seu alcance, mal conseguindo dormir, fazia uma vigília constante, no

CTI, mas nada, estava muito preocupado, se desdobrava em atenções, mas nada, o estado dele não progredia.

Rodrigo até já recebia visitas, no quarto, o seu restabelecimento, ia muito bem, dias se passaram, ficaram surpresos porque ainda não haviam recebido nenhum telefonema de “Antônio”, Rodrigo perguntava muito por ele, pensaram até que ele estaria com dificuldades de contato, ou que realmente havia encontrado a sua família, e estava tão feliz que se esquecera deles, porém a gratidão que eles sentiam por Rafael, era muito grande e eles não esqueciam de forma alguma, daquele que desinteressadamente dera o primeiro passo para esta felicidade que se apossava deles, “- Deus queira que ele tenha reencontrado a sua família que ele esteja também muito feliz, assim como nós estamos, ele merece muito esta felicidade”, pensavam quase que em corrente de pensamentos.

Rafael continuava, descordado, até que um dia na presença do Doutor Armando, Rafael dava sinais de que iria despertar, o Doutor acionou imediatamente toda a sua equipe, até que Rafael finalmente abrisse, timidamente, os olhos, olhou ao redor, não se apercebendo de toda aquela movimentação à sua volta, estava ainda tomando par da situação, meio zozzo, meio desorientado, até que fixou o olhar em um ponto, exatamente no rosto do Doutor, que olhando fixamente para ele lhe perguntou:

- Rafael, você está me reconhecendo?

Rafael olhou, calmamente, pedaço por pedaço do seu rosto e respondeu:

- Claro que sim, Doutor Armando.

Todos vibraram, principalmente o Doutor Armando, e Rafael continuou com a voz pausada.:

- Fala aí Doutor, como foi a operação do meu filho?
- MUITÍSSIMO bem, ele já está até no quarto, pode ficar tranquilo, está tudo sob controle.
- Graças a Deus, obrigado Doutor...

Pendeu a cabeça para o lado e morreu, todos imediatamente tentaram uma ressurreição, através de aparelhos, mas fôra em vão, ele estava definitivamente morto, lágrimas rolaram, coisa muito difícil de se ver em pessoas tão experientes, tão acostumadas a estas situações, calaram-se por instantes, como se venerando aquele corpo, aquele espírito tão bom.

Doutor Armando tomou pessoalmente todas as providências para fazer o seu funeral, foi a única pessoa presente em seu velório, fez tudo conforme lhe fôra prometido, e na sua lápide, colocou um epitáfio, homenageando-o, que dizia:

“AQUI JAZ UM ANJO, UM ANJO NÃO IDENTIFICADO”

Fim